

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Pós-graduação em Educação e Docência

Giovana Marques Carraro Machado

**Design gráfico, memória institucional e divulgação científica: um almanaque
para os 25 anos da UFMG Jovem**

Belo Horizonte

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Pós-graduação em Educação e Docência

Giovana Marques Carraro Machado

**Design gráfico, memória institucional e divulgação científica: um almanaque
para os 25 anos da UFMG Jovem**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Glaucinei Rodrigues Corrêa

Belo Horizonte

2025

M149d
T Machado, Giovana Marques Carraro, 1989-
Design gráfico, memória institucional e divulgação científica [manuscrito] :
um almanaque para os 25 anos da UFMG Jovem / Giovana Marques Carraro
Machado. -- Belo Horizonte, 2025.
107 p. : enc., il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação.
[Inclui apêndice com recurso educacional com o título: Almanaque UFMG
Jovem [recurso eletrônico] : 25 anos / Giovana Marques Carraro Machado. -- Belo
Horizonte: UFMG / FaE, 2024. -- 79 p. : il., color.].
Orientador: Glaucinei Rodrigues Corrêa.
Bibliografia: f. 97-102.
Anexos: f. 103-107.

1. Universidade Federal de Minas Gerais -- Memória -- Teses. 2. UFMG
Jovem, (25 : 2024 : Belo Horizonte, MG) -- Teses. 3. Educação -- Teses.
4. Extensão universitária -- Teses. 5. Artes gráficas -- Teses. 6. Comunicação
visual -- Teses. 7. Divulgação científica -- Teses. 8. Educação básica -- Teses.
I. Título. II. Corrêa, Glaucinei Rodrigues, 1972-. III. Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 378.1554

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FAE - COLEGIADO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA ALUNA GIOVANA MARQUES CARRARO MACHADO

Realizou-se, no dia 03 de junho de 2025, às 15h, sala 5102, Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 607ª defesa de dissertação, intitulada "*Design gráfico, memória institucional e divulgação científica: um almanaque para os 25 anos da UFMG Jovem*", apresentada por GIOVANA MARQUES CARRARO MACHADO, número de registro 2023658556, graduada no curso de DESIGN GRÁFICO, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof. Glaucinei Rodrigues Correa - Orientador(a) (Universidade Federal de Minas Gerais), Prof. Santer Alvares de Matos (Universidade Federal de Minas Gerais), Prof(a). Renata Amaral de Matos Rocha (Universidade Federal de Minas Gerais).

Título do Recurso Educacional:

Almanaque UFMG Jovem.

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada.

Reprovada.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 03 de junho de 2025.

Prof. Glaucinei Rodrigues Correa (Doutor)

Prof. Santer Alvares de Matos (Doutor)

Prof(a). Renata Amaral de Matos Rocha (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Renata Amaral de Matos Rocha, Professora Ensino Básico Técnico Tecnológico**, em 11/07/2025, às 11:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Glaucinei Rodrigues Correa, Pró-reitor(a)**, em 11/07/2025, às 13:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Santer Alvares de Matos, Professor(a)**, em 11/07/2025, às 13:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4218888** e o código CRC **C0685569**.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, Glaucinei Rodrigues, pela confiança no projeto, pela escuta atenta e por permitir que eu seguisse com esta pesquisa mesmo diante das incertezas iniciais. Sua postura respeitosa e serena foi fundamental para que este trabalho pudesse se concretizar.

Aos professores que integraram a banca de avaliação, Renata Amaral e Santer Matos, agradeço pelas leituras cuidadosas, pelas contribuições generosas e pela disposição em colaborar com o amadurecimento desta dissertação.

À equipe docente e técnica do PROMESTRE, meu reconhecimento pela formação plural e comprometida, que me desafiou a olhar para a pesquisa com rigor e criatividade. Em especial, agradeço aos professores e amigos da linha de pesquisa em museus e design, que compartilharam comigo tantas reflexões, encontros, incertezas e descobertas ao longo desta jornada.

Aos colegas do trabalho que torceram por mim e cobriram ausências durante o período de dedicação integral a esta pesquisa, deixo meu agradecimento sincero. Ao Cedecom, sou grata pela confiança e pelo espaço concedido para o desenvolvimento desta etapa formativa.

À equipe da feira UFMG Jovem, agradeço pelo acolhimento, pela confiança e pelo trabalho coletivo que tornou possível o acesso aos registros, aos arquivos e às histórias que sustentam esta pesquisa. O entusiasmo, a memória e o compromisso de cada pessoa envolvida com a feira ao longo desses 25 anos foram inspiração constante durante todo o percurso.

Aos meus pais, Pedro e Márcia, agradeço pelo exemplo, pelo incentivo incondicional aos estudos, pelo suporte constante e pelas orações que me acompanharam em todos os momentos. Que o meu agradecimento a Deus esteja contido na fé viva de vocês.

À minha irmã Gisele, minha principal companhia nessa travessia: obrigada por literalmente cuidar de mim quando eu não conseguia cuidar sozinha, por dividir comigo todas as etapas — da ansiedade aos ajustes finais de texto. Ter você ao lado tornou possível o que parecia inviável.

Ao meu irmão Giancarlo e à Nayara, minha cunhada, por todo o incentivo e apoio desde o início do processo seletivo — e por serem para mim referências de integridade acadêmica e generosidade intelectual.

À Aline e ao Christiano, agradeço pelos estímulos dos primeiros passos e pela ajuda prática quando eu precisei mais. À tia Margarida e a todas minhas outras tias e tios, minha gratidão pelas preces e pelo carinho.

À Josi, minha amiga, deixo um agradecimento profundo e afetivo: foi ela quem primeiro me apresentou o Promestre, quem me incentivou a me inscrever, leu e revisou meus textos, acreditou na minha pesquisa desde antes de ela existir. Sem Josi, eu não teria começado — e certamente não teria continuado.

Aos amigos com quem dividi o cotidiano da escrita, os medos das entregas e as pequenas vitórias, minha gratidão pela companhia generosa e pela escuta constante.

E a todos que, de alguma forma, acompanharam essa caminhada — nas palavras ditas, nas trocas silenciosas, nos gestos de apoio —, meu sincero muito obrigada.

RESUMO

Esta dissertação investiga o papel do design gráfico como instrumento de mediação crítica da memória institucional e da popularização da ciência, a partir da análise dos 25 anos da feira UFMG Jovem. Criada em 1999, a feira consolidou-se como espaço de diálogo entre universidade e sociedade. O objetivo central da pesquisa foi analisar a memória institucional da UFMG Jovem e fundamentar a elaboração de um almanaque gráfico-educativo comemorativo, destinado a estudantes e professores da educação básica. A abordagem metodológica adotada foi qualitativa, exploratória e aplicada, ancorada na análise documental de registros institucionais (anais, boletins, materiais gráficos e fotográficos) produzidos entre 1999 e 2024. A análise foi conduzida em duas etapas: avaliação preliminar dos documentos, considerando autoria, contexto e confiabilidade, e categorização temática com codificação crítica, visando identificar recorrências, lacunas e disputas simbólicas. A fundamentação teórica articulou três eixos: popularização da ciência como direito cultural, design gráfico como linguagem situada e memória institucional como campo simbólico em disputa. A proposta do almanaque incorporou princípios do design de informação, recepção ativa e letramento visual. A análise revelou processos de expansão e resiliência da feira, marcados por desafios como interrupções, lacunas de registro e reinvenção durante a pandemia de Covid-19. O almanaque resultante organiza-se em módulos temáticos, linha do tempo e recursos gráficos que buscam estimular a apropriação crítica do conhecimento científico. Os resultados evidenciam o papel do design gráfico, como ferramenta de mediação, na democratização da memória institucional, no fortalecimento do vínculo universidade–educação básica e na ampliação do acesso à informação, especialmente para públicos historicamente marginalizados. Conclui-se que a articulação entre design, educação e memória potencializa práticas de popularização da ciência, embora persistam desafios de inclusão e sustentabilidade. O estudo reafirma o papel da extensão universitária na promoção da cultura científica como direito e destaca o almanaque como dispositivo de preservação e ativação crítica da memória da UFMG Jovem, projetando continuidade para iniciativas de divulgação científica e de memória institucional no Brasil.

Palavras-chave: design gráfico; memória institucional; popularização da ciência; educação básica; extensão universitária, UFMG Jovem.

ABSTRACT

This dissertation examines the potential of graphic design as a critical mediating tool for institutional memory and science communication, based on an analysis of the 25-year history of the UFMG Jovem science fair. Established in 1999, the fair has become a key platform for dialogue between the university and society, fostering educational, scientific, and cultural practices beyond formal schooling. The main objective was to analyze the institutional memory of UFMG Jovem and develop a commemorative graphic-educational almanac for students and teachers in basic education. The research adopted a qualitative, exploratory, and applied approach, grounded in documentary analysis of institutional records (proceedings, newsletters, graphic materials, and photographs) produced between 1999 and 2024. The analysis followed a two-step method: preliminary assessment of documents, considering authorship, context, and reliability, followed by thematic categorization and critical coding to identify patterns, gaps, and symbolic disputes. The theoretical framework integrated three axes: science communication as a cultural right, graphic design as a situated language, and institutional memory as a symbolic field in dispute. The almanac proposal incorporated principles of information design, active reception, and visual literacy. The analysis revealed processes of expansion and resilience in the fair's trajectory, marked by challenges such as interruptions, documentation gaps, and reinvention during the Covid-19 pandemic. The resulting almanac organizes critical and visual narratives into thematic modules, timelines, and graphic resources inspired by popular publications, aiming to stimulate active engagement with scientific knowledge. Findings indicate that graphic design, as a mediating tool, democratizes institutional memory, strengthens university-basic education connections, and expands access for marginalized groups, such as students from public schools in peripheral areas. The study concludes that the intersection of design, education, and memory enhances science communication practices, while persistent challenges related to inclusion and sustainability remain. It reaffirms the role of university extension in promoting scientific culture as a right and positions the almanac as an innovative device for preserving and critically activating the memory of UFMG Jovem, projecting continuity for future science communication and institutional memory initiatives in Brazil.

Keywords: graphic design; institutional memory; science communication; basic education; university extension; UFMG Jovem

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pictogramas ISO 7001.....	29
Figura 2 – Diagrama “The Measure of Man” (1959).....	29
Figura 3 – Mapa de Mercator.....	30
Figura 4 – Mapa Dymaxion.....	30
Figura 5 – Mapa-múndi com o Brasil ao centro.....	31
Figura 6 – Conjunto de objetos industrializados com a designação “cor de pele”.....	32
Figura 7 – Representações visuais de ônibus escolares.....	33
Figura 8 – Storyboard com finais alternativos para uma narrativa visual.....	35
Figura 9 – Capas dos Boletins da UFMG de 1999 e 2000.....	59
Figura 10 – Foto do estande da IV UFMG Jovem em 2003.....	62
Figura 11 – Foto do estande da UFMG Jovem de 2007.....	64
Figura 12 – Identidade visual da XVII UFMG Jovem aplicada em troféus.....	66
Figura 13 – Cientistas aguardando início da atividade, na 25 UFMG Jovem.....	70
Figura 14 – Capa do Almanaque UFMG Jovem.....	72
Figura 15 – Capas de revistas e almanaque.....	73
Figura 16 – Capas dos almanaques EJA e Abril.....	74
Figura 17 – Identidades visuais da UFMG Jovem de diferentes anos.....	75
Figura 18 – Páginas do Almanaque UFMG Jovem.....	77
Figura 19 – Faixas com a linha do tempo.....	78
Figura 20 – Páginas com a introdução do desafio.....	79
Figura 21 – Páginas do almanaque.....	80
Figura 22 – Página com instruções para pesquisa.....	81
Figura 23 – Glossário do almanaque UFMG Jovem – Parte 1 e 2.....	82
Figura 24 – Páginas com exemplos da utilização do grid modular.....	84
Figura 25 – Hierarquia visual com títulos e grafismos.....	85
Figura 26 – Comparação entre fontes tipográficas.....	86
Figura 27 – Paleta de cores do Almanaque UFMG Jovem.....	87
Figura 28 – Páginas sobre a edição da feira que não aconteceu em 2001.....	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diferenças entre divulgação científica e popularização da ciência.....	22
Quadro 2 – Camadas da leitura visual segundo Serafini (2014).....	36
Quadro 3 – Princípios do design de informação segundo Pettersson (2002).....	38
Quadro 4 – Eixos interpretativos emergentes na análise documental da UFMG Jovem.....	49

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Hábitos culturais em espaços de ciência e tecnologia (C&T) nos últimos 12 meses.....	24
Gráfico 2 - Frequência das fontes com que os entrevistados buscam informações de C&T.	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 Contextualização da temática.....	18
1.2 Delimitação do objeto e foco da pesquisa.....	19
1.3 Problema de pesquisa.....	19
1.4 Objetivo geral.....	19
1.5 Objetivos específicos.....	19
1.6 Justificativa.....	20
2 REFERENCIAL TEÓRICO	21
2.1 Popularização da ciência como direito cultural.....	21
2.1.1 A extensão universitária na UFMG: princípios, políticas e práticas.....	25
2.2 Design gráfico como mediação crítica.....	27
2.2.1 Design como linguagem situada e política.....	28
2.2.2 Design, recepção ativa e letramento visual.....	34
2.2.3 Princípios do design de informação.....	37
2.3 Memória institucional e identidade visual.....	39
2.3.1 Lugares de memória e construção da memória institucional.....	40
2.3.2 Memória documental e curadoria crítica da UFMG Jovem.....	42
2.4 Considerações finais do capítulo.....	44
3 METODOLOGIA	46
3.1 Tipo de pesquisa e abordagem metodológica.....	46
3.2 Fontes documentais e critérios de seleção.....	47
3.3 Procedimentos de análise documental.....	48
3.4 Desenvolvimento do produto gráfico-educativo.....	50
3.5 Considerações éticas e limitações da pesquisa.....	51
4 A UFMG JOVEM	53
4.1 As origens da UFMG Jovem: entre a SBPC e a extensão universitária.....	54
4.2 A conta que não fecha: o ano que não houve.....	60
4.3 Retomada e reorganização institucional (2002–2006).....	60
4.4 Expansão e reconhecimento nacional (2007–2014).....	63
4.5 Reconfigurações, redes e memória extensionista (2015–2019).....	65
4.6 Desafios e reinvenções (2020–2024).....	68
4.7 Considerações finais do capítulo.....	70
5 ALMANAQUE UFMG JOVEM	71
5.1 Concepção do almanaque: fundamentos, formato e linguagem.....	72
5.2 Estrutura e recursos visuais.....	76
5.3 Mediação da memória institucional no almanaque.....	88
5.4 Considerações finais sobre o produto.....	90
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
6.1 Contribuições da pesquisa.....	92
6.2 Limites da pesquisa.....	94
6.3 Desdobramentos e caminhos futuros.....	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
APÊNDICE	102
ANEXOS	103

MEMORIAL ACADÊMICO

O presente memorial traça uma jornada que entrelaça formação acadêmica, experiências profissionais e reflexões pessoais, demonstrando como esses elementos convergiram para a pesquisa desenvolvida nesta dissertação.

Nasci na cidade de Ipatinga, no Vale do Aço mineiro, filha de um metalúrgico e de uma professora da rede municipal. Entre o turno da fábrica e a sala de aula, tive a oportunidade de crescer em um ambiente que valorizava os estudos desde cedo. Meu processo de alfabetização começou antes mesmo da escola, por meio dos gibis da Turma da Mônica e de outras revistas ilustradas. Os quadrinhos não apenas me introduziram ao universo da leitura, mas mostraram como imagens e textos contam histórias juntos. Anos depois, quando escolhi trabalhar com comunicação visual, percebi que aquelas revistas da infância já tinham plantado a semente do que viria a ser minha profissão.

Durante os anos formativos da Educação Básica, tive a oportunidade de transitar entre instituições de ensino públicas e uma particular, experiência que me colocou em contato com diferentes abordagens pedagógicas. No entanto, foi especialmente o prazer pela leitura que me proporcionou acesso a um universo de conhecimentos que ia muito além da minha realidade local. Eu tinha particular interesse em revistas como a *Superinteressante*, *Ciência Hoje* e *Recreio*, e gostava muito de ler e folhear publicações como o *Almanaque Abril*, enciclopédias *Barsa* e o *Geoatlas*. Em retrospectiva, vejo que essas publicações exerceram influência em minha escolha pelo design gráfico – não tanto pelo conteúdo a priori, mas principalmente pela forma como articulavam linguagem visual e textual para comunicar conceitos complexos a públicos como eu, que ainda desconhecia a maioria dos assuntos abordados. As cores, fotos, diagramações, infográficos e ilustrações dessas publicações despertavam o meu interesse pelo conteúdo, sinalizando um caminho profissional que naquele momento eu ainda não saberia nomear completamente.

Por valorizar a qualidade do ensino público gratuito, logo após concluir o Ensino Médio, concorri a vagas em universidades de Minas Gerais e outros estados. Em 2007, fui aprovada nos cursos de Design Gráfico da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e Comunicação Social da Universidade Federal de Minas

Gerais (UFMG). Intuindo a complementaridade dessas formações, encarei o desafio de cursar ambas simultaneamente. Essa escolha só foi possível graças às políticas de assistência estudantil da UFMG, que me garantiram moradia universitária em Belo Horizonte – apoio essencial para quem, como eu, iniciava a trajetória acadêmica longe de casa.

Minha passagem pela UFMG foi marcada pela interdisciplinaridade: apesar de ter optado pela habilitação em Publicidade e Propaganda no curso de Comunicação Social, busquei disciplinas das outras habilitações, como Jornalismo e Rádio e TV, e cursos de extensão na Escola de Belas Artes e na Faculdade de Letras, configurando uma formação plural que seria fundamental para minha atuação profissional futura. Durante a graduação, enquanto ainda explorava as possibilidades de atuação profissional, alimentei o desejo de ingressar no Curso Abril de Jornalismo (CAJ) da Editora Abril, vislumbrando a oportunidade de trabalhar justamente com aquelas mesmas revistas que moldaram minha relação inicial com o conhecimento. Embora não tenha sido selecionada para esse programa específico, ainda hoje mantenho o interesse especial em temas como comunicação, divulgação científica e design editorial.

Após concluir as duas graduações, direcionei meus esforços para ingressar no mercado de trabalho, atuando em agências de publicidade e escritórios de design. Embora breve, essa experiência inicial foi fundamental para o meu aprimoramento técnico, ainda que alinhado às dinâmicas e exigências do setor privado. Foi em 2014, após aprovação em concurso público, que minha trajetória profissional ganhou um novo direcionamento ao ingressar no quadro de servidores da UFMG como programadora visual¹. A transição do setor privado para o setor público redirecionou minha atividade profissional de volta para o ambiente educacional, contexto no qual pude desenvolver novas habilidades técnicas e relacionais.

Meu primeiro projeto como programadora visual da UFMG foi a criação da identidade visual da 15ª UFMG Jovem, feira de ciências da Universidade voltada à Educação Básica. Essa experiência me conectou a um público diversificado dentro e

¹ Programador visual é o nome dado ao cargo de designer gráfico na carreira dos servidores técnicos administrativos em Educação.

fora da Universidade e resgatou memórias afetivas das feiras científicas que participei durante os meus anos escolares – eventos que haviam proporcionado meus primeiros contatos com o universo da pesquisa, mesmo que eu ainda não conhecesse o conceito formal de divulgação científica. A partir desse projeto inicial, tornou-se parte do meu trabalho acompanhar as edições subsequentes da UFMG Jovem, além de outros grandes eventos institucionais, contribuindo na criação de *briefings*² e soluções visuais em colaboração com a equipe do setor de criação do Centro de Comunicação (Cedecom) da UFMG. Essa vivência profissional em um ambiente acadêmico ampliou minha percepção de que o design, quando articulado a propostas educativas, transcende sua função estética para se tornar ferramenta estratégica para a popularização e mediação entre conhecimento científico e sociedade.

Com a proximidade do marco dos 25 anos da UFMG Jovem – completados em 2024, uma década após meu ingresso como servidora na Universidade –, comecei a vislumbrar uma oportunidade para desenvolver um projeto editorial capaz de preservar e celebrar a memória histórica do evento. A inspiração para pensar esse formato remonta, novamente, às minhas experiências formativas com publicações impressas – das revistas em quadrinhos da infância aos almanaques que mesclavam informação, entretenimento e conhecimento científico. Considero que as estruturas fragmentadas desses tipos de publicações, que articulam textos, imagens e infográficos em narrativas não-lineares, dialogam com a natureza multifacetada da UFMG Jovem: um evento que congrega projetos científicos diversos, atividades artísticas e intercâmbios intergeracionais.

Foi com essa ideia em mente que elaborei um projeto de pesquisa para ingressar no mestrado profissional em Educação, especificamente na linha de Educação e Design, representando um esforço consciente para integrar formalmente esses dois campos que sempre se entrelaçaram em minha formação e atuação. Durante as disciplinas do programa, percebi o interesse genuíno de colegas e professores por conhecimentos relacionados ao Design, assim como o crescente reconhecimento do

² Um briefing é um documento que reúne informações essenciais sobre um projeto, como seus objetivos, público-alvo, prazos e requisitos, servindo de guia para orientar sua execução e garantir que todos os envolvidos estejam alinhados quanto às expectativas e diretrizes do trabalho.

campo não só por suas funções estéticas, mas como ferramenta metodológica capaz de aprimorar práticas pedagógicas. Para mim, essa receptividade tornou ainda mais evidente o potencial da interface entre Design e Educação, reforçando a relevância de pesquisas que investiguem essa interseção em contextos educacionais diversos.

A pesquisa aqui apresentada busca não apenas documentar a trajetória histórica da UFMG Jovem, mas também ressignificá-la como experiência formativa capaz de inspirar novas gerações de estudantes e educadores. Por meio de uma análise documental sistemática e da fundamentação teórica em divulgação científica, memória institucional e design crítico, desenvolvi o almanaque gráfico-educativo que acompanha esta dissertação. Essa abordagem reflete minha convicção de que o design, enquanto campo de conhecimento e prática, também pode contribuir para democratizar o acesso ao conhecimento científico.

Esta pesquisa emerge, portanto, da convergência entre minha formação acadêmica, trajetória profissional e experiências pessoais. Das revistas em quadrinhos que me alfabetizaram aos projetos gráficos institucionais que desenvolvo atualmente, percebo um fio condutor na valorização da comunicação visual como mediadora de processos educativos. Nesse sentido, o mestrado profissional representou uma oportunidade de sistematizar conhecimentos acumulados empiricamente e desenvolvê-los com metodologias e discussões acadêmicas, consolidando minha formação como designer comprometida com a educação pública, inclusiva e de qualidade. Ao articular Design e Educação de maneira sistemática e crítica, espero contribuir para o fortalecimento do tripé universitário – ensino, pesquisa e extensão – a partir de minha posição como servidora técnico-administrativa e pesquisadora. Este projeto, assim como minha trajetória, situa-se deliberadamente na interseção destes campos, buscando demonstrar como o diálogo entre diferentes saberes pode potencializar tanto a pesquisa acadêmica quanto a prática profissional no contexto da educação pública brasileira.

A proposta não trata apenas sobre o passado da feira, mas projeta-se no futuro, apontando caminhos para que iniciativas como a UFMG Jovem continuem vivas,

incentivando novos projetos e mostrando que a ciência não é exclusiva para especialistas – mas algo acessível e necessário para todos.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, intensificaram-se no Brasil os esforços de valorização da ciência enquanto prática social, ampliando as discussões em torno da democratização do conhecimento, da popularização da ciência e do papel das instituições públicas na comunicação com diferentes públicos. Museus, centros de ciência, feiras e atividades de extensão universitária passaram a ocupar um lugar de destaque nas políticas educacionais e científicas voltadas à formação cidadã e ao fortalecimento de vínculos entre universidade e sociedade (BRASIL, 2023; MASSARANI; MOREIRA, 2016).

Nesse contexto, iniciativas de divulgação científica promovidas por universidades públicas, como a UFMG Jovem, tornam-se particularmente relevantes. Criada em 1999, essa feira de ciências tem como objetivo estimular a produção científica entre estudantes da educação básica e promover o diálogo entre diferentes formas de saber. Com mais de duas décadas de existência, consolidou-se como uma das principais ações de extensão da Universidade Federal de Minas Gerais, articulando ensino, pesquisa, cultura e cidadania.

1.1 Contextualização da temática

A feira UFMG Jovem, ao longo de sua trajetória, promoveu experiências educativas que extrapolam os limites da escola e da sala de aula. Nessa medida, pode ser compreendida como uma prática situada no campo da educação não formal, categoria que, segundo Gohn (2006), abrange processos educativos sistemáticos realizados fora do sistema de ensino regular, frequentemente vinculados a ações comunitárias, culturais ou científicas. Essa compreensão se articula ao pensamento de Paulo Freire, para quem a educação é um processo permanente de construção de sentidos nas relações entre sujeitos e mundo (FREIRE, 1996).

No entanto, mais do que se restringir a essa classificação, esta dissertação propõe compreender a UFMG Jovem como uma prática de divulgação científica voltada à popularização da ciência, em consonância com políticas públicas que defendem o direito de todos à cultura científica (BRASIL, 2023). Entendida como ação de extensão universitária, a feira contribui para o fortalecimento do vínculo entre

universidade e sociedade e para a formação de sujeitos críticos por meio da valorização do conhecimento produzido em diferentes contextos.

1.2 Delimitação do objeto e foco da pesquisa

Esta pesquisa se debruça sobre os 25 anos da feira UFMG Jovem, entre 1999 e 2024, com o objetivo de analisar sua trajetória e transformações a partir de fontes documentais e institucionais. Como resultado desse processo, será desenvolvido um produto educacional e gráfico: um almanaque comemorativo, voltado a estudantes e professores da educação básica, para resgatar a memória da feira de modo a propor leituras críticas sobre a ciência e estimular a curiosidade por meio de estratégias de comunicação visual.

1.3 Problema de pesquisa

Considerando a importância da UFMG Jovem como iniciativa de extensão e divulgação científica, surge a seguinte questão:

Qual é o papel do design gráfico como instrumento de mediação crítica da memória institucional e da popularização da ciência, a partir da análise dos 25 anos da feira UFMG Jovem (1999–2024)?

A pesquisa parte da necessidade de reconhecer e valorizar a feira como uma importante ação de extensão universitária voltada à popularização da ciência. A proposta busca não apenas documentar sua trajetória, mas também construir um recurso gráfico-educativo que contribua para sua memória institucional e para sua relação com públicos escolares.

1.4 Objetivo geral

Desenvolver e fundamentar um produto gráfico-educacional temático dos 25 anos da feira UFMG Jovem, com foco na mediação visual e na popularização da ciência.

1.5 Objetivos específicos

- Analisar a trajetória da feira UFMG Jovem com base em documentos institucionais e registros disponíveis;

- Refletir sobre o papel da feira como prática de popularização da ciência e extensão universitária;
- Investigar abordagens teóricas que articulam design gráfico, memória institucional e divulgação científica;
- Desenvolver um almanaque comemorativo voltado a estudantes e professores da educação básica, incorporando estratégias de comunicação visual que promovam leitura crítica, curiosidade e apropriação do conteúdo científico.

1.6 Justificativa

Esta pesquisa justifica-se pela convergência de três aspectos interligados: (1) a relevância da feira UFMG Jovem como ação de extensão universitária; (2) a ausência de um registro sistematizado e de fácil acesso de sua trajetória institucional ao longo de seus 25 anos; e (3) a necessidade de desenvolver materiais educativos que promovam o direito à ciência e estimulem o engajamento crítico e cultural com o conhecimento científico.

A valorização da trajetória da feira até aqui exige não apenas o resgate documental, mas também a criação de formas comunicativas que tornem visíveis os sentidos atribuídos à feira ao longo do tempo. Nesse contexto, propõe-se o desenvolvimento de um produto gráfico-educativo – um almanaque temático – com base nos registros documentais da feira entre 1999 e 2024. A proposta se ancora no design gráfico como linguagem de mediação educativa, capaz de organizar visualmente conteúdos, ativar memórias e promover o acesso a saberes científicos de forma crítica e contextualizada.

A produção deste almanaque visa contribuir para a valorização da memória institucional da UFMG Jovem e para o fortalecimento de práticas de popularização da ciência voltadas ao público escolar. Trata-se de um projeto que articula pesquisa, extensão e prática profissional, em consonância com os princípios do mestrado profissional em educação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A tríade teórica da pesquisa: ciência, design e memória

Esta dissertação se ancora em três eixos centrais de fundamentação: a popularização da ciência como direito cultural, o design gráfico como linguagem de mediação crítica e a memória institucional como construção ativa e visual. Esses eixos orientam tanto a análise documental da trajetória da UFMG Jovem quanto a criação do produto gráfico-educativo proposto. Articulam-se a eles princípios transversais, como a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a recepção ativa do conhecimento e as práticas críticas de representação no design.

A elaboração do almanaque comemorativo da feira concretiza as articulações desenvolvidas ao longo da pesquisa, reunindo ciência, educação e design em uma proposta gráfica voltada a estudantes, professores e demais interessados na universidade pública. Mais do que um registro comemorativo, o almanaque propõe uma leitura crítica da história da feira e de suas visualidades, funcionando como um recurso de mediação entre ciência, educação e sociedade. A seguir, cada eixo teórico será apresentado à luz de autores que fundamentam as escolhas conceituais e metodológicas da pesquisa.

2.1 Popularização da ciência como direito cultural

O debate em torno da comunicação pública da ciência no Brasil tem se intensificado nas últimas décadas, refletindo transformações nos modos de conceber o papel do conhecimento na sociedade. Termos como *divulgação científica*, *vulgarização*, *alfabetização científica* e *popularização da ciência* refletem diferentes perspectivas sobre o público, a linguagem utilizada e o papel atribuído à ciência na sociedade, indicando, portanto, mais do que simples alterações terminológicas. A divulgação científica tem sido historicamente vinculada à mediação de conteúdos especializados para públicos leigos, com foco na clareza e na simplificação, como indicam os trabalhos fundadores de José Reis (1977) e, posteriormente, as contribuições de Wilson da Costa Bueno no campo do jornalismo científico (PICCOLI; STECANELA, 2023).

Já a popularização da ciência representa um deslocamento conceitual importante. Nesse modelo, o público é compreendido como sujeito ativo, capaz de atribuir sentidos próprios às informações e de interagir criticamente com os discursos científicos. Essa mudança paradigmática transita de um modelo transmissivo para práticas culturais e educativas dialógicas, materializadas em feiras escolares, museus interativos e projetos de extensão universitária. O Quadro 1 sintetiza as diferenças entre os conceitos, conforme revisão sistemática feita por Piccoli e Stecanela (2023), para destacar diferenças em suas bases teóricas, estratégias e concepções de público:

Quadro 1 – Diferenças entre divulgação científica e popularização da ciência

Dimensão	Divulgação científica	Popularização da ciência
Papel do público	Receptor de conteúdos explicados por especialistas	Sujeito ativo na produção de sentidos e significados
Foco da linguagem	Clareza, simplificação, autoridade da fonte	Diálogo, escuta, construção compartilhada de saberes
Espaços de atuação	Mídias de massa, centros de pesquisa, museus	Escolas públicas, comunidades, projetos de extensão, feiras
Base teórica	Comunicação científica e jornalismo especializado	Educação crítica, mediação cultural, direitos culturais
Objetivo central	Ampliar o acesso à informação científica	Promover apropriação crítica e inclusão no debate sobre ciência e tecnologia

Fonte: Adaptado de Piccoli e Stecanela (2023).

Esse contraste revela que, apesar da relevância ainda atribuída à divulgação científica na circulação do conhecimento, a popularização da ciência expande seu alcance ao incorporar práticas educativas e culturais mais atentas às realidades sociais e territoriais dos sujeitos envolvidos. Tal perspectiva dialoga diretamente com a formulação freireana de que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da

palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.” (FREIRE, 1989, p. 13), enfatizando que qualquer comunicação eficaz precisa considerar as experiências anteriores, os olhares e as formas particulares de compreensão dos interlocutores.

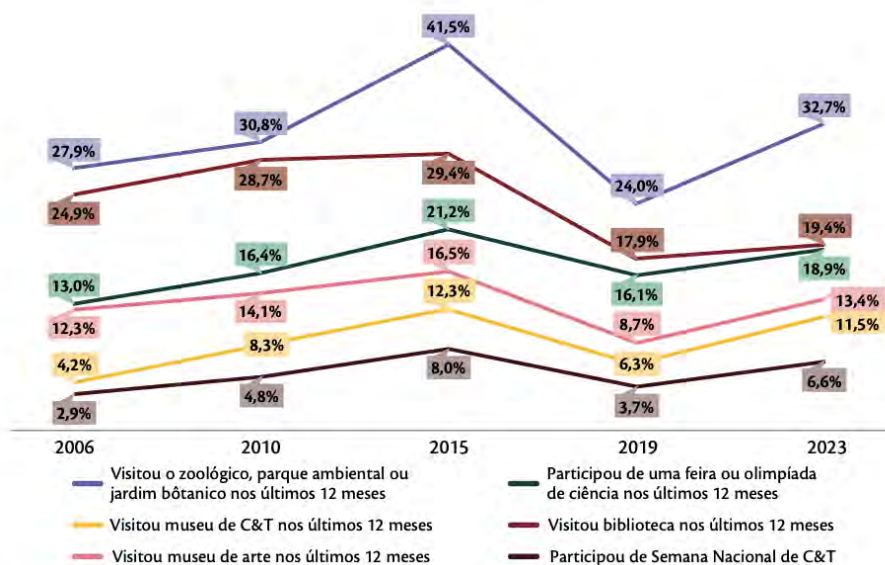
Essa visão situada da popularização da ciência encontra respaldo recente no arcabouço normativo brasileiro com o Decreto nº 11.754/2023, que institui o Programa Nacional de Popularização da Ciência (BRASIL, 2023). Esse marco legal consolida o compromisso do Estado com políticas públicas voltadas à democratização do acesso ao conhecimento científico e ao fortalecimento da cultura científica no país. Além disso, suas diretrizes articulam-se claramente às competências previstas na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), que desde os anos iniciais da escolaridade valoriza a investigação, a argumentação baseada em evidências e a compreensão crítica dos fenômenos científicos.

Para compreender plenamente essa abordagem, é preciso esclarecer o conceito de direito cultural. De acordo com Teixeira Coelho (1997, p. 9), os direitos culturais envolvem tanto o acesso às expressões simbólicas legitimadas quanto a possibilidade de criar, apropriar-se e participar ativamente dos processos culturais, em condições de equidade. Alexandre Barbalho (2005, p. 34) amplia essa definição ao propor que as políticas culturais sejam compreendidas como mediações entre sujeitos, saberes e instituições, orientadas por princípios como diversidade, memória e participação social. Aplicada ao campo científico, essa perspectiva desloca a ciência de uma produção técnica isolada para uma prática social situada historicamente, atravessada por disputas, ausências e possibilidades críticas de apropriação.

A Base Nacional Comum Curricular também reforça essa concepção ao estabelecer, entre suas competências gerais, a promoção da curiosidade investigativa, do pensamento científico e do conhecimento como prática social transformadora (BRASIL, 2018). Contudo, permanecem barreiras concretas à realização desse direito. Segundo a pesquisa nacional Percepção Pública da Ciência e da Tecnologia no Brasil – 2023 (CGEE, 2024), 28,6% da população brasileira não frequenta museus ou centros de ciência devido à ausência dessas instituições em sua região, situação ainda mais crítica para moradores de áreas rurais (Gráfico 1). Ademais,

39,8% apontam as redes sociais como principal fonte de informação científica (Gráfico 2), revelando tanto a fragilidade dos canais institucionais de comunicação científica quanto a necessidade urgente de iniciativas mais acessíveis e alinhadas às realidades locais.

Gráfico 1 - Hábitos culturais em espaços de ciência e tecnologia (C&T) nos últimos 12 meses



Fonte: Pesquisa de Percepção pública da C&T no Brasil - 2023

Gráfico 2 - Frequência das fontes com que os entrevistados buscam informações de C&T



Obs.: Para fins visuais, foram omitidos percentuais abaixo de 1% do gráfico.

Fonte: Pesquisa de Percepção pública da C&T no Brasil - 2023.

É nesse cenário que se insere a proposta do almanaque da UFMG Jovem, concebido como artefato gráfico-pedagógico que articula design, memória institucional e direito à ciência como vivência cultural situada. Ao reunir, de forma crítica e visual, experiências da feira ao longo de 25 anos, o produto foi concebido com a intenção de contribuir para a ampliação da cultura científica entre estudantes, professores e comunidades escolares, em sintonia com as diretrizes das políticas públicas contemporâneas.

2.1.1 A extensão universitária na UFMG: princípios, políticas e práticas

A extensão universitária constitui um dos pilares da universidade pública brasileira, sendo definida, conforme a Política Nacional de Extensão Universitária, como um “processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade” (FORPROEX, 1987). Esse entendimento é reiterado na UFMG pela Resolução Complementar nº 03/2024, que estabelece as diretrizes para a extensão e reconhece sua centralidade na formação acadêmica e na atuação pública da universidade (UFMG, 2024).

Essa institucionalização baseia-se no reconhecimento da extensão como mediação entre saberes acadêmicos e populares, promovendo práticas formativas territorializadas, interdisciplinares e socialmente comprometidas. Em 2024, as ações de extensão da UFMG alcançaram um público superior a 3,2 milhões de pessoas, conforme registros do Sistema de Informação da Extensão Universitária (SIEEX). Aproximadamente 54,6% dessas iniciativas foram desenvolvidas em parceria com outras instituições, e 35,2% apresentaram vínculo com políticas públicas. Ainda nesse ano, a aprovação das Normas Gerais da Extensão pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) representou um avanço importante na consolidação da política extensionista da universidade, reforçando os princípios da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (UFMG, 2025).

O processo de consolidação da extensão universitária na UFMG tem sido acompanhado por ações coordenadas pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), que na última década intensificou os debates sobre curricularização, justiça social e representatividade nas ações universitárias. As formulações da PROEX ao longo

dos anos têm enfatizado a necessidade de reconhecer a extensão como campo político de mediação entre saberes acadêmicos e populares, orientada por princípios de diversidade, inclusão e relevância social.

Além da UFMG Jovem, a universidade mantém outros dois programas permanentes de extensão voltados à popularização da ciência junto à educação básica: a FEBRAT – Feira Brasileira de Colégios de Aplicação e Escolas Técnicas e a Feira de Ciências do Norte de Minas.

A FEBRAT é organizada pelo Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG (CP/EBAP/UFMG) e pelo Museu Itinerante Ponto UFMG. O evento promove a socialização do conhecimento produzido por estudantes da Educação Básica e da Educação Profissional e Tecnológica, sob a orientação de professores, com enfoque na iniciação científica e na formação crítica. Em sua 12ª edição, realizada de 29 a 31 de outubro de 2024, a FEBRAT teve como tema *“Biomassas do Brasil: diversidade, saberes e tecnologias sociais”*, em consonância com a 21ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. O evento foi realizado exclusivamente em formato virtual, com apresentações em vídeo, sessões ao vivo e fóruns interativos de debate entre as equipes participantes (Centro Pedagógico/UFMG, 2024).

A Feira de Ciências do Norte de Minas Gerais e Vales do Jequitinhonha e Mucuri, por sua vez, ocorre no Instituto de Ciências Agrárias (ICA) da UFMG, em Montes Claros. A mostra reúne trabalhos técnico-científicos de estudantes da Educação Básica, Técnica e Superior da região norte-mineira, promovendo o intercâmbio de práticas escolares de pesquisa e a valorização da ciência como instrumento de desenvolvimento regional. A feira integra a programação da Semana do Conhecimento da UFMG e busca estimular a produção de saberes contextualizados a partir da vivência de estudantes e professores da rede pública (UFMG, 2023).

Ambas as iniciativas estão registradas no SIEX como ações permanentes de extensão e operam com foco na formação estudantil, na integração com professores da educação básica e na valorização da ciência como prática social. A articulação entre essas feiras fortalece a política extensionista da UFMG ao promover a ciência como prática formativa, plural e conectada à realidade das escolas públicas. Nesse

conjunto, a UFMG Jovem destaca-se por seu caráter transversal e integrador, servindo como espaço de encontro entre diferentes redes de ensino, unidades acadêmicas e projetos da própria universidade.

Criada no final dos anos 1990 e consolidada como programa permanente da PROEX, a UFMG Jovem articula anualmente centenas de estudantes e professores da educação básica em uma feira de ciências sediada na universidade. Registrado no SIEX e alinhado às diretrizes curriculares da extensão, o programa UFMG Jovem promove atividades de iniciação científica, oficinas, exposições e interlocução com a comunidade acadêmica, constituindo um espaço privilegiado de popularização da ciência e valorização da escola pública.

A proposta de elaboração de um almanaque gráfico-pedagógico que construa visual e discursivamente a memória dos 25 anos da feira insere-se, portanto, como desdobramento extensionista. O almanaque opera como dispositivo de mediação entre universidade e sociedade, reconhecendo e amplificando as práticas escolares de pesquisa e os modos diversos de produzir saber. A partir dessa proposta, esta pesquisa reafirma o papel da universidade pública na construção de vínculos duradouros com a educação básica.

2.2 Design gráfico como mediação crítica

A relação entre design gráfico e práticas educativas vem sendo explorada por diferentes correntes teóricas que investigam modos de ver, organizar e comunicar saberes na esfera pública. Em contextos como a comunicação científica e a educação não formal, o campo atua como mediador de estruturas cognitivas e culturais, contribuindo para a produção de sentido e a construção de narrativas visuais. Essa abordagem reconhece o design como linguagem cultural e prática situada, implicada na produção de sentidos e na mediação de experiências. Ao colocar em questão os códigos visuais hegemônicos e os regimes de representação presentes na cultura gráfica, parte da literatura recente tem apontado caminhos para abordagens mais críticas, sensíveis à diversidade cultural e politicamente implicadas com processos de transformação social.

No contexto desta pesquisa, o design gráfico é analisado como ferramenta de mediação crítica aplicada à popularização da ciência e à memória institucional da

UFMG Jovem. A seguir, discutem-se três dimensões interligadas: o design como linguagem situada e política; as possibilidades de engajamento do leitor por meio da recepção ativa e do letramento visual; e os princípios do design de informação como instrumento para organizar e ampliar o acesso aos registros históricos da feira.

2.2.1 Design como linguagem situada e política

Compreender o design gráfico como linguagem situada, como se discute a seguir, implica deslocar a prática projetual de uma lógica puramente funcional para uma abordagem que reconhece seus vínculos com a cultura, o território e as relações de poder. Em sua formulação sobre o design para a complexidade, Cardoso (2012) argumenta que os sistemas visuais não são neutros, mas carregam marcas históricas, ideológicas e simbólicas que moldam a forma como os sujeitos interpretam o mundo. O design, nesse sentido, atua como forma de mediação cultural, mais do que como codificação visual da informação.

Bonsiepe (2011), ao refletir sobre o design na América Latina, reforça essa perspectiva ao defender que os projetos gráficos devem estar enraizados em contextos sociais e políticos concretos. Ele propõe o conceito de “design emancipador”, que visa à ampliação da autonomia dos sujeitos, por meio de sistemas de representação visual que revelem — e não ocultem — as estruturas de desigualdade e exclusão. O autor destaca que toda forma de design comunica uma posição, seja ela afirmada ou silenciada no processo gráfico.

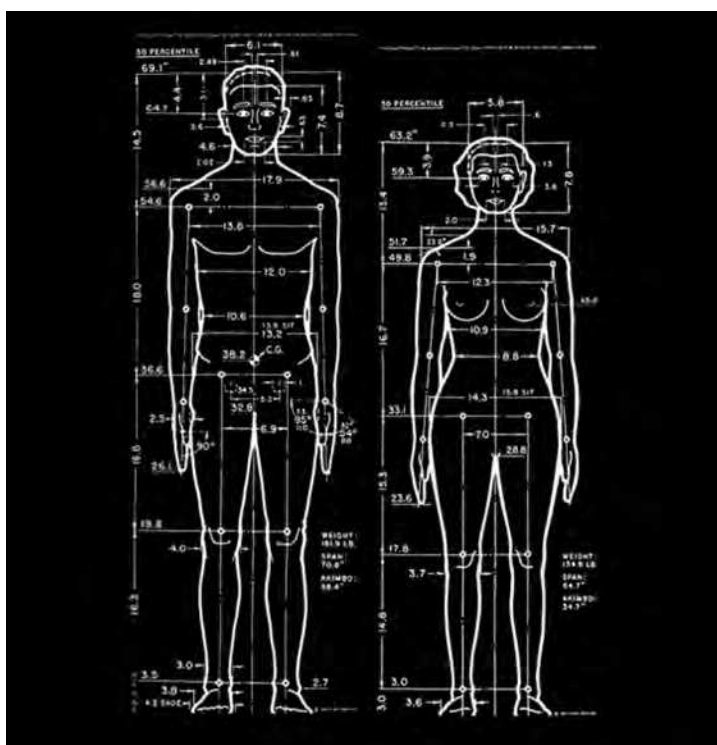
Essa crítica à ideia de neutralidade é aprofundada por Ruben Pater (2016), que analisa como decisões aparentemente técnicas — como a escolha de ícones, paletas de cor e tipografia — refletem normas culturais e valores sociais nem sempre conscientes. Em *The Politics of Design*, Pater utiliza exemplos como os pictogramas ISO 7001 (Figura 1) e diagramas ergonômicos de Henry Dreyfuss (Figura 2) para demonstrar como convenções gráficas padronizadas consolidam visões normativas sobre corpo, comportamento e funcionalidade no espaço público.

Figura 1 – Pictogramas ISO 7001



Criados por Roger Cook e Don Shanosky para o Departamento de Transportes dos EUA, em 1974.
Fonte: PATER, Ruben. *The Politics of Design*. Disponível em: <https://untold-stories.net>. Acesso em: 22 abr. 2025.

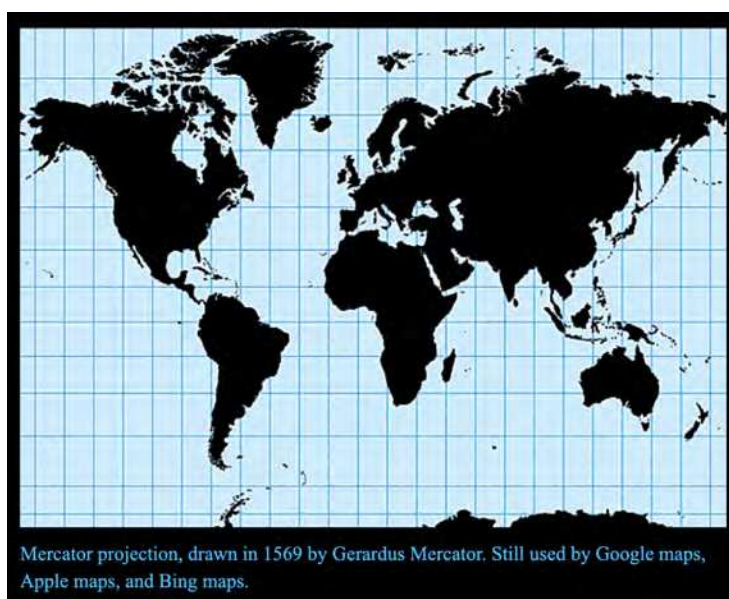
Figura 2 – Diagrama “The Measure of Man” (1959)



Fonte: DREYFUSS, Henry. *The Measure of Man*. Whitney Library of Design, 1959. Reproduzido por Ruben Pater em: <https://untold-stories.net>. Acesso em: 22 abr. 2025.

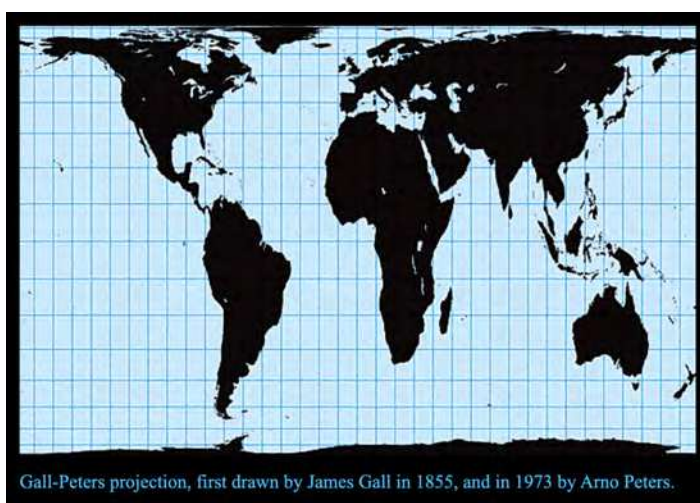
A crítica se intensifica ao se considerar representações cartográficas. O uso continuado da projeção de Mercator, criada em 1569, ainda dominante em serviços como Google Maps, reflete uma visão de mundo centrada na Europa e distorcida em favor do hemisfério norte (Figura 3). Em contraste, o mapa Dymaxion de Buckminster Fuller, redesenhado por Pater, propõe um redesenho do mundo sem eixo norte-sul fixo, valorizando a conexão entre continentes e rompendo com a lógica eurocentrada (Figura 4).

Figura 3 – Mapa de Mercator



Fonte: Reproduzido por Ruben Pater em: <https://untold-stories.net>. Acesso em: 22 abr. 2025.

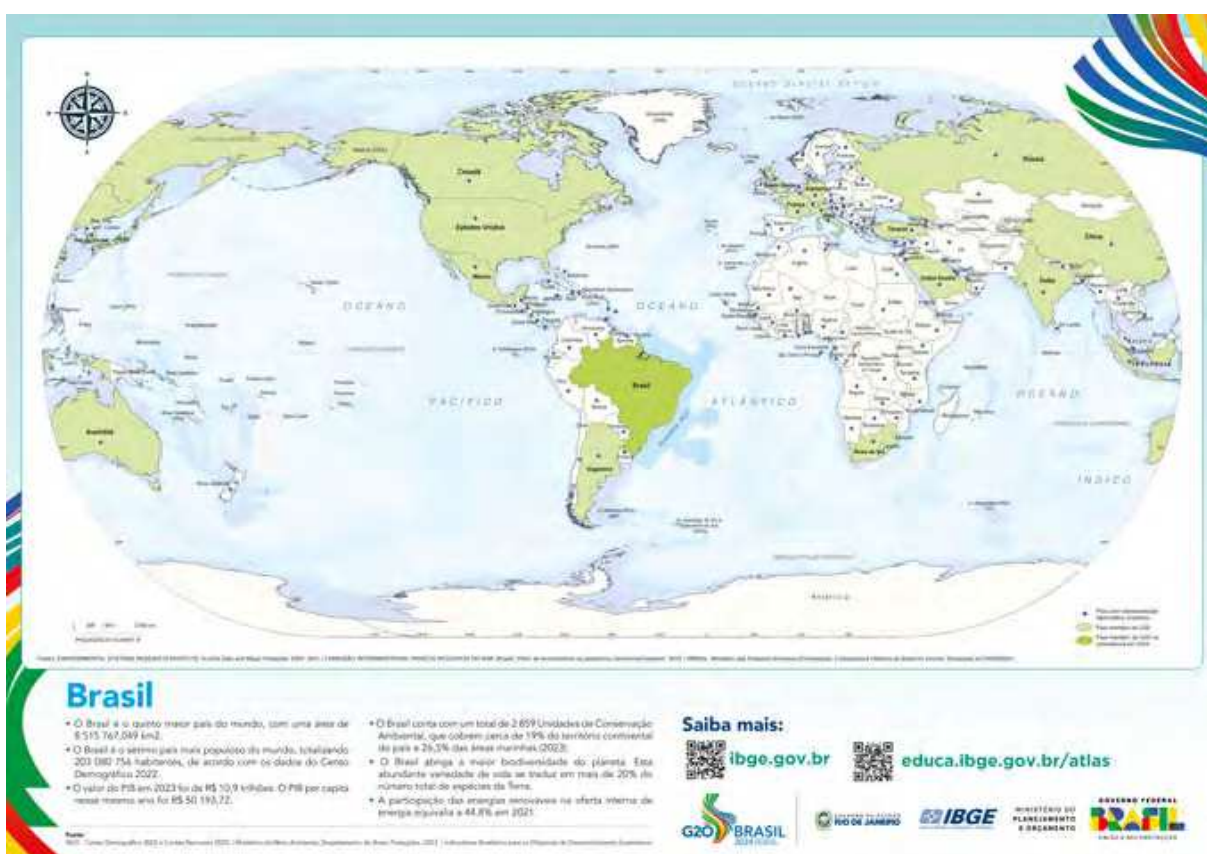
Figura 4 – Mapa Dymaxion



Fonte: Reproduzido por Ruben Pater em: <https://untold-stories.net>. Acesso em: 22 abr. 2025.

Um exemplo recente no Brasil reforça a força simbólica das escolhas gráficas. Em 2023, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicou um novo mapa-múndi com o Brasil no centro da projeção. Embora cartograficamente legítima, a imagem gerou repercussão imediata nas redes sociais e na imprensa, sendo interpretada por parte da opinião pública como gesto nacionalista. Para outros, o novo posicionamento representou uma tentativa de valorização regional e contestação das hierarquias geográficas históricas (IBGE, 2023; CNN Brasil, 2023). O episódio ilustra como decisões de design visual, mesmo em formatos técnicos e institucionalizados, operam disputas simbólicas de grande impacto.

Figura 5 – Mapa-múndi com o Brasil ao centro



Fonte: IBGE, 2023

As abordagens decoloniais ampliam esse debate ao questionar as bases epistemológicas do design moderno e suas heranças eurocentradas. Tunstall (2022) propõe o conceito de “design cosmopolítico”, que busca valorizar saberes ancestrais, coletivos e afetivos na prática projetual, especialmente em contextos historicamente marginalizados. Sua crítica incide sobre os padrões globais de

estética, funcionalidade e legibilidade que excluem repertórios visuais não ocidentais. Luiza Prado (2014) contribui para essa discussão ao defender uma abordagem interseccional do design, capaz de problematizar a normatividade de gênero, raça e classe nas representações visuais e nas práticas de produção gráfica.

Essa discussão é aprofundada no livro *The Politics of Design*, ao apresentar objetos industriais classificados como “cor de pele” — como curativos, próteses e microfones — cuja paleta cromática padronizada ignora a diversidade de tons de pele e reforça a branquitude como norma invisível (Figura 6).

Figura 6 – Conjunto de objetos industrializados com a designação “cor de pele”



Fonte: PATER, Ruben. *The Politics of Design*. Disponível em: <https://untold-stories.net>. Acesso em: 22 abr. 2025.

No contexto da popularização da ciência e da memória institucional, adotar um referencial de design como linguagem situada implica assumir a responsabilidade

ética e política sobre o que se torna visível — e o que permanece ausente — nos suportes visuais produzidos. Isso exige atenção às formas de representação de estudantes, escolas e projetos, aos marcadores sociais que atravessam as experiências da feira e às escolhas gráficas que compõem o almanaque como artefato discursivo.

Um exemplo concreto dessa atenção às formas de representação diz respeito ao uso de ilustrações em materiais gráficos voltados à educação. É comum, em bancos de imagens e plataformas de design, encontrar o desenho do clássico ônibus escolar amarelo — um símbolo amplamente reconhecido nos Estados Unidos, mas que não corresponde ao modelo de transporte escolar utilizado na maioria das regiões do Brasil. A adoção automática desse tipo de imagem pode reforçar a naturalização de estéticas estrangeiras como universais, deslocando referências locais e silenciando experiências cotidianas dos estudantes brasileiros.

Figura 7 – Representações visuais de ônibus escolares



- Ilustração recorrente em bancos de imagem com modelo norte-americano.
- Variação com a mesma referência estrangeira.
- Fotografia de ônibus escolar utilizado na rede pública brasileira.

Fonte: a) Imagem de Freepik b) Imagem de Freepik c) MENDONÇA, B. Ônibus Particulares

ESCOLAR em Rio de Janeiro por Bruno Mendonça - ID:11911226. Ônibus Brasil, 2024. Disponível em: <<https://onibusbrasil.com/BRMax/11911226>> Acesso em: 02 abr 2025.

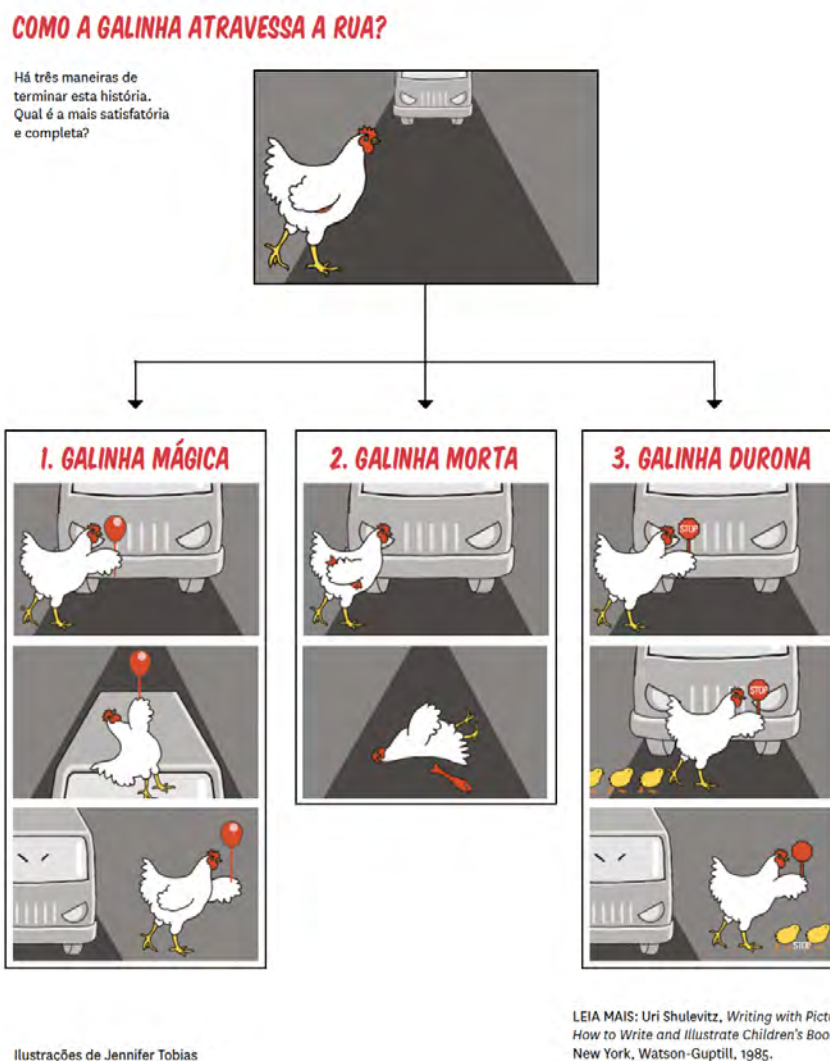
Escolher representar elementos que dialoguem com o contexto concreto das escolas públicas que participam da UFMG Jovem, mesmo em detalhes aparentemente banais, é parte do compromisso ético, estético e político que orienta o projeto gráfico do almanaque.

2.2.2 Design, recepção ativa e letramento visual

A relação entre design gráfico e práticas educativas vem sendo explorada por diferentes correntes teóricas que investigam os modos de ver, organizar e comunicar saberes na esfera pública. Em contextos como a comunicação científica e a educação não formal, o design gráfico atua como mediador de estruturas cognitivas e culturais, contribuindo para a produção de sentido e a construção de narrativas visuais. Mais do que um conjunto de técnicas, tal abordagem desloca o design para compreendê-lo como linguagem cultural e prática situada. Ao colocar em questão os códigos visuais hegemônicos e os regimes de representação presentes na cultura gráfica, diferentes autores e autoras têm contribuído para o fortalecimento de perspectivas críticas e engajadas na prática projetual.

Ellen Lupton (2020) propõe o conceito de design como *storytelling*, entendendo a comunicação visual como uma experiência narrativa construída ao longo do tempo. Nesse modelo, elementos como tipografia, imagem, cor e composição veiculam informações ao mesmo tempo em que articulam ritmo, sequência e emoção, criando trajetórias de leitura capazes de ativar a imaginação e engajar o olhar do usuário

Figura 8 – Storyboard com finais alternativos para uma narrativa visual



Três desfechos gráficos distintos são apresentados para a mesma história, estimulando a reflexão sobre como diferentes escolhas visuais moldam o sentido final.

Fonte: LUPTON, Ellen. *O design como storytelling*. São Paulo: GG Brasil, 2020, p. 37.

No campo da percepção e da leitura visual, autoras como Lúcia Santaella (2012) e Maria Elisabete B. Prado (2016) têm discutido a imagem como campo simbólico e formativo, em que leitura e produção de sentido se articulam. Em Letramento visual e leitura de imagens na educação básica, Prado e Magalhães (2016) argumentam que o desenvolvimento do leitor de imagens exige tanto a compreensão de elementos visuais (cor, forma, composição) quanto a análise de seus contextos de circulação e dos discursos que os sustentam. Essa perspectiva oferece subsídios diretos à formulação de materiais gráficos educativos que pretendem ser mais do que ilustrativos: que convidam o leitor a ler criticamente o que vê.

A esse respeito, o conceito de *recepção ativa* — embora utilizado por diferentes autores em áreas como comunicação, educação e design — pode ser compreendido, nesta pesquisa, como a disposição do leitor a construir sentidos de forma autônoma e situada, interagindo criticamente com os signos visuais e textuais apresentados. Tal noção aproxima-se das teorias da recepção formuladas por Hans Robert Jauss (1994), Stuart Hall (2003) e Martin-Barbero (2003), para os quais a leitura é sempre uma operação interpretativa, mediada por contextos culturais e históricos. Lúcia Santaella (1993), por sua vez, contribui com essa discussão ao investigar como a percepção e a cognição visual operam no contato com diferentes mídias, reconhecendo o papel ativo do sujeito na produção de sentido a partir da imagem.

Frank Serafini (2014), em *Reading the Visual*, propõe um modelo de leitura visual composto por três camadas interativas: a camada descritiva, voltada aos elementos formais da imagem; a camada interpretativa, que se refere à construção simbólica e contextual dos significados; e a camada crítica, que busca identificar ideologias, silenciamentos e disputas visuais. Essa abordagem oferece uma matriz útil para pensar como um projeto gráfico-educativo pode abrir espaço à pluralidade de interpretações — e será retomada na análise do almanaque, no Capítulo 4.

Quadro 2 – Camadas da leitura visual segundo Serafini (2014)

Camada	Foco principal	Perguntas disparadoras
Descritiva	Elementos formais (cor, forma, layout)	O que vejo? Como está organizado?
Interpretativa	Sentidos e contextos simbólicos	O que isso pode significar? Em que contexto se insere?
Crítica	Ideologias, ausências e valores representados	Quem está representado? Quem está ausente? Por quê?

Fonte: SERAFINI, Frank. *Reading the visual: an introduction to teaching multimodal literacy*. New York: Teachers College Press, 2014.

O almanaque da UFMG Jovem propõe-se como artefato gráfico que estimula uma recepção ativa — entendida como prática interpretativa, crítica e situada — ao convidar o leitor a interagir com os registros históricos da feira de forma exploratória. A combinação entre textos curtos, imagens de época, infográficos e propostas interativas busca mobilizar diferentes formas de atenção e leitura, em sintonia com os repertórios visuais do público. Em vez de apresentar a informação de forma expositiva, o projeto gráfico organiza o conteúdo de maneira a gerar vínculos, comparações e deslocamentos de sentido — provocando, assim, uma leitura que é também construção.

2.2.3 Princípios do design de informação

A compreensão do design gráfico como linguagem situada, engajada e receptiva, discutida nos tópicos anteriores, destaca seu papel na mediação crítica de narrativas visuais e na promoção de leitura ativa. No entanto, além das dimensões simbólicas e políticas, o design gráfico mobiliza um repertório técnico-metodológico que estrutura a organização da informação de modo funcional, compreensível e esteticamente coerente. No contexto da produção editorial do almanaque, a articulação entre clareza comunicacional, estrutura gráfica e legibilidade definem a qualidade e eficácia do projeto. Nessa fase, ganham destaque os princípios do design de informação sistematizados por Rune Pettersson (2002), que oferecem diretrizes para a criação de materiais visuais capazes de organizar o conteúdo, facilitar sua leitura e fomentar a apropriação crítica do conhecimento.

Rune Pettersson (2002), em sua sistematização teórica sobre o campo, apresenta dezesseis princípios fundamentais para o design de informação, organizados em quatro grupos: princípios funcionais, estéticos, administrativos e cognitivos. Esses princípios servem como base para decisões projetuais que influenciam diretamente a experiência do leitor, e podem ser aplicados desde a macroestrutura de uma publicação até micro escolhas tipográficas, cromáticas ou diagramáticas.

Quadro 3 – Princípios do design de informação segundo Pettersson (2002)

Grupo	Princípios
Funcionais	Clareza, legibilidade, distinção, simplicidade
Estéticos	Harmonia, contraste, balanço, ritmo
Administrativos	Padronização, continuidade, flexibilidade, economia
Cognitivos	Familiaridade, previsibilidade, relevância, feedback

Fonte: PETERSSON, Rune. *Information Design: An Introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

O design de informação, enquanto campo voltado à organização e apresentação eficiente de dados visuais, textuais e espaciais, desempenha um papel fundamental na mediação do conhecimento em contextos educativos. No caso do almanaque da UFMG Jovem, a aplicação consciente desses princípios busca favorecer a legibilidade, a hierarquização de conteúdos e a navegação autônoma por parte dos leitores. Para além da estética ou da funcionalidade isolada, o objetivo é articular forma e conteúdo de maneira coerente, tornando o objeto gráfico-educativo mais acessível, compreensível e envolvente.

Ao integrar princípios funcionais e cognitivos às abordagens críticas discutidas nos tópicos anteriores, o design de informação assume um papel pedagógico, articulando linguagem, estrutura e experiência de leitura. No almanaque da UFMG Jovem, esses princípios orientam escolhas gráficas que recuperam a memória da feira, evidenciam os projetos escolares e ampliam as possibilidades de leitura e apropriação crítica do conhecimento.

Esta seção articulou três abordagens do design gráfico: como linguagem situada, como experiência estética formativa e como estrutura técnica de organização da informação. Em conjunto, essas perspectivas sustentam uma compreensão

ampliada do design como mediação crítica entre ciência, educação e memória institucional. Na edição comemorativa da UFMG Jovem, esses fundamentos orientam as escolhas visuais, ampliam a inteligibilidade dos registros históricos para os diferentes públicos escolares e sustentam a construção de um material gráfico-pedagógico comprometido com a participação, o engajamento e a pluralidade de leituras.

A seção seguinte aprofunda essa articulação ao abordar a memória institucional como campo discursivo e visual, examinando como eventos científicos, como a própria UFMG Jovem, constroem-se simbolicamente ao longo do tempo por meio de suas representações gráficas.

2.3 Memória institucional e identidade visual

A construção da memória institucional envolve muito mais do que o armazenamento de registros históricos ou a organização linear de eventos passados. Trata-se de um processo ativo, seletivo e simbólico, no qual diferentes sujeitos, práticas e linguagens contribuem para dar forma ao que é lembrado — e, simultaneamente, ao que é esquecido. No caso da UFMG Jovem, a memória de seus 25 anos de história não está apenas nos arquivos e anais, mas também nas imagens, logomarcas, narrativas gráficas e experiências vividas que circularam no espaço da feira e em seus produtos de divulgação.

Nesta seção, propõe-se compreender a UFMG Jovem como um artefato institucional que opera como lugar de memória, no sentido formulado por Pierre Nora (1993), ao mesmo tempo em que se articula à ideia de memória como prática cultural e política, conforme defendem autores como Paul Ricoeur (2007), Regina Abreu e Mário Chagas (2009). Além disso, é importante distinguir memória institucional de memória organizacional: enquanto a segunda tende a um caráter pragmático, vinculado à eficiência e gestão interna, a memória institucional articula valores, narrativas públicas e legitimidades sociais, constituindo-se como campo simbólico de disputa e representação coletiva (SANTOS; VALENTIM, 2021).

A perspectiva de memória institucional adotada nesta pesquisa também dialoga com estudos contemporâneos sobre patrimônio cultural universitário, que enfatizam o

caráter dinâmico, fragmentado e politicamente situado da construção memorial em ambientes acadêmicos (RIBEIRO; SEGANTINI; GRANATO, 2019). Nesse sentido, a memória universitária não é apenas a preservação do que foi registrado, mas também a problematização dos esquecimentos, silêncios e lacunas que atravessam a história das instituições públicas de ensino e pesquisa.

Serão abordadas, a seguir, as dimensões discursivas, visuais e curatoriais envolvidas na constituição da memória da feira, com ênfase no papel do design gráfico como mediador dessa construção e na proposta do almanaque como dispositivo de reativação crítica e afetiva dessa trajetória.

2.3.1 Lugares de memória e construção da memória institucional

O conceito de lugares de memória (*lieux de mémoire*), formulado por Pierre Nora, tornou-se um dos principais referenciais teóricos para pensar as formas contemporâneas de relação com o passado. Para o autor, esses lugares emergem em contextos de ruptura entre a memória social viva — transmitida por meio da oralidade e da experiência direta — e os dispositivos de institucionalização da história. Trata-se de uma resposta cultural ao que ele chama de “aceleração do tempo histórico”, que produz uma crescente necessidade de cristalizar certas lembranças em formas materiais, rituais ou simbólicas (NORA, 1993).

Segundo Nora, os *lieux de mémoire* não são apenas lugares físicos, como arquivos, monumentos ou museus. São também práticas, símbolos e discursos que operam como suportes da memória coletiva, capazes de sustentar e organizar narrativas identitárias. Eles são definidos por três dimensões indissociáveis: são materiais (podem ser vistos, tocados, visitados), simbólicos (carregam sentidos atribuídos coletivamente) e funcionais (exercem papel na construção social da memória) (NORA, 1993). O autor afirma: “a memória se cristaliza em lugares onde a consciência da ruptura com o passado se materializa” (NORA, 1993), e essa consciência é o que motiva a criação de arquivos, cerimônias comemorativas e produtos editoriais como os almanaques históricos.

Críticas contemporâneas ao conceito de Nora apontam que, ao cristalizar memórias, esses lugares podem também apagar conflitos e marginalizar vozes dissonantes. Diversos autores latino-americanos (ABREU; CHAGAS, 2011) defendem a leitura

dos lugares de memória como espaços em disputa, permeados por relações de poder, seletividade e exclusão simbólica. É nesse ponto que as contribuições de Paul Ricoeur ajudam a aprofundar a complexidade do tema.

Em *A memória, a história, o esquecimento*, Ricoeur (2007) propõe que lembrar é sempre reinterpretar: a memória não é um espelho do passado, mas uma prática narrativa moldada por mediações simbólicas, dispositivos culturais e intenções subjetivas. Ele propõe que o ato de recordar está atravessado pelo que chama de “trabalho da memória”, um processo que exige seleção, elaboração e — inevitavelmente — esquecimento. O esquecimento, para Ricoeur (2007, p. 491–493), não é apenas uma falha da memória: é parte constitutiva da forma como o passado é organizado e tornado narrável.

Mais adiante, Ricoeur alerta para os “abusos da memória”, práticas pelas quais determinados grupos ou instituições manipulam a lembrança coletiva para legitimar ideologias ou silenciar outras versões dos fatos. Como contraponto, ele propõe uma “política da justa memória”, voltada ao reconhecimento das vítimas, à pluralidade de narrativas e à responsabilidade ética diante do passado (RICOEUR, 2007, p. 591–594). Em vez de buscar a totalidade ou a neutralidade, essa política assume que toda memória institucional é parcial, disputada e, por isso mesmo, passível de crítica e reconstrução.

Ao integrar essas duas abordagens — a topológica de Nora e a hermenêutica de Ricoeur —, complementadas pelas reflexões contemporâneas sobre memória universitária (RIBEIRO; SEGANTINI; GRANATO, 2019), é possível compreender a UFMG Jovem como um espaço que atua simultaneamente como repositório e como produtora de memória. Sua trajetória analisada de 25 anos envolve práticas, documentos, materiais gráficos e experiências educativas que a transformam em um lugar de memória da extensão universitária e da popularização da ciência. No entanto, essa memória não é neutra: é feita de lacunas, reformulações e escolhas. O almanaque proposto nesta pesquisa reconhece essa complexidade e se propõe como uma curadoria gráfica e crítica, que não apenas organiza os registros históricos, mas também os reinscreve como narrativa visual aberta à reflexão.

Ao propor um olhar para os sentidos atribuídos à feira em diferentes tempos e documentos, o almanaque se constitui como instrumento de mediação entre registros do passado e leituras contemporâneas. Nessa articulação, emerge como possibilidade de revisitar criticamente o que foi documentado, o que ficou silenciado e o que ainda pode ser elaborado coletivamente.

2.3.2 Memória documental e curadoria crítica da UFMG Jovem

A constituição da memória institucional não depende apenas da acumulação de documentos formais ou da cronologia de eventos registrados. Ela se configura a partir da circulação e interpretação de diferentes suportes — textuais, visuais e orais — que estruturam a presença pública de uma instituição ao longo do tempo. Esses registros diversos, produzidos em contextos históricos específicos, moldam percepções coletivas e consolidam sentidos compartilhados sobre a identidade institucional.

No caso da UFMG Jovem, os 25 anos deixaram vestígios variados: relatórios, boletins, imagens, materiais de divulgação, relatos orais e registros dispersos em bases públicas. Embora os elementos gráficos — como cartazes, logomarcas e programações visuais — componham parte desse acervo, eles são entendidos aqui como uma entre várias dimensões documentais que testemunham e tensionam a história da feira. A análise desses registros busca iluminar as dinâmicas de continuidade, transformação e ausência que atravessam a memória institucional construída em torno do evento.

Para Abreu e Chagas (2009), a memória deve ser compreendida como uma prática política e cultural: ela não é um dado a ser conservado, mas uma construção viva, afetiva e negociada, sempre atravessada por disputas, silenciamentos e reapropriações. Essa abordagem enfatiza o papel das comunidades, das linguagens e dos mediadores no processo de dar forma ao que é lembrado, como é lembrado e por quem.

Essa perspectiva se aproxima das proposições de Andrea Witcomb (2020), que vê a curadoria como prática de mediação sensível ao tempo presente e aos públicos envolvidos. Para a autora, o trabalho de memória passa necessariamente por decisões curatoriais: o que mostrar, como mostrar, com que linguagem visual, em

que contexto. Esse entendimento se alinha ao campo das novas museologias, que concebem a memória como processo participativo e responsivo, e não como representação neutra de um passado fixo.

A dimensão curatorial no design gráfico aproxima-se da ideia de curadoria crítica, na qual a seleção e disposição dos registros busca não apenas organizar o passado, mas tensionar suas representações e evidenciar lacunas, como discute Francisco Dalcol (2020) ao refletir sobre os vínculos entre curadoria, crítica e narrativa. Nessa perspectiva, a cultura visual institucional torna-se um espaço de disputa simbólica e de construção de narrativas plurais sobre a história da feira.

O almanaque, nesse sentido, foi concebido como um artefato gráfico-educativo que não se limita a compilar informações, mas propõe uma reorganização crítica da memória da feira, respeitando tanto os registros preservados quanto as lacunas documentais identificadas. Essa opção metodológica reafirma o compromisso de tratar a memória universitária como campo dinâmico, aberto a disputas, ressignificações e projeções para o futuro. Embora se debruce sobre os 25 anos de história já percorridos pela UFMG Jovem, o projeto reconhece que a feira permanece em continuidade, expandindo suas práticas extensionistas e renovando seus sentidos. O almanaque, assim, não apenas documenta o passado, mas também se propõe como convite à preservação ativa e crítica da memória universitária nos anos por vir.

No caso da UFMG Jovem, a maior parte dos registros disponíveis — anais, reportagens institucionais e materiais gráficos — evidencia uma construção da memória voltada à celebração dos êxitos, à valorização dos premiados e à continuidade da feira como projeto exitoso de extensão. Embora legítimo, esse discurso também silencia aspectos importantes da experiência de participação, como os projetos não selecionados, as escolas que enfrentaram barreiras logísticas para comparecer presencialmente, ou as contradições inerentes à democratização do acesso à ciência. Em algumas edições, observa-se o esforço da própria organização em ampliar a participação — com atividades híbridas, apresentações remotas ou incentivos regionais —, embora essas ações nem sempre estejam sistematicamente documentadas. A pesquisa, ao lidar com documentos fragmentados e de circulação pública, reconhece tais ausências como parte da

construção da memória institucional, e não como dados faltantes a serem completados. Nesse sentido, mais do que preencher lacunas, o projeto gráfico-educativo assume uma postura interpretativa, que busca tensionar os silêncios sem recorrer à ficcionalização dos registros.

2.4 Considerações finais do capítulo

Os eixos teóricos discutidos neste capítulo — a popularização da ciência como direito cultural, o design gráfico como mediação crítica e a memória institucional como campo documental, discursivo e crítico — oferecem o alicerce conceitual para a construção do produto gráfico-educativo proposto nesta pesquisa. Ao longo das seções, argumentou-se que práticas de popularização científica não devem se restringir à tradução de conteúdos acadêmicos, mas assumir um compromisso com a escuta, a participação e a valorização de saberes diversos, especialmente no contexto da escola pública.

A esse horizonte se articula a compreensão do design gráfico como linguagem situada, que organiza visualmente modos de ver, de narrar e de interagir com o conhecimento. Mais do que uma ferramenta estética ou funcional, o design é aqui mobilizado como mediação crítica — capaz de estimular leitura ativa, dar visibilidade a sujeitos e tensionar narrativas instituídas. Em paralelo, a memória institucional foi abordada como processo em disputa, que envolve escolhas, esquecimentos e representações, sendo materializada em registros textuais, visuais e documentais que evidenciam tanto as presenças quanto as lacunas da trajetória histórica.

O almanaque da UFMG Jovem, nesse sentido, opera como uma curadoria crítica dos vestígios documentais e visuais da feira, propondo não apenas uma organização retrospectiva, mas uma ativação crítica da memória universitária. Ao articular esses três campos, o referencial teórico sustenta a elaboração de um produto que busca tornar visível e acessível a trajetória da feira, ampliando sua presença e reconhecimento junto à comunidade escolar, ao mesmo tempo em que estimula a reflexão sobre a memória como prática viva e em permanente construção.

A proposta aposta no design como instrumento de democratização da memória universitária, de valorização da extensão e de fortalecimento da cultura científica

como direito. Os próximos capítulos apresentarão os procedimentos metodológicos e as decisões de projeto que guiaram a organização dos conteúdos do almanaque. No Capítulo 5, será possível visualizar como os princípios discutidos aqui foram traduzidos graficamente e criticamente em soluções editoriais, estrutura modular e dispositivos de leitura que dialogam com os públicos da feira, promovendo múltiplos modos de apropriação e reconhecimento.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e documental, ancorada na análise crítica de registros institucionais da feira UFMG Jovem. Parte-se do entendimento de que a memória institucional não é dada, mas construída socialmente a partir de documentos preservados, silêncios e disputas por visibilidade.

O conjunto de materiais analisados inclui anais, relatórios, boletins, programações, editais, registros fotográficos e peças de divulgação pública, provenientes de diferentes acervos vinculados à UFMG. A sistematização desses dados foi conduzida com apoio de ferramentas digitais e critérios de curadoria crítica, atentos à relevância institucional e à diversidade de representações escolares e territoriais.

A produção do almanaque gráfico-educativo insere-se como desdobramento direto dessa investigação, articulando os objetivos do mestrado profissional com uma proposta metodológica situada. Inspirado pela trajetória da feira, o almanaque propõe-se como uma forma de mediação visual entre universidade e escola pública, abrindo espaço para leitura ativa, valorização das experiências escolares e reconhecimento da extensão como dimensão formativa da universidade.

A concepção do almanaque está diretamente vinculada ao percurso investigativo desenvolvido nesta dissertação. Durante a análise documental (Capítulo 3), foram reunidos e sistematizados dados de todas as edições da feira, entre 1999 e 2024. Esses materiais foram reorganizados criticamente no Capítulo 4, permitindo reconstruir uma narrativa temporal que ultrapassa a linearidade cronológica e revela temas recorrentes, transformações gráficas, vínculos com políticas públicas e mudanças no perfil das escolas e dos projetos participantes. Esses achados fundamentaram a seleção de conteúdos, a estrutura visual e o tom editorial do almanaque.

3.1 Tipo de pesquisa e abordagem metodológica

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e aplicada. A escolha pelo método qualitativo justifica-se pelo interesse em interpretar documentos institucionais como construções simbólicas, históricas e

comunicacionais, considerando os sentidos que produzem e os contextos em que foram elaborados (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Trata-se de uma investigação exploratória porque busca identificar padrões, lacunas e recorrências em um conjunto documental ainda pouco sistematizado, construindo uma base analítica inicial sobre a memória gráfica da UFMG Jovem. Por fim, a pesquisa assume caráter aplicado por ter como objetivo final a criação de um produto gráfico-educativo voltado à comunidade escolar e à universidade, contribuindo para práticas concretas de comunicação e extensão (GIL, 2008).

Durante a fase preparatória, chegou-se a considerar a adoção de metodologias participativas, com envolvimento direto de sujeitos vinculados à feira. Essa possibilidade, no entanto, foi descartada diante das limitações de tempo e da complexidade envolvida na mobilização de diferentes escolas e agentes. A delimitação do campo empírico à análise de registros públicos e institucionais não compromete o vínculo com os princípios da extensão universitária, pois o produto final visa ampliar o diálogo entre universidade e sociedade por meio da comunicação visual.

A curadoria crítica dos materiais analisados constitui o eixo central da metodologia adotada. Em vez de seguir uma narrativa cronológica ou exaustiva, a pesquisa adota uma leitura situada da memória da feira — uma abordagem que considera os registros disponíveis à luz de seus contextos de produção, circulação e ausência. Essa leitura reconhece que os documentos analisados não são espelhos neutros da realidade, mas construções marcadas por escolhas institucionais, acessos desiguais e temporalidades específicas. A perspectiva adotada se alinha às diretrizes da política de memória da UFMG, promovida pelo Centro de Memória da Extensão (CEVEX), que reconhece a extensão como espaço privilegiado de produção de conhecimento e de fortalecimento da universidade como bem público (UFMG, 2024).

3.2 Fontes documentais e critérios de seleção

A análise documental desenvolvida nesta pesquisa teve como base o levantamento e a sistematização de materiais vinculados à UFMG Jovem, produzidos entre 1998 e 2024. O corpus inclui anais, boletins, programações, relatórios, notícias, documentos orçamentários, registros fotográficos, materiais gráficos e dados extraídos do

Sistema de Informação da Extensão Universitária (SIEX/UFMG). Esses documentos foram localizados por meio de repositórios digitais da UFMG, acervos físicos da Diretoria de Divulgação Científica da Pró-reitoria de Extensão (DDC/UFMG) e coletas realizadas junto ao setor de Comunicação da universidade (CEDECOM/UFMG).

A seleção dos materiais considerou quatro critérios principais: (1) relevância histórica, priorizando documentos que marcam transformações institucionais, mudanças de formato da feira ou momentos simbólicos; (2) representatividade temática, buscando contemplar diferentes áreas do conhecimento, práticas extensionistas e tipos de escolas participantes; (3) diversidade de fontes e formatos, combinando materiais textuais, visuais e gráficos para evidenciar a heterogeneidade documental; e (4) potencial de ativação crítica, privilegiando registros que instigassem reflexão sobre a memória institucional e os processos de documentação.

Os documentos foram organizados por ano de realização do evento, com identificação dos materiais disponíveis, lacunas existentes e possibilidades de cruzamento de dados. A sistematização desse corpus forneceu subsídios tanto para a análise desenvolvida nos capítulos seguintes quanto para as decisões editoriais do almanaque gráfico-educativo, em diálogo com os referenciais teóricos discutidos nesta pesquisa.

Por se tratar de materiais institucionais acessíveis ao público, vinculados a políticas de extensão e divulgação científica, não foi necessária a submissão da pesquisa ao comitê de ética. A análise baseou-se em leitura situada e curadoria crítica dos registros, orientada por critérios de relevância, representatividade e diversidade.

3.3 Procedimentos de análise documental

A análise dos materiais documentais da UFMG Jovem foi orientada por uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada nos campos do design gráfico, da comunicação pública da ciência e dos estudos sobre memória institucional. Considerou-se, desde o início, que esses registros não constituem apenas fontes de informação, mas formas de representação que revelam disputas de sentido, escolhas de visibilidade e modos de construção institucional.

Para lidar com a diversidade de formatos — incluindo anais, boletins, materiais gráficos, fotografias, relatórios e notícias —, foi adotado um procedimento analítico em três etapas principais: (1) organização cronológica dos materiais por ano de realização da feira; (2) categorização preliminar dos registros segundo temas recorrentes e elementos visuais ou textuais marcantes; e (3) um refinamento interpretativo que orientou a seleção crítica dos materiais a serem incorporados no produto gráfico-educativo.

A identificação dos eixos interpretativos emergiu de forma orgânica a partir do contato sistemático com os documentos. Sem impor categorias prévias, mas atento às regularidades e tensões do acervo, foram destacados temas como: a trajetória histórica da feira (em especial, suas mudanças de formato e nomenclatura); os temas de pesquisa escolhidos em cada edição; a participação de diferentes tipos de escolas (públicas, privadas, rurais); a evolução dos materiais de identidade visual; e a presença — explícita ou implícita — da ciência como direito cultural. Esses eixos orientaram tanto a seleção de conteúdos quanto a estruturação narrativa do almanaque, permitindo articular momentos de continuidade, de transformação e de silenciamento na memória documentada da UFMG Jovem (Quadro 4).

Quadro 4 – Eixos interpretativos emergentes na análise documental da UFMG Jovem

Eixo interpretativo	Descrição
Trajetória institucional	Mudanças de formato, nomenclatura e escala da feira ao longo dos 25 anos
Temas de pesquisa	Assuntos recorrentes nos trabalhos apresentados, por edição
Participação de escolas	Tipos de instituições participantes (públicas, privadas, rurais, técnicas etc.)

Identidade visual	Transformações nos materiais gráficos e estratégias de comunicação
Ciência como direito cultural	Evidências e ausências desse princípio nos registros da feira; eixo crítico proposto no produto

Fonte: elaborado pela autora.

A metodologia adotada mobilizou ainda o conceito de curadoria crítica, entendido aqui como prática interpretativa e interventiva sobre arquivos e narrativas visuais (ZAMBONI, 2018). A análise partiu da reunião dos documentos, mas se concentrou em sua seleção, organização e apresentação com intencionalidade pedagógica e comunicacional, orientada por princípios do design de informação e da mediação crítica.

Os resultados dessa etapa analítica desdobram-se em dois produtos principais: (1) um panorama da trajetória da UFMG Jovem, apresentado no Capítulo 4, e (2) um almanaque gráfico-educativo voltado ao público escolar, detalhado no Capítulo 5, cuja concepção está ancorada nos eixos identificados na análise documental e nas possibilidades críticas de mediação visual que eles suscitaram.

3.4 Desenvolvimento do produto gráfico-educativo

A proposta do almanaque UFMG Jovem parte do reconhecimento do design gráfico como linguagem capaz de articular informação, memória e participação. Concebido como um artefato gráfico-pedagógico impresso, o produto tem como público principal estudantes a partir dos 10 anos de idade — abrangendo os anos finais do ensino fundamental e o ensino médio —, além de professores da educação básica. O objetivo central é contribuir para a valorização das práticas escolares de pesquisa e para o fortalecimento da relação entre universidade e sociedade.

A concepção do almanaque foi orientada pelos princípios discutidos no referencial teórico: o design como mediação crítica, a recepção ativa e os fundamentos do design de informação. Com base nos eixos interpretativos construídos durante a análise documental, optou-se por uma estrutura modular, que permite múltiplas

entradas de leitura e favorece a exploração autônoma por parte dos leitores. Essa estratégia visa ampliar a legibilidade dos registros históricos da feira e criar conexões com experiências escolares contemporâneas.

Entre os critérios que nortearam as decisões de projeto gráfico, destacam-se: a coerência visual com os materiais institucionais da feira; a diversidade de formas narrativas (infográficos, mapas, textos curtos, imagens, perguntas disparadoras); o cuidado com a representação dos sujeitos participantes; e a valorização de elementos visuais que dialoguem com o cotidiano das escolas públicas brasileiras. A criação de seções fixas — como a linha do tempo, os temas recorrentes e os percursos da feira no campus — busca dar estabilidade e ritmo à leitura, ao mesmo tempo em que ativa diferentes modos de engajamento.

A produção do almanaque também considerou os limites e potencialidades do suporte impresso, optando por recursos gráficos que favorecessem o manuseio em sala de aula, a apropriação por estudantes e a articulação com práticas pedagógicas diversas. Ainda que não tenha sido concebido como material didático convencional, o almanaque pretende operar como recurso gráfico-educativo, capaz de provocar interesse, estimular perguntas e ativar memórias institucionais e escolares a partir de sua linguagem visual.

O processo de desenvolvimento envolveu prototipagens parciais, testes de composição e ajustes baseados na coerência entre conteúdo e forma. Essa etapa será detalhada no Capítulo 5, em diálogo com as decisões editoriais adotadas e com a materialidade do produto final.

3.5 Considerações éticas e limitações da pesquisa

A pesquisa desenvolvida respeitou os parâmetros estabelecidos pela Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016), que trata das normas aplicáveis às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Conforme disposto no Art. 1º, inciso II, estudos que utilizam exclusivamente fontes públicas ou documentos institucionais acessíveis estão dispensados da submissão à apreciação ética pelo Sistema CEP/Conep.

O corpus da investigação foi composto integralmente por materiais institucionais relacionados à feira UFMG Jovem, como relatórios anuais, boletins, registros fotográficos, anais, materiais gráficos e bases de dados disponíveis no Sistema de Informação da Extensão Universitária (SIEX/UFMG). Não houve coleta de dados pessoais, aplicação de questionários, realização de entrevistas nem qualquer outro procedimento envolvendo sujeitos humanos em situação de vulnerabilidade, o que assegura o enquadramento ético da pesquisa.

Ainda assim, cuidados específicos foram adotados na manipulação e apresentação dos documentos. As imagens, nomes de coordenadoras e registros institucionais utilizados referem-se exclusivamente a funções públicas exercidas no âmbito da organização da feira, respeitando os propósitos de divulgação científica e de valorização da extensão universitária que motivaram sua produção. No caso de referências à professora Beatriz Alvarenga, considerada fundadora da UFMG Jovem, foram utilizadas apenas informações disponíveis em boletins, reportagens institucionais e documentos oficiais, sem coleta de dados biográficos ou opinativos.

As limitações da pesquisa estão diretamente relacionadas à natureza e à organização do acervo documental disponível. Ao longo dos 25 anos da UFMG Jovem, os registros foram produzidos de forma descentralizada, com diferentes formatos, padrões e níveis de preservação. Essa heterogeneidade exigiu estratégias específicas de sistematização e curadoria, com decisões baseadas na relevância histórica, na representatividade temática e no potencial de mobilização crítica dos materiais.

O trabalho não teve como objetivo oferecer uma cronologia exaustiva ou linear da feira, mas sim propor uma leitura interpretativa de seus registros. Essa perspectiva metodológica fundamenta a construção do produto gráfico-educativo como forma de mediação crítica da memória institucional da UFMG Jovem, articulando dados documentais, escolhas gráficas e possibilidades de leitura ativa.

4 A UFMG JOVEM

Desde sua criação, a UFMG Jovem foi nomeada de diversas maneiras: reunião, projeto, feira e mostra científica. Em cada tipo de nomeação, uma forma de nomear as transformações ocorridas em sua estrutura, perfil e na maneira como seu papel institucional e social foi compreendido. Entender essa trajetória exige revisitar sua história e suas transformações, para além de qualquer rotulação simplificada.

Concebida no final da década de 1990, a UFMG Jovem emergiu como uma das primeiras ações sistemáticas de extensão universitária voltadas à popularização da ciência e à aproximação entre a universidade e os estudantes da educação básica no âmbito da UFMG. Sua criação está intrinsecamente ligada à realização da 49ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) na UFMG, em julho de 1997. A SBPC, fundada em 1948, é uma entidade civil sem fins lucrativos que desempenha papel crucial na promoção da ciência e tecnologia no Brasil, congregando sociedades científicas, pesquisadores e estudantes em prol do desenvolvimento científico nacional.

Ao sediar a 49ª Reunião Anual da SBPC, a UFMG vivenciou um momento de efervescência acadêmica e social que ampliou as reflexões sobre a importância da divulgação científica e evidenciou a necessidade de criar canais mais consistentes de interação entre universidade e sociedade. Foi nesse contexto que a professora Beatriz Alvarenga, do Instituto de Ciências Exatas (ICEx) da UFMG, já aposentada, idealizou a criação de um evento que permitisse à universidade ampliar sua presença pública, convidando a comunidade a adentrar seus espaços e participar ativamente de suas atividades, especialmente para os jovens estudantes da educação básica. Em depoimento posterior, em reportagem do Boletim da UFMG, Beatriz relatou que teve a ideia enquanto participava de uma barraca de atividades experimentais durante a SBPC de 1997, ao perceber a potência de ações práticas e interativas na promoção do interesse científico³. A partir dessa vivência, propôs a realização de uma feira científica que culminaria na primeira edição da UFMG Jovem, em fevereiro de 1999.

³ Relato retirado do quadro “Evento nasceu de reunião da SBPC”. Boletim da UFMG, n. 1676, nov. 2009. Disponível em: <https://www.ufmg.br/boletim/bol1676/3.shtml>. Acesso em: 28 abr. 2025.

Este capítulo tem como objetivo reconstruir, com base na análise documental e na pesquisa histórica, a trajetória da UFMG Jovem desde sua concepção até sua consolidação como evento anual de extensão universitária. Nesse percurso, busca-se compreender como o evento se inseriu no contexto da extensão universitária da UFMG e se articulou às transformações mais amplas da educação e da divulgação científica no Brasil. Serão abordados os contextos históricos, as motivações iniciais, os desafios enfrentados e as transformações ocorridas ao longo dos anos, com ênfase na articulação entre universidade e sociedade e na promoção da cultura científica entre os jovens.

A análise documental realizada nesta pesquisa reconhece as lacunas, fragmentações e silêncios presentes nos registros disponíveis, entendendo a reconstrução histórica da UFMG Jovem como um exercício interpretativo, marcado tanto pelo que se preservou quanto pelo que não se registrou. Essa dimensão será retomada ao longo do capítulo e especialmente na formulação do projeto gráfico-educativo proposto.

4.1 As origens da UFMG Jovem: entre a SBPC e a extensão universitária

A história da UFMG Jovem não começa, como poderia parecer à primeira vista, no dia de sua primeira edição. Para quem conhece apenas o formato atual da feira, em 2025, pode parecer que a configuração de feira de ciências com participação de projetos da educação básica de escolas de todo o estado de Minas Gerais sempre foi sua formatação oficial. Contudo, eventos que atravessam longos períodos de realização anual podem construir a impressão de continuidade ininterrupta, distanciando-se das marcas de seus percursos iniciais e dos processos que sustentaram sua permanência. À medida que se consolidam no imaginário institucional, esses eventos podem naturalizar sua existência aos olhos do público — especialmente de novos participantes, que se renovam a cada edição. Esse reconhecimento de continuidade, embora seja um indicador positivo de sucesso e relevância do evento, também pode afastar a percepção crítica sobre as transformações, resistências e adaptações que possibilitaram sua permanência. Reconstruir essa trajetória exige também um exercício de reinscrição histórica, buscando dar visibilidade às dinâmicas internas da universidade e às mudanças sociais mais amplas que moldaram a UFMG Jovem ao longo do tempo.

Esse movimento de reconstrução demanda, portanto, o retorno aos registros históricos analisados nesta pesquisa, detalhados no Capítulo 3, que indicam a realização da 49ª Reunião Anual da SBPC na UFMG, em 1997, como marco inicial documentado para a concepção da feira. Embora outros movimentos de aproximação entre universidade e educação básica possam ter existido, foi nesse evento que se encontram, entre os documentos disponíveis, referências mais claras ao impulso que catalisou novas reflexões e propostas, resultando na criação da UFMG Jovem nos anos seguintes.

A realização da 49ª Reunião Anual da SBPC na UFMG, em 1997, representou um marco significativo para a universidade e para a comunidade científica brasileira. O evento reuniu milhares de pesquisadores, estudantes e representantes da sociedade civil em torno de debates sobre ciência, tecnologia e inovação. A SBPC, desde sua fundação, tem se destacado como espaço de resistência e promoção da ciência, especialmente durante os períodos de instabilidade política no país.

A partir da experiência vivenciada durante a SBPC de 1997, a professora Beatriz Alvarenga concebeu a ideia de criar um espaço permanente de interação entre a universidade e os estudantes da educação básica. A proposta foi amadurecida a partir de sua vivência direta em atividades práticas promovidas no evento, levando-a a idealizar uma feira científica que permitisse aos jovens conhecerem de perto as pesquisas e atividades desenvolvidas na UFMG, estimulando o interesse pela ciência e pela vida acadêmica. Essa iniciativa visava também romper com a imagem da universidade como espaço inacessível, promovendo a democratização do conhecimento.

Em continuidade à proposta inicial, a primeira edição da UFMG Jovem foi realizada de 26 a 28 de fevereiro de 1999, na Praça de Serviços do campus Pampulha, em Belo Horizonte. Com o mote "conhecimento para todos", o evento contou com oficinas, exposições e atividades interativas, atraindo estudantes de diversas escolas de Belo Horizonte e região metropolitana.

As inscrições para as oficinas e para a sala de microcomputadores, considerada uma novidade naquele tempo, eram feitas presencialmente: os interessados adquiriam um catálogo físico com a programação e, em outro momento, realizavam

a inscrição pessoalmente no local indicado. Esse procedimento, habitual naquele contexto, evidencia como a organização dos eventos da época estava condicionada aos recursos disponíveis, e suscita, no presente, reflexões sobre como aspectos logísticos podem influenciar a amplitude de acesso e participação, considerando as mudanças que seriam incorporadas nos anos seguintes.

A programação da primeira edição privilegiou atividades práticas e interativas, seguindo os objetivos de aproximar os estudantes da educação básica dos processos de investigação científica. Entre as atrações, destacaram-se a oficina de técnica de museu, que envolveu os alunos na montagem de exemplares biológicos para serem utilizados em museus escolares; a exposição Viagem pelos Ecossistemas Brasileiros, que colocou à mostra maquetes representando os diferentes biomas brasileiros em processo de degradação e em seu estado natural; e as oficinas de física recreativa, em que estudantes e professores podiam manipular experimentos relacionados à eletricidade, magnetismo e ótica. A sala de microcomputadores, ainda uma novidade para muitos estudantes da época, proporcionou acesso a programas educativos e demonstrações básicas de informática, expandindo as possibilidades de contato com tecnologias emergentes. Além dessas atividades, a primeira edição da UFMG Jovem incorporou elementos inspirados nas chamadas estações de ciência, modelos de museus interativos que promovem a aprendizagem informal, como a *Cité de la Science* (França), o *Exploratorium* (EUA) e o Estação Ciência (São Paulo)⁴. Essa inspiração refletia o esforço de criar experiências mais imersivas e acessíveis ao público jovem, incentivando a exploração prática e o diálogo com o conhecimento científico contemporâneo.

Além da diversidade das atividades, a primeira edição mobilizou a participação de cerca de 411 monitores e atraiu aproximadamente 12.000 visitantes ao longo dos três dias de evento, com uma média de 4.000 visitantes por dia. Foram ofertadas cerca de 3.750 vagas para estudantes de Belo Horizonte e do interior de Minas Gerais, distribuídas entre oficinas, atividades interativas e demonstrações científicas. A coordenação geral ficou a cargo da professora Beatriz Alvarenga, com apoio de

⁴ UFMG Jovem oferecerá 3.750 vagas. Boletim da UFMG, n. 1208. Disponível em: <https://www.ufmg.br/boletim/bol1208/pag3.html>. Acesso em: 23 abril 2025.

Maria Helena Michel na administração do evento. Esses números, especialmente para uma iniciativa inaugural, sugeriam o forte interesse da sociedade em participar das atividades científicas promovidas pela universidade, reforçando a potência da proposta da UFMG Jovem como espaço de aproximação entre universidade e educação básica.

Reportagens publicadas no período deram destaque para o entusiasmo dos estudantes e professores participantes, que ressaltaram a importância de experiências práticas para a aprendizagem e a valorização da ciência no cotidiano escolar. A realização da primeira edição da UFMG Jovem foi percebida como uma iniciativa inovadora no contexto da extensão universitária, lançando as bases para a constituição de um espaço permanente de diálogo entre universidade e escolas. Relatos em reportagens da época também registram que o projeto da UFMG Jovem, desde sua origem, previa não apenas o evento pontual, mas desdobramentos contínuos. De acordo com uma notícia publicada em um boletim da UFMG de 1998 (anexo A), a organização previa o reaproveitamento das exposições em visitas itinerantes a escolas públicas e a oferta de atendimentos educativos, com estudantes de licenciatura da UFMG esclarecendo dúvidas de alunos e professores da educação básica. Essas iniciativas mostram que, já em seu formato inicial, a UFMG Jovem buscava expandir seu alcance e colaborar para a democratização do conhecimento científico.

A criação da UFMG Jovem, em 1999, também se insere em um contexto mais amplo de valorização da divulgação científica e da extensão universitária, tanto no Brasil quanto no cenário internacional. No mesmo ano, a Conferência Mundial de Ciência promovida pela UNESCO e pelo Conselho Internacional de Ciência (ICSU), em Budapeste, reforçava a necessidade de estreitar os laços entre ciência e sociedade na virada do milênio. No Brasil, o Plano Nacional de Extensão Universitária consolidava diretrizes para a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, impulsionando iniciativas que buscassem ampliar o diálogo com a sociedade. Na UFMG, a criação da UFMG Jovem refletia esse movimento, reafirmando o compromisso institucional com a formação científica cidadã e com a democratização do conhecimento.

No ano 2000, em meio aos debates sobre o chamado "bug do milênio" e às expectativas de transformação tecnológica, a UFMG Jovem realizou sua segunda edição, de 18 a 23 de setembro, integrando-se à III Semana do Conhecimento da UFMG e ampliando seu alcance institucional. A edição de 2000 foi oficialmente denominada "II Reunião Anual da UFMG Jovem", evidenciando a intencionalidade de consolidá-la como evento regular no calendário universitário. A Semana do Conhecimento, criada em 1998, surgiu como uma iniciativa das pró-reitorias de Pesquisa, de Extensão e de Graduação da UFMG para integrar eventos acadêmicos, promovendo atividades como o Encontro de Extensão, a Semana da Graduação e o Seminário de Iniciação Científica⁵. Essa articulação visava reforçar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, princípio que norteava as novas diretrizes da educação superior no país, em consonância com a LDB de 1996.

A integração da UFMG Jovem à Semana do Conhecimento permitiu ganhos logísticos e temáticos: de acordo com o professor Marcos Roberto Moreira Ribeiro, coordenador geral da UFMG Jovem e da Semana do Conhecimento de 2000, foram ofertadas cerca de 4.600 vagas em oficinas e atividades interativas, um aumento em relação à edição anterior. Segundo registros da época, a consolidação dos eventos em uma mesma estrutura gerou redução de 35% nos custos totais, otimizando recursos e ampliando a diversidade das atividades oferecidas.

Apesar dos avanços, o professor, em entrevista publicada no Boletim da UFMG⁶, apontou preocupações com o atendimento a estudantes de cursos noturnos. Isto ressaltou a necessidade de ajustes futuros para melhor acolhimento desse público específico, e que mudanças deveriam ser colocadas em prática para garantir maior inclusão e adequação de horários nas edições seguintes. Esses movimentos revelam que, ainda que a UFMG Jovem se mantivesse inicialmente vinculada a uma dinâmica de mostra universitária, seu percurso já se entrelaçava às mudanças mais amplas nas políticas de extensão e divulgação científica.

Ainda em 2000, a UFMG Jovem passou por um importante processo de institucionalização. Em 25 de maio daquele ano, o Conselho de Ensino, Pesquisa e

⁵ UFMG. Semana do Conhecimento da UFMG – Histórico. Belo Horizonte: Pró-Reitoria de Extensão, 1998. Documento interno.

⁶ Anexo B - Entrevista Marcos Roberto Moreira Ribeiro

Extensão da UFMG (CEPE) aprovou a Resolução nº 03/2000⁷, que formalizou a criação do "Programa UFMG Jovem – Conhecimento para Todos" como programa acadêmico da universidade. A resolução estabeleceu que o projeto seria implementado com o apoio de uma Comissão Assessora e de uma Coordenação Geral, encarregadas de articular a difusão local e regional do conhecimento produzido na UFMG, com foco especial nos estudantes da educação básica. Além disso, o programa visava estimular práticas inovadoras de ensino e pesquisa em linguagem lúdica, ampliar a formação de licenciandos e fortalecer a interação entre universidade e sociedade.

Figura 9 – Capas dos Boletins da UFMG de 1999 e 2000



Capas do Boletim UFMG noticiando a primeira e a segunda edição da UFMG Jovem.

Fonte: Boletim da UFMG

A formalização do programa consolidava o reconhecimento interno da UFMG Jovem como uma ação estratégica de extensão universitária e de popularização da ciência, garantindo-lhe maior estabilidade institucional e ampliando suas possibilidades de crescimento nos anos seguintes. A consolidação das duas primeiras edições da UFMG Jovem, entre 1999 e 2000, representou um primeiro ciclo de afirmação da proposta extensionista da feira, ainda fortemente vinculada ao contexto universitário interno. No entanto, os anos seguintes trariam novos desafios e transformações,

⁷ Anexo C - Resolução nº 03/2000 de, 25 de maio de 2000

tanto para a UFMG quanto para o país. A interrupção da feira em 2001, em virtude da greve nacional das universidades federais, e a posterior reconfiguração do evento, marcam o início de uma nova etapa, em que a UFMG Jovem se veria impelida a repensar seu formato, seu público e suas estratégias de atuação.

4.2 A conta que não fecha: o ano que não houve

Em 2001, a UFMG Jovem não foi realizada. A greve nacional das universidades federais paralisou por vários meses o funcionamento do ensino superior brasileiro, comprometendo o calendário acadêmico e atividades de extensão como a Semana do Conhecimento da UFMG. Mais do que uma edição cancelada, 2001 tornou-se um marco silencioso na trajetória da feira.

Nenhum cartaz, nenhum caderno de programação, nenhuma imagem: a ausência de registros oficiais é, por si só, reveladora. Esse vazio documental não resulta de negligência, mas da própria impossibilidade de realização de um evento sustentado por uma rede de trabalho intensivo e coletivo. A paralisação revelou que a existência da feira depende diretamente das condições concretas de trabalho de docentes, técnicos, servidores, estudantes e bolsistas. Sem garantias mínimas, projetos de extensão como a UFMG Jovem tornam-se inviáveis, mesmo quando formalmente reconhecidos.

Ainda hoje, essa ausência é perceptível. Ao contabilizar as edições da feira — 25 em 2024 —, a matemática esbarra no vazio de 2001. É um silêncio que não aparece nas listas oficiais, mas que reaparece toda vez que a memória institucional é convocada. Reconhecer essa lacuna não é apenas um gesto de precisão histórica: é uma forma de afirmar que as ausências também contam. O ano que não houve permanece como um sinal dos limites e das disputas que atravessam a história da extensão universitária no Brasil.

4.3 Retomada e reorganização institucional (2002–2006)

A retomada da UFMG Jovem em 2002 marcou um ponto de inflexão. A experiência da greve reforçou a importância de aprimorar a gestão da feira, estreitar sua articulação com diferentes setores da universidade e garantir sua presença consolidada no calendário acadêmico como ação estratégica de extensão. Com

programação reduzida, mas ainda articulada à Semana do Conhecimento, a feira passou a contar com maior apoio logístico e com a participação mais efetiva de unidades acadêmicas da universidade. Até então, sua organização dependia principalmente de uma equipe vinculada à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), que mais tarde daria origem ao Centro de Difusão da Ciência (CDC), responsável pela logística e programação do evento. A mostra de projetos seguia concentrada em trabalhos de escolas vinculadas à UFMG, como o Centro Pedagógico e o COLTEC.

No cenário nacional, o período também era de transição e redefinições. A aprovação do Plano Nacional de Educação (2001–2010), por meio da Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, estabeleceu metas que reforçavam a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 2001). Embora a consolidação da extensão universitária como eixo estratégico tenha ocorrido de maneira gradual e desigual entre as instituições, o novo marco legal criou um ambiente propício para o fortalecimento de iniciativas como a UFMG Jovem, alinhadas à necessidade de aproximação da universidade com a sociedade.

Entre 2003 e 2004, a UFMG Jovem consolidou o processo de reorganização iniciado nos anos anteriores. Em 2003, o evento ampliou o número de atividades e atraiu cerca de 15 mil visitantes. Em 2004, passou a ser organizado fora da programação oficial da Semana, consolidando sua identidade como evento autônomo vinculado à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX). As atividades foram distribuídas entre o Centro Pedagógico (CP), voltado para estudantes do ensino fundamental, e o Colégio Técnico (COLTEC), destinado às turmas de ensino médio e técnico. Ambos localizados no Campus Pampulha, mas em prédios distintos, esses espaços permitiram acomodar públicos diferenciados e estimular formatos variados de interação. Com a participação de aproximadamente 23 mil visitantes naquele ano, a UFMG Jovem afirmava-se como espaço estratégico de popularização da ciência. Nesse contexto, teve início também a colaboração com o Centro de Ensino de Ciências e Matemática de Minas Gerais (CECIMIG), que passou a oferecer oficinas específicas para formação continuada de professores da educação básica.

Figura 10 – Foto do estande da IV UFMG Jovem em 2003



Jovens interagem com uma exposição na IV UFMG Jovem.

Fonte: Arquivos DDC.

Em 2005 e 2006, o crescimento da UFMG Jovem seguiu acompanhado por um processo mais visível de consolidação como política institucional de extensão. O aumento expressivo no número de visitantes — cerca de 27 mil em 2005 — exigiu novas soluções logísticas e ampliou a presença de diferentes unidades acadêmicas na programação. A feira manteve a separação física entre os espaços do Centro Pedagógico e do COLTEC, mas passou a integrar também outros locais do campus, como auditórios e laboratórios de unidades temáticas. Esse redesenho espacial ampliou a circulação dos visitantes e contribuiu para consolidar a imagem da feira como uma porta de entrada à universidade para estudantes da educação básica.

No plano institucional, a criação do Centro de Difusão da Ciência (CDC) como órgão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão em 2006 representou um marco importante. A formalização do CDC deu novo fôlego à organização da feira e ao conjunto de ações voltadas à popularização da ciência na UFMG. A partir desse momento, consolidou-se uma estrutura de coordenação mais permanente, com equipe dedicada ao planejamento, à comunicação e à mediação com as escolas participantes. Além disso, houve um fortalecimento do vínculo entre a feira e os

demais projetos extensionistas da universidade, refletindo um amadurecimento da política interna de divulgação científica.

No plano nacional, o período também foi marcado por transformações significativas nas políticas de ciência, tecnologia e educação. Em 2004, foi instituída a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT), que passou a mobilizar milhares de escolas e universidades em atividades de divulgação científica por todo o país. A UFMG passou a integrar essas ações com maior visibilidade a partir de 2005, ano em que também teve destaque no I Congresso Ibero-Americano de Extensão Universitária. No campo educacional, a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb), em 2006, ampliou os recursos para a educação básica pública e fortaleceu as condições para participação de estudantes de diferentes regiões e redes escolares na feira. Esses marcos ajudaram a consolidar um ambiente institucional mais favorável à integração entre universidade e educação básica, e contribuíram para a expansão e o amadurecimento da UFMG Jovem nesse período.

4.4 Expansão e reconhecimento nacional (2007–2014)⁸

O período entre 2007 e 2014, embora marcado pela ampliação da feira e pela consolidação de sua identidade pública, apresenta também fragmentações nos registros documentais disponíveis. Nem todos os dados das edições foram preservados com regularidade, o que exige leituras cruzadas e aproximações interpretativas a partir de fontes parciais — boletins, relatórios, editais, planilhas, reportagens e fotografias institucionais. Diferente da falta de registros de 2001, a ausência aqui é mais sutil: aparecem lacunas em nomes de projetos, faltam relatórios, arquivos fotográficos incompletos, ausência dos anais e inconsistências na identificação das escolas participantes. Essas falhas documentais não anulam a importância do período, mas indicam os limites da memória institucional construída apenas por aquilo que se arquiva. Entre 2007 e 2014, a UFMG Jovem expandiu seu alcance territorial e consolidou sua articulação com políticas públicas de

⁸ Algumas informações referentes às edições da UFMG Jovem entre 2007 e 2014 foram reconstruídas a partir de fontes secundárias, como boletins institucionais, relatórios, editais, reportagens e registros fotográficos, uma vez que nem todos os documentos oficiais foram localizados ou preservados integralmente. As interpretações apresentadas consideram as lacunas documentais como parte do próprio processo de constituição da memória institucional.

popularização da ciência e educação básica, ainda que nem todos os seus agentes, redes e formas de participação tenham sido plenamente registrados.

A ampliação do público participante durante esse período coincidiu com a incorporação de novos segmentos da educação básica como expositores. Em 2007, foi realizada a primeira edição da Feira de Ciências da Educação Básica de Minas Gerais (Feceb-MG), promovida em parceria com a UFMG Jovem. Essa articulação marcou um novo ciclo de abertura da feira às redes públicas e privadas, estaduais e municipais de ensino, possibilitando que escolas externas à UFMG não apenas visitassem o evento, como já ocorria desde 1999, mas também apresentassem projetos próprios, ocupando estandes e interagindo diretamente com a comunidade universitária. Reportagens institucionais da época destacam a presença crescente de turmas do ensino médio de escolas da Região Metropolitana de Belo Horizonte, viabilizada por meio de parcerias com a Secretaria de Estado de Educação e por ações institucionais de apoio ao transporte escolar e à formação docente, ainda que sem detalhamento nos registros oficiais disponíveis. A Feceb-MG expandiu o escopo da feira e reposicionou o protagonismo estudantil, ao trazer projetos desenvolvidos em escolas públicas e privadas externas e ao ampliar os sentidos de participação na cultura científica universitária.

Figura 11 – Foto do estande da UFMG Jovem de 2007



Balcão de credenciamento para a UFMG Jovem e Feceb de 2007.

Fonte: Arquivos DDC - PROEX UFMG

A evolução do formato da UFMG Jovem entre 2007 e 2014 refletiu um esforço constante de renovação das práticas de divulgação científica voltadas à educação básica. A partir de 2010, experimentações como o uso de pôsteres digitais, a diversificação de oficinas interativas e a ampliação das áreas expositivas marcaram o evento. Além da mostra tradicional de projetos escolares, passaram a ser oferecidas oficinas temáticas ministradas por estudantes de licenciatura e projetos de extensão, promovendo uma aproximação entre a formação inicial de professores e as práticas de popularização da ciência. Algumas edições incorporaram atividades específicas de educação ambiental, física experimental e cultura científica local, alinhando-se às temáticas globais em circulação no período. A inclusão da Educação de Jovens e Adultos (EJA)⁹ no evento, através do Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos da UFMG (Proef II), marcou a abertura para novos públicos alvos e o reconhecimento do projeto pela Universidade.

Em 2014, a UFMG Jovem comemorou 15 anos de realizações com uma edição especial voltada à valorização de sua trajetória. A programação incluiu uma homenagem à professora Beatriz Alvarenga, fundadora da feira, reconhecendo seu papel na promoção da cultura científica junto à educação básica. A edição comemorativa também resgatou registros históricos, promoveu exposições temáticas e destacou projetos escolares que marcaram as edições anteriores. Apesar das limitações documentais de parte do percurso, a celebração dos 15 anos reafirmou a importância da UFMG Jovem como espaço de construção coletiva de saberes, de incentivo à iniciação científica escolar e de fortalecimento dos vínculos entre ciência, educação e sociedade.

4.5 Reconfigurações, redes e memória extensionista (2015–2019)

O período entre 2015 e 2019 marcou uma fase de reconfigurações internas e fortalecimento institucional da UFMG Jovem. A feira, que já havia consolidado sua identidade pública na década anterior, passou a ser reconhecida formalmente como um programa estratégico de extensão universitária, reforçando sua articulação com as políticas de popularização da ciência e com as diretrizes extensionistas da UFMG. A construção de uma identidade visual padronizada, a regularização do uso

⁹ Ciência desde cedo: eventos abrem espaço para jovens apresentarem trabalhos produzidos na educação básica. Boletim da UFMG, n. 1715, out.2010. Disponível em: <https://www.ufmg.br/boletim/bol1715/6.shtml>. Acesso em: 28 abr. 2025.

da marca “UFMG Jovem” e a integração mais estreita com o Centro de Difusão da Ciência (CDC) evidenciam esse movimento de amadurecimento institucional. Paralelamente, o contexto nacional de cortes orçamentários nas áreas de educação e ciência, iniciado a partir de 2015, exigiu novas estratégias de resistência e valorização da memória extensionista, que passaram a ocupar um espaço central na programação da feira e na sua comunicação com a sociedade.

A consolidação da identidade visual da UFMG Jovem a partir de 2015 representou um marco na profissionalização de sua comunicação institucional. O uso consistente de logotipo, paleta de cores e elementos gráficos padronizados conferiu ao evento maior reconhecimento público e fortaleceu sua associação direta à política de extensão da universidade. Esse processo foi acompanhado pela integração mais sistemática da feira à programação da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) e pela sua inserção como atividade registrada no Sistema de Informação da Extensão (SIEX), reforçando seu caráter programático e contínuo. Em paralelo, a UFMG Jovem intensificou sua articulação com outras iniciativas de popularização da ciência, como a Feira Brasileira de Colégios de Aplicação e Escolas Técnicas (FEBRAT) e feiras regionais de Minas Gerais, consolidando uma rede de intercâmbio de práticas extensionistas voltadas à educação básica.

Figura 12 – Identidade visual da XVII UFMG Jovem aplicada em troféus



Foto de dois troféus das premiações dos trabalhos da XVII UFMG Jovem.

Fonte: Arquivos DDC - PROEX UFMG.

A ampliação do público participante entre 2015 e 2019 também refletiu a consolidação da feira como espaço de democratização do acesso à ciência. A presença de escolas públicas oriundas de municípios mais distantes da Região Metropolitana de Belo Horizonte tornou-se cada vez mais expressiva, impulsionada por ações específicas de interiorização e estímulo à divulgação científica na educação básica. Projetos de iniciação científica júnior passaram a ter presença sistemática no evento, sinalizando o fortalecimento das práticas de pesquisa escolar. A criação e a consolidação do #ExploraUFMGJovem, uma mostra não competitiva de projetos desenvolvidos dentro da Universidade e realizado em paralelo à UFMG Jovem, proporcionou ao público da feira o contato direto com resultados e processos de pesquisa, por meio de exposições, materiais interativos e outras atividades. O evento, inaugurado em 2018, contou com a participação de docentes, técnico-administrativos e estudantes da graduação, pós-graduação e nível técnico, ampliando as oportunidades de aproximação com a produção científica da UFMG.

Em 2019, a UFMG Jovem celebrou seus 20 anos de existência com uma edição comemorativa que enfatizou o resgate da memória institucional e o fortalecimento do vínculo entre a universidade e a educação básica. A programação especial incluiu a participação de ex-estudantes que haviam apresentado projetos nas primeiras edições da feira, reforçando o impacto formativo do evento ao longo de duas décadas. Exposições fotográficas e painéis retrospectivos destacaram a trajetória da feira, evidenciando sua capacidade de adaptação e resistência frente às mudanças institucionais e políticas do país. A inclusão de projetos da educação infantil na mostra de 2019 ampliou ainda mais o escopo da iniciativa, reafirmando o compromisso da UFMG Jovem com a diversidade de públicos e com a formação de uma cultura científica desde as primeiras etapas da escolarização.

Apesar dos avanços na organização institucional e na ampliação dos públicos, o período entre 2015 e 2019 também revelou limites importantes na construção da memória e na democratização efetiva da feira. Permanecem lacunas na representação de escolas indígenas, quilombolas e rurais, segmentos cuja presença ainda era tímida ou ausente nos registros documentais. Em paralelo, inconsistências no registro sistemático de dados — como número de visitantes, identificação completa dos projetos ou relatos de experiências — evidenciam fragilidades na

preservação da memória coletiva da feira. A narrativa oficial construída nas celebrações de 20 anos destacou conquistas e trajetórias exitosas, mas pouco problematizou as ausências e silenciamentos que também compõem a história da UFMG Jovem. Essas tensões, entre visibilidades e apagamentos, formam parte integrante do campo de disputa pela memória extensionista da universidade.

4.6 Desafios e reinvenções (2020–2024)

O período entre 2020 e 2024 marcou um dos momentos mais desafiadores da trajetória da UFMG Jovem. A pandemia de Covid-19 impôs a suspensão das atividades presenciais em todo o país, exigindo a rápida adaptação de formatos e metodologias de popularização da ciência. A feira, historicamente marcada pela ocupação física do campus e pela interação direta entre estudantes e pesquisadores, precisou migrar para o ambiente virtual em 2020 e 2021, reformulando suas atividades para garantir a continuidade do diálogo com a educação básica. Esse processo de transformação, conduzido em meio a profundas crises sanitária, política e orçamentária, consolidou novas práticas de divulgação científica digital e redefiniu, ainda que provisoriamente, as estratégias de aproximação da universidade com as escolas públicas. Entre 2022 e 2023, com o controle progressivo da pandemia, a UFMG Jovem retomou seu formato presencial, incorporando algumas inovações testadas no ambiente online. A edição comemorativa de 2024, que celebra os 25 anos da feira, sintetiza a trajetória de resistência e reafirmação da extensão universitária como direito social.

A migração para o formato virtual, em 2020 e 2021, provocou uma mudança radical na história da UFMG Jovem. Realizadas inteiramente em ambiente digital, as edições desses anos buscaram preservar a essência do evento, adaptando mostras de projetos, oficinas, desafios e sessões do programa "Conversa com Cientistas" para plataformas online. Em 2020, a feira reuniu mais de 200 trabalhos de estudantes da educação básica, reiterando o compromisso da universidade com a promoção da cultura científica em condições excepcionais. Em 2021, a experiência acumulada permitiu a ampliação da programação, com atividades síncronas e assíncronas que favoreceram a participação de estudantes de regiões mais distantes. A virtualização, no entanto, também revelou limites: dificuldades de acesso digital, restrições na interação entre estudantes e avaliadores e a perda da

dimensão espacial e afetiva da feira no campus. Esses anos demonstraram simultaneamente a capacidade de adaptação da extensão universitária e as desigualdades estruturais que atravessam o acesso à ciência e à educação.

O retorno gradual ao formato presencial, iniciado em 2022, redesenhou a dinâmica da UFMG Jovem. A 23ª edição promoveu o reencontro das escolas públicas com o campus Pampulha, em um formato híbrido que combinou mostras de projetos presenciais e atividades virtuais de apoio. A integração de visitas aos espaços da universidade orientadas pelo programa #ExploraUFMG e a retomada das sessões do "Conversa com Cientistas" reafirmaram o compromisso da feira com a formação de públicos plurais para a ciência. Em 2023, a UFMG Jovem consolidou essa retomada, adotando como tema "Ciência, Cultura e Diversidade dos Povos" e incorporando saberes indígenas, quilombolas e populares à sua programação. A volta à vivência física no espaço universitário reforçou tanto os vínculos afetivos com o campus quanto as possibilidades de articulação entre ensino, pesquisa e extensão no campo da divulgação científica.

A 25ª edição da UFMG Jovem, realizada nos dias 7 e 8 de outubro de 2024, consolidou a trajetória da feira como espaço de diálogo entre universidade e educação básica. Com o tema "*Minas é um mundo: diversidade, saberes e tecnologias sociais*", o evento reuniu 389 trabalhos inscritos, oriundos de 92 escolas de 80 municípios. Desses, 167 foram aprovados e 160 chegaram a ser apresentados durante a feira. A programação incluiu mostra de projetos, desafios de conhecimento, atividades do programa #ExploraUFMG e sessões do "Conversa com Cientistas", reforçando a vivência universitária dos visitantes. Em celebração ao jubileu de prata da feira, foram realizadas exposições históricas e uma linha do tempo interativa, resgatando momentos emblemáticos da sua trajetória. A edição de 2024 reafirmou a capacidade da UFMG Jovem de se adaptar a novos contextos e de manter viva a extensão universitária como prática de formação cidadã.

Figura 13 – Cientistas aguardando início da atividade, na 25 UFMG Jovem.



Fonte: Acervo da autora.

4.7 Considerações finais do capítulo

A trajetória da UFMG Jovem, entre 1999 e 2024, revela um percurso de construção, resistência e reinvenção da extensão universitária enquanto prática de diálogo com a educação básica. Longe de constituir uma evolução linear, a história da feira é marcada por avanços, interrupções, adaptações e silêncios, que refletem tanto as transformações institucionais da UFMG quanto os contextos sociais e políticos mais amplos. A análise documental revelou períodos de crescimento consolidado, como nas fases de expansão de redes e interiorização, mas também lacunas nos registros, limitações de alcance e desafios persistentes na inclusão de públicos historicamente marginalizados. A capacidade de reinvenção demonstrada em momentos críticos — como a adaptação virtual durante a pandemia de Covid-19 e a reafirmação institucional no jubileu de 25 anos — evidencia o vigor da extensão universitária como campo dinâmico e situado. O percurso reconstruído ao longo deste capítulo oferece não apenas um panorama histórico da UFMG Jovem, mas também subsídios críticos para a reflexão sobre as potencialidades e tensões que atravessam os processos de popularização da ciência, construção de memória institucional e democratização do conhecimento.

5 ALMANAQUE UFMG JOVEM

O almanaque apresentado neste capítulo constitui o principal desdobramento gráfico-educativo da pesquisa. Desenvolvido no contexto de um mestrado profissional, ele articula os três eixos centrais discutidos ao longo do trabalho: o direito à popularização da ciência como dimensão das políticas culturais (BARBALHO, 2005; COELHO, 1997), o design gráfico como prática situada e mediadora (PATER, 2020; PETTERSSON, 2002) e a memória institucional como campo de representação crítica (NORA, 1993; RICOEUR, 2007). A proposta é organizar visualmente parte da trajetória da feira, criando vínculos entre a universidade e os públicos escolares por meio de exemplos reais, contextos históricos e soluções gráficas que tornem a história da UFMG Jovem mobilizadora — e não apenas informativa.

Pensado como um material de uso aberto, a proposta é que o produto se destine à circulação em escolas, centros culturais, espaços de extensão e na própria feira UFMG Jovem, dependendo das condições de viabilidade e distribuição. A elaboração do almanaque parte do princípio de que a história da feira não pertence apenas à universidade, mas também aos sujeitos que a constroem ano após ano: estudantes, professores, monitores, coordenadores, avaliadores. O almanaque busca traduzir essa multiplicidade por meio de uma linguagem visual que articula narrativas curtas, exemplos reais, recortes históricos, elementos gráficos de diferentes épocas e jogos interpretativos. Sua estrutura foi organizada para permitir uma leitura não linear, com diferentes pontos de entrada: linha do tempo, temas dos projetos, glossário ou informações sobre a feira.

A proposta está em sintonia com os princípios do design gráfico aplicado à educação e à memória. O material foi projetado para criar uma experiência de leitura que estimule a curiosidade e o reconhecimento. As escolhas gráficas — como módulos independentes, seções interativas, faixas inferiores com a linha do tempo e espaços para anotações — respondem à preocupação com legibilidade, navegação e possibilidade de apropriação autônoma por parte dos leitores. O almanaque foi construído para ser lido tanto em sala de aula, como também para circular fora dela — sozinho, em grupo, por interesse pessoal ou em articulação com projetos pedagógicos.

Por fim, o projeto gráfico-educativo aqui apresentado se alinha ao objetivo maior da pesquisa: contribuir para a valorização da extensão universitária como prática de diálogo e para o reconhecimento da UFMG Jovem como parte do patrimônio cultural da universidade. O almanaque não pretende oferecer uma versão definitiva da história da feira, mas ser um ponto de partida para que outras leituras, usos e narrativas possam emergir. Ao dar forma gráfica a uma história coletiva, o projeto propõe a memória como prática viva — feita de escolhas, interpretações e possibilidades de continuidade.

Figura 14 – Capa do Almanaque UFMG Jovem



Fonte: Almanaque UFMG Jovem (2025), elaborado pela autora.

5.1 Concepção do almanaque: fundamentos, formato e linguagem

A escolha de desenvolver um almanaque como produto gráfico-educativo surgiu da confluência entre os fundamentos teóricos da pesquisa, os objetivos do mestrado profissional e uma reflexão crítica sobre os meios gráficos disponíveis para articular memória, ciência e escola. Mais do que um suporte editorial, o formato foi entendido como uma linguagem em si. Inspirado em publicações híbridas, fragmentadas e de circulação ampliada, o almanaque permite combinar conteúdos diversos — cronologias, contextos, imagens, exemplos reais, jogos gráficos — sem hierarquizar rigidamente os modos de leitura. A proposta dialoga com o repertório visual de

estudantes e professores, estimulando formas de recepção mais exploratórias e atentas às relações entre ciência, cultura e história.

Na tradição editorial brasileira, o almanaque caracteriza-se por mesclar gêneros discursivos, formatos gráficos e finalidades. Segundo Marteleto e Dourado (2019), esses impressos atuaram como ferramentas de informação, entretenimento e educação, especialmente fora dos circuitos escolares, combinando efemérides, listas, textos literários, curiosidades e imagens. Para Lajolo e Zilberman (2004), os almanaques funcionavam como mediações entre saberes formais e cotidianos, com forte apelo visual e linguagem acessível. Mais recentemente, Lima e Catelli Junior (2022) destacam seu potencial como recurso de letramento gráfico e ativação da memória cultural, sobretudo em contextos escolares.

É nesse campo que se inscreve o almanaque UFMG Jovem. Sua estrutura modular segue a lógica desses impressos: cada dupla de páginas funciona como uma unidade de sentido relativamente autônoma, conectada ao todo por elementos visuais recorrentes — como a linha do tempo inferior, paleta de cores e o estilo visual dos elementos gráficos. A proposta gráfica se inspira em projetos como o *Almanaque Abril*, o *Almanaque Tudum* da Netflix e o *Almanaque EJA - História da Educação de Jovens e Adultos em São Paulo*, todos voltados à organização visual de conteúdos complexos para públicos amplos. Em outro registro, revistas como *Ciência Hoje das Crianças* e *Anorak* também serviram de referência, sobretudo pela forma como traduzem temas científicos em linguagem visual acessível, sem abrir mão da densidade conceitual.

Figura 15 – Capas de revistas e almanaque



Fonte: revista Anorak, revista CHC 362, almanaque Tudum Netflix.

Figura 16 – Capas dos almanques EJA e Abril



Fonte: Secretaria municipal de educação de São Paulo e Wikipédia, disponível em <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?curid=4187287> acesso em abr. 2025.

A escolha por esse formato também se articula aos princípios do design de informação voltado à mediação cultural (PETTERSSON, 2002; PATER, 2020). Em lugar de uma narrativa única ou de um fluxo contínuo de leitura, o almanaque propõe uma experiência de navegação. O leitor é convidado a compor suas próprias conexões entre dados da feira, contextos históricos e projetos escolares. Essa lógica valoriza a recepção ativa, entendida como processo interpretativo em que o leitor atua na produção de sentido a partir da interação com os signos visuais e textuais (SANTAELLA, 1993; 2012), rompendo com a ideia de leitura linear ou passiva. Trata-se de uma escolha metodológica que propõe deslocar o foco da transmissão linear para a construção compartilhada do conhecimento.

Do ponto de vista visual, o projeto incorpora elementos gráficos retirados dos próprios arquivos da feira. Paletas de cor, famílias tipográficas, ícones e estruturas de layout foram reinterpretados a partir de materiais produzidos entre 1999 e 2024, como cartazes, faixas, folders e peças digitais. Ao cruzar códigos visuais de diferentes épocas, o almanaque não visa reproduzir identidades gráficas anteriores, mas transformá-las em material de leitura crítica — evidenciando como o design também atua na construção da memória institucional (CARDOSO, 2012).

Figura 17 – Identidades visuais da UFMG Jovem de diferentes anos



Identidades visuais das 19ª, 20ª, 15ª e 4ª UFMG Jovem.

Fonte: Arquivos DDC - PROEX, Arquivos Cedecom - UFMG.

A linguagem textual busca ser direta, acolhedora e investigativa. Os textos não pretendem explicar tudo, mas abrir caminhos. Glossário aberto, perguntas e espaços para anotações compõem a proposta. Cada seção busca despertar a curiosidade do leitor e incentivá-lo a estabelecer relações entre passado e presente, ciência e cultura, escola e universidade. Essas escolhas respondem aos princípios do design crítico e situado apresentados no Capítulo 2 e partem do entendimento de que a mediação gráfica é também uma forma de discurso.

Nesse sentido, o almanaque se apresenta como um desdobramento visual da própria pesquisa. As decisões editoriais e gráficas resultam diretamente da análise documental, da curadoria crítica e da interpretação dos dados realizados ao longo do trabalho. O produto cumpre, assim, uma dupla função: atua tanto como dispositivo de memória gráfica da UFMG quanto como dispositivo para a continuidade do diálogo entre universidade e educação básica.

5.2 Estrutura e recursos visuais

A estrutura do almanaque foi organizada a partir da lógica modular e fragmentada que caracteriza publicações com múltiplas camadas de leitura. Cada seção do impresso foi pensada para apresentar uma entrada possível para a trajetória da UFMG Jovem, respeitando a autonomia de cada bloco, mas mantendo uma unidade gráfica e editorial. A organização do conteúdo combina uma narrativa visual ancorada no tempo com temas transversais, perguntas abertas e zonas de exploração. Esse arranjo busca equilibrar continuidade e abertura, permitindo ao leitor compor percursos próprios ao longo da leitura.

A divisão geral do material segue quatro grandes blocos: (1) Seções de acolhimento e introdução, que apresentam o projeto e o contexto da feira; (2) Linhas do tempo visuais, que cruzam a trajetória da feira com contextos históricos da UFMG, do Brasil e do mundo; (3) Seções temáticas, dedicadas a temas recorrentes nos projetos, à interdisciplinaridade, às visualidades da feira e às práticas escolares; e (4) Blocos interativos, que promovem a recepção ativa por meio de desafios, glossários incompletos e convites à exploração.

Figura 18 – Páginas do Almanaque UFMG Jovem



Este almanaque foi criado para comemorar os **25 anos da UFMG Jovem**.

Mas não é só um registro: é uma **proposta de leitura, de brincadeira e de descoberta**.

Aqui, você vai encontrar fragmentos da história da feira: projetos reais, temas que se repetem, perguntas feitas por estudantes, imagens gráficas, ausências e recomposições.

Algumas páginas são narrativas.

Outras são desafios.

Há uma linha do tempo lá embaixo — e muitas linhas de leitura possíveis.

Este almanaque é seu. Pode ser lido na ordem, fora dela, com anotações nas páginas.

Pode ser explorado como uma pesquisa.

Relembrar a história da feira também é trabalhar para que ela continue divulgando ciência por muitos mais anos!



APRENDA INGLÊS NA INTERNET

OFICINA

AUTORES:
Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva, Isobel Maria da Silva, Ricardo Augusto de Souza, Erik Fleischer

OBJETIVO:
Nesta oficina, alunos de ensino fundamental e médio terão oportunidade de navegar em alguns sites que disponibilizam atividades para a aprendizagem de inglês.

LINUX PARA TUDO E PARA TODOS

OFICINA

AUTORES:
Humberto Honda

OBJETIVO:
O objetivo desta oficina é mostrar e ensinar como um sistema operacional do tipo Linux, livre e gratuito, pode substituir o Windows em quase todas as aplicações desktop. Será ensinado como instalar e configurar o Linux para aplicações desktop (processador de textos, planilha eletrônica, apresentador de slides), acesso à Internet e aplicações 3D.

2007

UFMG Jovem 2007 e I FECEB-MG
Data de realização: 18 e 19 de outubro de 2007
Coordenadora geral: Prof.ª Elvira Maria Alvarez Leite

Primeira edição da Feira de Ciências da Educação Básica de Minas Gerais (FECEB-MG), que dá às escolas de todo o estado a chance de exporem seus próprios projetos no evento. Comemoração dos 80 anos da UFMG.

Página de abertura do almanaque, convidando à exploração.

Páginas com exemplos da utilização da estrutura modular.

Fonte: Almanaque UFMG Jovem (2025), elaborado pela autora.

Um dos eixos estruturantes do projeto é a presença da linha do tempo horizontal, distribuída na faixa inferior de páginas selecionadas. Essa linha apresenta, ano a ano (1999–2024), dados da feira (tema, número da edição, presença de fotos, existência de anais), acompanhados por três marcos contextuais: um da UFMG, um do Brasil e um do mundo. O design dessa faixa foi construído para funcionar como referência cronológica e também como gatilho interpretativo. Ela permite, por exemplo, que o leitor relacione um projeto apresentado em determinada edição com os acontecimentos daquele ano — criando condições para inferências, hipóteses e comparações. A presença contínua dessa base gráfica ao longo do almanaque opera como fio condutor do material, ainda que os conteúdos da parte superior da página se organizem por critérios temáticos ou exploratórios.

Figura 19 – Faixas com a linha do tempo



Fonte: Almanaque UFMG Jovem (2025), elaborado pela autora.

No bloco “**Desafio: Detetive da História da Feira**”, o leitor é convidado a explorar fragmentos reais de projetos apresentados ao longo das edições da UFMG Jovem — como trechos de resumos, títulos, imagens ou registros gráficos. Nem sempre o desafio proposto é descobrir o ano da edição: em alguns casos, essa informação está explícita; em outros, é deixada como pista. O foco principal, no entanto, está na interpretação crítica dos conteúdos. As perguntas propostas estimulam o leitor a observar o tema abordado, refletir sobre o contexto social, científico ou educacional de cada projeto, identificar áreas do conhecimento envolvidas e levantar hipóteses sobre os indícios temporais, estilísticos ou discursivos. A resposta sobre o ano,

quando pertinente, é indicada discretamente na página, mas o processo de investigação vai além da data — busca provocar conexões, interpretações e reconstruções sensíveis da memória da feira.

Como parte desse mesmo bloco, foi adotado também um sistema sutil de cores para sinalizar os temas de pesquisa — como meio ambiente, saúde, tecnologia, alimentação e território. Essas cores aparecem tanto nas páginas dos projetos quanto nas faixas da linha do tempo que percorre o almanaque, funcionando como mais uma pista para o reconhecimento de padrões temáticos ao longo dos anos. Ainda que não haja uma legenda explícita, a repetição das cores em diferentes pontos do livro convida o leitor a perceber continuidades, sobreposições e transformações nos temas tratados ao longo da história da feira.

Figura 20 – Páginas com a introdução do desafio



Fonte: Almanaque UFMG Jovem (2025), elaborado pela autora.

A linguagem visual do almanaque adota uma combinação de elementos gráficos inspirados na memória visual da própria feira. Foram incorporadas cores e elementos derivados de cartazes, folders e materiais de diferentes edições,

compondo um repertório gráfico que não se limita à citação, mas funciona como recomposição crítica. Isso inclui, por exemplo, a reprodução parcial de logos ou a reinterpretção de ícones que apareceram nos materiais gráficos ao longo dos anos. Esse processo gráfico reforça a ideia de que a feira não se comunica apenas por meio dos projetos apresentados, mas também pelas formas como é visualmente narrada a cada edição.

Figura 21 – Páginas do almanaque

BEATRIZ ALVARENGA

A professora que acendeu a primeira luz

A Idela da feira nasceu com ela
Beatriz Alvarenga, professora, física e divulgadora da ciência, foi uma das responsáveis por propor a criação da UFMG Jovem como projeto permanente.

Ela acreditava que todo mundo tem direito à ciência. E que a universidade precisava se aproximar da escola, não só com respostas, mas também com escuta.

Beatriz escreveu livros, deu aulas, coordenou projetos. Mas também andava pelos corredores, assistia aos trabalhos, conversava com os estudantes.

E, com seu jeito de perguntar, fazia a ciência virar conversa.

Beatriz nasceu em 1923, em Santa Maria de Itabira (MG). Aos 17 anos, prestou vestibular para engenharia civil — foi a única mulher da turma. Queria estudar matemática, mas ainda não havia curso de Física ou Matemática para licenciatura. Mesmo assim, foi no ensino da Física que ela encontrou seu lugar.

Nos anos 1940, tornou-se a primeira professora de Física do Colégio Estadual Central, em Belo Horizonte. Naquela época, não era comum ver mulheres dando aula de ciências.

Em 1968, ajudou a fundar o Departamento de Física do Instituto de Ciências Exatas da UFMG, onde lecionou até se aposentar, em 1987. Depois disso, seguiu atuando como autora de livros didáticos, tornando-se referência nacional no ensino de Física.

Você já estudou com algum livro da Beatriz? Já fez algum experimento que ela ensinou?

Você sabia?

- Beatriz escreveu, ao lado de Antônio Máximo, uma das coleções de Física mais usadas do Brasil até hoje.
- Desde 2009, seus livros vendem mais de 1 milhão de exemplares por ano.
- Ela viveu até os 100 anos!

2000

II Reunião Anual da UFMG Jovem
Data de realização: 18 a 23 de setembro de 2000
Coordenador geral: Prof. Marcos Roberto Moreira Ribeiro
Tema: Conhecimento para todos

III Institucionalização da UFMG Jovem por meio de uma resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), sendo oficialmente reconhecida como programa acadêmico. Isso deu mais estabilidade ao projeto e fortaleceu sua importância na aproximação entre universidade e sociedade, além de valorizar a divulgação científica para estudantes da educação básica.

Na página da direita, parte de um grafismo que foi utilizado na identidade visual da edição de 2021.
Fonte: Almanaque UFMG Jovem (2025), elaborado pela autora.

A diagramação do almanaque também incorpora espaços de anotação, caixas de perguntas e glossários abertos. Esses elementos reforçam o princípio da recepção ativa, permitindo que o leitor preencha, responda ou anote a partir de suas próprias vivências. A seção “Glossário” do almanaque, por exemplo, foi concebida como um espaço para dialogar com estudantes que se deparam com um vocabulário muitas vezes desconhecido no contexto universitário. Em vez de apresentar definições técnicas ou exaustivas, a proposta combina verbetes curtos com linguagem acessível, organizados de forma não hierárquica em um grid modular com cores

vibrantes da identidade da UFMG Jovem. A disposição visual, inspirada em princípios de navegação exploratória, evita estruturas fixas como ordem alfabética, promovendo múltiplos percursos de leitura. Esse tipo de organização gráfica, que convida à observação, interpretação e crítica, dialoga com o modelo de leitura visual proposto por Serafini (2014), baseado em três camadas interativas de significação.

A proposta do glossário, porém, não é a de oferecer um repertório fechado. Ao final, uma página com área branca em destaque interrompe o fluxo colorido e denso das anteriores, abrindo espaço para que o próprio leitor registre novas palavras, dúvidas ou interpretações. Essa página quase em branco sugere que o glossário segue em construção — e que o conhecimento compartilhado na feira depende também de quem o lê, escreve e reescreve. Essa abordagem visual e textual está alinhada ao conceito de letramento visual e ao uso intencional da hierarquia e da estrutura gráfica como mediação crítica (LUPTON, 2022), reforçando o compromisso do projeto com a recepção ativa e a construção colaborativa de sentido.

Figura 22 – Página com instruções para pesquisa

COMO DESCOBRIR O QUE VOCÊ NÃO SABE (ainda)

Este almanaque usa muitas palavras que talvez você não conheça. **E tudo bem.**

A UFMG também é feita de códigos, siglas, jargões, como qualquer outro mundo. Mas você pode (e deve!) ir atrás do que ainda não entende.

Vá até o sumário, na página aqui ao lado. Procure onde está o glossário. Abra na página indicada. Leia, complete, crie seus próprios verbetes.

Você não precisa saber tudo. Mas você sabe aprender!

Comece por onde te deixar com mais curiosidade.

Sumário

00 APRESENTAÇÃO	6
00 O CAMPUS	10
00 MAPA DO CAMPUS PAMPULHA	12
00 LINHA DO TEMPO	16
00 O COMEÇO	18
00 BEATRIZ ALVARENGA	20
00 GREVE	22
00 PESSOAS	24
00 CAMINHOS	26
00 PROJETOS	28
00 TEMAS DE PESQUISA	30
00 DESAFIO	32
00 E AGORA?	70
00 GLOSSÁRIO	72

Fonte: Almanaque UFMG Jovem (2025), elaborado pela autora.

Figura 23 – Glossário do almanaque UFMG Jovem – Parte 1 e 2

GLOSSÁRIO (Este glossário não é técnico. É sensível! Foi feito para quem pergunta.)



Você sabe o que isso quer dizer?

A UFMG tem um idioma próprio. Ele é feito de siglas, expressões, jeitos de falar e de escrever que às vezes não parecem feitos pra quem vem de fora. Mas você tem todo o direito de entender — e de perguntar. Aqui, a gente começa a traduzir. Mas o glossário não está completo. Ele vai sendo feito com você. Pegue qualquer palavra que você não conheça no almanaque ou na feira. Pesquise. Pergunte. Pergunte de novo. E depois... escreva aqui.

TEMA TRANSVERSAL

Um assunto que atravessa vários projetos diferentes. Pode ser algo como "meio ambiente", "tecnologia" ou "saúde".

CAMPUS

Espaço onde ficam as prédios e laboratórios da universidade. A UFMG tem vários!

PROJETO

É a nome que damos às ideias que viram experiências, experimentos, invenções ou descobertas — o que são apresentadas na feira.

PÔSTER

Forma comum de apresentar projetos de pesquisa na feira. Tem medida certa, mas espaço pra tudo. O importante é que alguém fique ali do lado, pronto pra contar uma história.

ANAIS

Coletânea de resumos dos trabalhos apresentados na feira. Um documento que fica com a história registrada.

INTERDISCIPLINARIDADE

Palavra comprida pra dizer que as coisas se misturam. Quando física encontra arte, quando história conversa com química, quando saberes se cruzam sem pedir licença. Quando diferentes matérias e áreas do saber se misturam num mesmo projeto.

PROJETO DE EXTENSÃO

É quando a universidade se estica pra fora dela mesma. Quando o saber sai dos muros e se conecta com escolas, bairros, comunidades em atividades, cursos, projetos. A feira é uma extensão da Universidade, que chegou até você.

PROEX

Pró-Reitoria da Extensão. É a parte da UFMG que cuida das ações que aproximam a universidade da sociedade, como a UFMG Jovem. Nem sempre aparece, mas quase tudo passa por ela.

DADOS

Informações que a gente coleta, organiza e interpreta pra tentar entender alguma coisa. Mas números sozinhos não explicam tudo — é preciso saber perguntar, e também escutar o que os dados não mostram.

CERTIFICADO

Comprovação de que você participou da UFMG Jovem.

EDITAL

Documento que explica as regras pra participar. Tem prazo, tem critério, tem burocracia. Mas também tem a primeira pergunta: "E se a gente tentasse?"

HIPÓTESE

Ideia inicial que orienta uma pesquisa. É o "e se...?" que pode virar certeza, surpresa ou recomeço.

CAD

Centro de Atividades Didáticas. Nome técnico dos prédios da UFMG onde muita coisa acontece. Inclusive algumas edições da UFMG Jovem.

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Primeira passo de alguém no mundo da pesquisa. Pode começar com uma dúvida no recreio, um experimento na sala ou um "por quê?" que ninguém soube responder.

METODOLOGIA

É o caminho que se escolhe para uma pesquisa seguir. Mostra como se pergunta, onde se busca e com quem se caminha. Diz tanto sobre o que se quer saber quanto sobre como se quer pesquisar.

PESQUISADORA

Pessoa que estuda, observa, registra, experimenta e pesquisa. Pode usar jaleco ou chinelo, computador ou caderno. A pesquisa começa quando a curiosidade encontra método.

GLOSSÁRIO

Pegue qualquer palavra que você não conheça no almanaque ou na feira. **Pesquise. Pergunte. Pergunte de novo. E depois... escreva aqui.**

Fonte: Almanaque UFMG Jovem (2025), elaborado pela autora.

Essas escolhas gráficas e editoriais foram guiadas por princípios do design de informação voltado à educação, com foco na clareza, modularidade, navegabilidade e ativação do leitor. O almanaque não impõe uma linha única de leitura: propõe combinações, convida à comparação e instiga a reinterpretar. Ao estruturar o material com recursos visuais variados — faixas, ícones, blocos de cor, zonas de edição e mapas visuais —, o projeto responde à pergunta que atravessa toda a dissertação: como o design pode contribuir para reconstruir e partilhar a memória de uma feira científica com estudantes da educação básica?

A composição visual do almanaque foi orientada por princípios clássicos e contemporâneos do design de informação, especialmente no que se refere à organização modular do conteúdo, ao uso estratégico do grid, à hierarquia tipográfica e à construção de percursos de leitura mediados por recursos visuais. Embora o material final ainda esteja em fase de prototipagem, os fundamentos do layout foram definidos de modo a garantir clareza estrutural e abertura interpretativa — duas dimensões que, conforme Pettersson (2002), operam simultaneamente no design de materiais educativos: uma voltada à função, outra à cognição.

O almanaque adota um grid modular de múltiplas colunas, com faixas fixas para elementos como a linha do tempo inferior, margens amplas para zonas de anotação e áreas centrais reservadas a blocos temáticos. O uso de grid modular (MEGGS & PURVIS, 2017) permite que a estrutura se mantenha coesa ao longo das páginas, mesmo com variações significativas entre os conteúdos apresentados — desde pequenos textos corridos até ícones, gráficos, fotografias, quadros comparativos e jogos visuais. O grid também favorece a inserção de níveis visuais distintos, como cabeçalhos, destaques, subtítulos e blocos paralelos, o que é essencial em uma publicação com múltiplas camadas de leitura. A modularidade aqui não é apenas um recurso estético, mas uma escolha metodológica: ela reforça a lógica fragmentária e exploratória do almanaque, permitindo que o leitor circule livremente entre entradas e temas, sem perda de orientação.

Figura 24 – Páginas com exemplos da utilização do grid modular



Fonte: Almanaque UFMG Jovem (2025), elaborado pela autora.

A hierarquia visual é construída por meio de decisões tipográficas, cromáticas e espaciais. Títulos de seção utilizam corpos maiores e pesos gráficos altos (como o negrito). Subtítulos, destaques e chamadas operam como elementos de escaneabilidade, permitindo ao leitor identificar rapidamente os tópicos abordados. O texto base utiliza tipografia com alto grau de legibilidade — sem serifas, com espaçamento generoso —, e os blocos narrativos são sempre limitados em extensão, evitando parágrafos longos ou densidade visual excessiva. A hierarquia é utilizada, portanto, como recurso para guiar a atenção, mas sem eliminar a possibilidade de leitura lateral ou não sequencial. Como defende Pater (2020), o design crítico não pressupõe um único trajeto interpretativo, mas oferece caminhos possíveis — e deixa que o leitor construa os seus.

Figura 25 – Hierarquia visual com títulos e grafismos



Fonte: Almanaque UFMG Jovem (2025), elaborado pela autora.

A escolha tipográfica do almanaque considerou critérios de legibilidade, reconhecimento visual e adequação ao público escolar. Para o corpo do texto, foi adotada a fonte *Codec Pro*, uma *sans-serif* (fonte sem serifas) com desenho contemporâneo cujas letras minúsculas — como o “a” e o “g” — se aproximam das formas ensinadas nos processos de alfabetização no Brasil. Essa proximidade com repertórios visuais familiares busca facilitar a leitura e reforçar vínculos entre o conteúdo e as práticas escolares, em diálogo com a proposta de um design crítico e situado. Como observa Lupton (2022), a tipografia carrega valores culturais e sociais, e suas escolhas podem se tornar parte do discurso visual de um projeto.

Figura 26 – Comparação entre fontes tipográficas

The image shows two pairs of lowercase letters, 'g' and 'a', in a large, bold, black font. The first pair, 'ga', is from the font Codec Pro, where the 'g' has a rounded, bowl-like shape and the 'a' is a simple, rounded form. The second pair, 'ga', is from the font Body Grotisque, where the 'g' has a more traditional, slightly taller and more decorative shape with a small loop at the top, and the 'a' is a classic, slightly taller and more rounded form.

Comparação entre as letras “g” e “a” das fontes *Codec Pro* e *Body Grotisque*.

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos títulos e chamadas, foram utilizadas **fontes de maior expressividade visual**, com variações de estilo, peso e estrutura, marcando transições entre seções e destacando conteúdos-chave. Essa diferenciação tipográfica contribui para organizar a navegação do leitor e reforçar a hierarquia da informação. Pettersson (2002) aponta que a hierarquia visual é um princípio funcional do design de informação, contribuindo tanto para a clareza estrutural quanto para a construção de percursos interpretativos. A alternância entre fontes mais neutras e expressivas, portanto, não responde apenas a critérios formais, mas estrutura visualmente os modos possíveis de aproximação ao conteúdo. Além disso, essa variação tipográfica busca representar visualmente a pluralidade da feira, aproximando-se de uma estética mais lúdica e experimental, sem abrir mão da legibilidade.

A paleta de cores foi definida a partir de duas abordagens combinadas: de um lado, a recomposição de cores presentes nos cartazes da UFMG Jovem ao longo de suas edições; de outro, a seleção de cores funcionais para orientar percursos temáticos. Cada cor associada a um tema recorrente (como tecnologia, meio ambiente ou saúde) é aplicada de forma sutil em títulos, margens e ícones, criando um sistema visual de sinalização. Essa estratégia cromática opera como linguagem de navegação (LUPTON, 2022), reforçando relações entre seções e facilitando a construção de conexões entre projetos, anos e contextos históricos.

Figura 27 – Paleta de cores do Almanaque UFMG Jovem

Fonte: Elaborado pela autora.

A relação entre layout, conteúdo e navegação também se expressa no modo como são construídas as seções interativas. Ao reservar espaços específicos para perguntas, respostas, hipóteses e registros do próprio leitor, o projeto assume que o sentido da memória não está dado — ele se constrói na mediação. Essa concepção se apoia na noção de recepção ativa, formulada por Santaella (1993) a partir da semiótica peirceana, em que o ato de leitura envolve inferência, completude e construção de sentido — princípios que orientam a criação das zonas interativas do almanaque. Ao mesmo tempo, alinha-se à compreensão do design como prática dialógica (PATER, 2020), em que a forma gráfica convida à participação crítica e não se limita ao consumo passivo da informação. Trata-se de uma escolha metodológica que reposiciona o design como prática relacional, voltada à construção compartilhada do conhecimento.

Em síntese, o projeto gráfico do almanaque procura articular uma leitura visual que reflita os objetivos pedagógicos e críticos do produto. As decisões de layout, tipografia, paleta cromática, estrutura e hierarquia foram fundamentadas em princípios consolidados do design de informação e também na prática acumulada do design editorial em contextos educativos. O resultado é um objeto que pretende ser, ao mesmo tempo, claro e aberto; estruturado e flexível; acolhedor e provocador — em sintonia com o desafio de representar graficamente uma feira que, ao longo de 25 anos, entrelaçou ciência, escola, cultura e experimentação.

5.3 Mediação da memória institucional no almanaque

A mediação da memória institucional da UFMG Jovem, no contexto deste almanaque, não se dá apenas pela reconstituição cronológica dos fatos, mas pela forma como os registros da feira foram selecionados, organizados e traduzidos graficamente. Linha do tempo visual, blocos temáticos com projetos reais, elementos de identidade recompostos e dispositivos interativos funcionam como estratégias complementares de construção narrativa, concebidas para permitir múltiplos percursos de leitura e interpretação com estudantes e professores.

O eixo cronológico principal do material é a linha do tempo, disposta na faixa inferior de páginas selecionadas. Com estrutura contínua entre 1999 e 2024, ela apresenta dados como o número da edição, o tema do ano e o coordenador geral da edição, além de marcos contextuais podendo ser da UFMG, do Brasil ou do mundo. A escolha por integrar esses contextos visa ampliar a percepção sobre possíveis ressonâncias entre a feira e seu entorno, reforçando a memória como construção situada no tempo e nas condições sociais que moldam a produção e circulação do conhecimento (RICOEUR, 2007; ROSA, TAVARES & BRANDÃO, 2022).

Nos trechos dedicados a projetos reais apresentados por estudantes, a memória institucional é ativada por meio de exemplos. As fichas visuais — com ano, escola, título e tema — foram organizadas em blocos temáticos, permitindo ao leitor observar repetições, transformações e deslocamentos ao longo do tempo. Essa estrutura destaca o protagonismo dos trabalhos escolares, reconhecendo sua centralidade na história da feira. As informações foram extraídas dos anais e planilhas sistematizadas durante a análise documental (Capítulo 3), priorizando diversidade de temas, escolas e regiões participantes. A escolha por uma editoração clara e visualmente leve responde à compreensão de que cada projeto carrega uma experiência e, por isso, merece ser evidenciado graficamente.

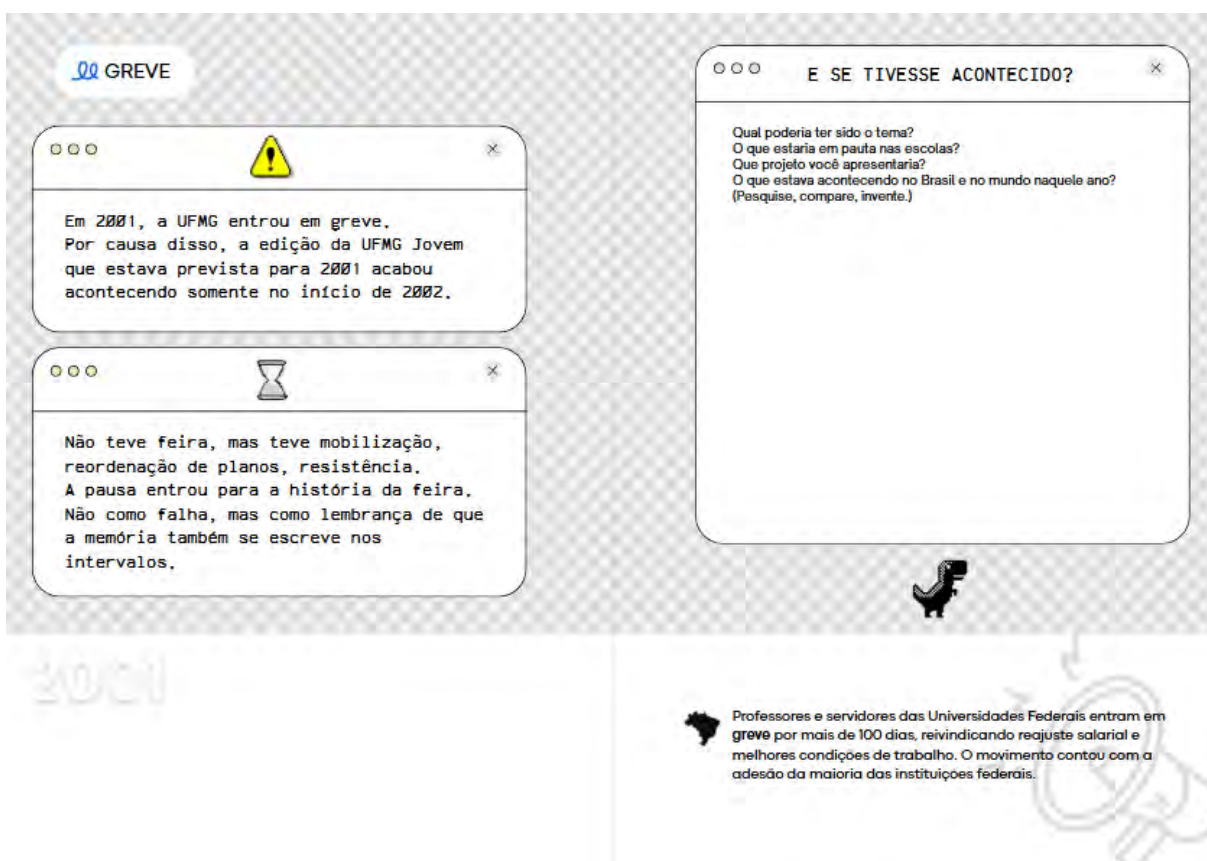
O almanaque também incorpora elementos visuais extraídos da história gráfica da feira, como cartazes, ícones e logotipos reaproveitados ou reinterpretados. Essa recomposição não pretende construir uma linha evolutiva nem padronizar estilos, mas ativar criticamente a memória visual da feira. Ao justapor elementos de diferentes épocas, o projeto revela como o design também participa da construção

institucional e comunica, à sua maneira, os contextos, as intenções e os públicos de cada edição (CARDOSO, 2012).

O tratamento das ausências foi feito com parcimônia. Não se trata de dramatizar lacunas, tampouco de preenchê-las artificialmente, mas de reconhecer os limites documentais do arquivo acessado. Essa postura segue a metodologia da curadoria crítica (Capítulo 3): o almanaque não supre o que não existe, mas também não silencia o que ficou de fora. Onde necessário, as ausências foram visivelmente marcadas, mas sem ocupar papel narrativo central.

A proposta é que o leitor seja acolhido como parte do processo de construção da memória. Ao invés de apresentar uma versão definitiva da história da feira, o almanaque oferece um espaço de descoberta, que convida à participação ativa. Os desafios interpretativos, os glossários incompletos e as perguntas abertas reforçam a ideia de que a memória da extensão universitária se constrói não apenas com registros acumulados, mas também com interpretações, usos e reativações.

Figura 28 – Páginas sobre a edição da feira que não aconteceu em 2001



Fonte: Almanaque UFMG Jovem (2025), elaborado pela autora.

5.4 Considerações finais sobre o produto

Um dos princípios que orientam a criação do almanaque da UFMG Jovem é o da recepção ativa — compreendida, com base em Santaella (1993; 2012), como um processo no qual o leitor desempenha papel ativo na construção de sentido, reorganizando e ressignificando a informação visual e textual a partir de seu repertório individual e contexto sociocultural. A concepção do material foi pensada para promover esse tipo de engajamento, especialmente junto a estudantes do ensino fundamental (a partir dos 10 anos) e médio, além de professores da educação básica que participam ou já participaram da feira.

A estrutura fragmentada do impresso, a organização modular das páginas, a presença de perguntas abertas, glossários incompletos e espaços para anotação funcionam como disparadores de participação. Ao invés de oferecer respostas prontas, o almanaque propõe caminhos possíveis, convites à pesquisa e jogos interpretativos que exigem do leitor uma postura ativa — não apenas diante do conteúdo, mas da própria memória institucional da UFMG Jovem.

Em diversas seções, o leitor é estimulado a realizar inferências, identificar padrões, propor hipóteses ou estabelecer relações entre diferentes edições da feira. O bloco “Detetive da História da Feira”, por exemplo, apresenta fragmentos reais de projetos, logotipos ou registros visuais, sem identificação de ano, convidando o leitor a deduzir sua origem com base nos dados disponíveis na linha do tempo. Em outras seções, como os glossários incompletos, o desafio consiste em completar ou reinterpretar conceitos e siglas a partir da leitura do material — uma forma de letramento visual e científico articulado ao cotidiano escolar.

Essa abordagem também busca romper com o modelo tradicional de mediação informativa, em que o material gráfico apresenta-se como portador de uma verdade já sistematizada. No lugar disso, o almanaque propõe uma mediação compartilhada, em que o design opera como linguagem de ativação: ativação de memórias, de perguntas, de posicionamentos. Como propõem autores como Serafini (2014) e Pater (2020), o design gráfico, quando aplicado de forma situada e crítica, pode funcionar como ferramenta pedagógica não apenas pela clareza de suas estruturas, mas pela abertura de seus sentidos.

As escolhas visuais do projeto também contribuem para essa proposta. Elementos tipográficos, cromáticos e compositivos foram utilizados de modo a favorecer a autonomia do leitor — seja por meio da escaneabilidade das páginas, da variedade de entradas visuais ou da valorização estética dos conteúdos escolares. Ao articular diferentes níveis de informação e camadas de leitura, o almanaque convida o público a se reconhecer nos registros da feira, a reconstruir trajetórias e a imaginar outras possibilidades de atuação científica e educativa.

Nesse sentido, o produto gráfico-educativo não se limita a representar a memória da feira, mas a reativá-la. A cada nova leitura, a depender de quem lê, onde lê e como lê, a história da UFMG Jovem pode adquirir novos significados. Ao mobilizar a recepção ativa como eixo metodológico e político, o almanaque propõe-se como um material vivo — que não apenas preserva o passado, mas projeta futuros possíveis para a extensão universitária e sua relação com a escola pública.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, buscou-se compreender como o design gráfico pode atuar como mediador crítico da memória institucional da UFMG Jovem e contribuir para sua popularização junto aos públicos escolares. Partindo da observação de que a história da feira estava dispersa em documentos não sistematizados, levantou-se o problema de pesquisa que orientou o percurso: como reconstruir e comunicar visualmente, com rigor e sensibilidade, uma trajetória de 25 anos marcada por transformações e resistências? A resposta metodológica a esse problema resultou na criação de um almanaque gráfico-educativo, concebido como artefato de memória, extensão e design situado.

A construção do produto foi informada por uma análise documental extensiva, que reuniu arquivos institucionais, registros fotográficos, anais, reportagens e boletins da UFMG entre 1999 e 2024. Essa base empírica permitiu a reconstrução crítica da trajetória da feira, sistematizada no Capítulo 4, e embasou as decisões curatoriais e visuais que orientaram o desenvolvimento do almanaque. A fundamentação teórica, articulada no Capítulo 2, sustentou a escolha por um design de caráter crítico, vinculado à educação popular, à divulgação científica como direito cultural e à memória como construção ativa e situada.

O almanaque da UFMG Jovem materializa esse direito cultural ao apresentar, em linguagem gráfica acessível, a trajetória de projetos escolares desenvolvidos no âmbito da extensão universitária. Sua estrutura busca valorizar a ciência como prática situada, conectada às experiências e aos contextos das escolas participantes, contribuindo para o reconhecimento da produção científica como bem comum.

6.1 Contribuições da pesquisa

A presente pesquisa buscou contribuir, de forma articulada, para três campos interdependentes: a popularização da ciência, o design gráfico enquanto linguagem educativa, e a memória institucional no contexto da extensão universitária. Ao documentar e analisar a trajetória da feira UFMG Jovem entre os anos de 1999 e 2024, o estudo produziu uma sistematização inédita de fontes dispersas e pouco

acessíveis, oferecendo uma base para futuras investigações e iniciativas de valorização da extensão na universidade.

No campo da popularização da ciência, a dissertação reafirma a importância das feiras escolares como espaços formativos e como estratégias de democratização do conhecimento científico. Ao destacar o protagonismo de estudantes e professores, os vínculos entre saberes escolares e científicos, e a dimensão territorial e simbólica da feira, a pesquisa aproxima-se de autores que defendem a centralidade da participação e da linguagem como direito (SANTOS; GOUVÊA, 2019). O trabalho também dialoga com as diretrizes do Programa Nacional de Popularização da Ciência (BRASIL, 2023), ao propor um produto educativo voltado à circulação pública da ciência de forma crítica, visual e contextualizada.

Em relação ao design gráfico, o estudo contribui para ampliar sua compreensão como linguagem de mediação cultural. A proposta de criação de um almanaque comemorativo, fundamentado em análise documental e orientado por estratégias como modularidade, narrativas visuais e recepção ativa (SCOLARI, 2015; WAGNER, 2018), demonstra o papel do design gráfico como recurso de leitura crítica do mundo e como instrumento de formação cidadã.

No que diz respeito à memória institucional, a pesquisa aponta para a importância de registrar, organizar e tornar visíveis as ações extensionistas das universidades públicas. A linha do tempo produzida, os dados analisados e o produto proposto contribuem para fortalecer a identidade da UFMG Jovem como política pública de educação, ciência e cultura. Ao adotar uma abordagem crítica da memória — compreendida como construção ativa e situada (NORA, 1993; RICOEUR, 2007) — o trabalho também problematiza as ausências, as lacunas e os apagamentos que podem ocorrer quando não há uma política sistemática de documentação institucional.

Assim, a dissertação contribui para o campo do design aplicado à educação de modo transversal, operando entre a teoria, a análise empírica e a criação de um produto com potencial de circulação ampla, didática diversificada e valor simbólico. Trata-se de uma contribuição alinhada ao propósito do mestrado profissional, ao combinar reflexão crítica, rigor metodológico e aplicação prática.

6.2 Limites da pesquisa

Apesar das contribuições apresentadas, esta pesquisa também enfrentou limites importantes, tanto no plano empírico quanto nas possibilidades de aprofundamento teórico e metodológico. Reconhecê-los é fundamental para delimitar o escopo da investigação e indicar caminhos futuros de continuidade.

Um dos principais limites diz respeito à heterogeneidade e lacunaridade do corpus documental. Embora tenham sido reunidos documentos de todas as edições da feira entre os anos de 1999 e 2024, houve edições com escassez de registros, ausência de anais completos ou perda de materiais gráficos e fotográficos. Essa disparidade compromete, em certa medida, a possibilidade de análises mais comparativas e cronológicas, exigindo adaptações metodológicas ao longo do processo.

Outro limite está na ausência de depoimentos, entrevistas ou relatos orais, o que impediu a incorporação de dimensões subjetivas e memórias pessoais associadas à feira. Essa decisão foi tomada com base na não submissão da pesquisa ao Comitê de Ética — por tratar-se exclusivamente de análise documental — e também pela dificuldade de tempo e estrutura para realizar uma escuta sistematizada e ética de participantes. Ainda assim, reconhece-se que os olhares de estudantes, professores e organizadores seriam fundamentais para compor um retrato mais complexo e afetivo da história da UFMG Jovem.

Por fim, destaca-se o limite inerente ao recorte temático e institucional: ao concentrar-se na feira UFMG Jovem, a pesquisa não abordou de maneira aprofundada outras iniciativas correlatas de extensão, como a FEBRAT e a Feira do Norte de Minas, embora elas tenham sido mencionadas como parte do ecossistema extensionista da universidade. A escolha metodológica por focar em um único objeto foi importante para garantir profundidade e viabilidade, mas abre margem para investigações comparativas futuras.

Reconhecer esses limites não significa desvalorizar o percurso realizado, mas, ao contrário, situá-lo dentro de suas condições concretas e apontar com honestidade os contornos da pesquisa. As lacunas identificadas não anulam as contribuições construídas, mas indicam pontos em que o trabalho pode ser expandido, complementado e revisitado em outros contextos.

6.3 Desdobramentos e caminhos futuros

A conclusão desta pesquisa não representa um ponto final, mas sim uma etapa dentro de um processo mais amplo de documentação, valorização e reinterpretação das práticas de popularização da ciência no contexto universitário. Os resultados obtidos e as diretrizes construídas ao longo do percurso indicam múltiplos desdobramentos possíveis, tanto para a circulação do produto gráfico-educativo quanto para o aprofundamento teórico-prático das reflexões iniciadas.

No plano institucional, o almanaque poderá servir como instrumento de fortalecimento da memória da UFMG Jovem, ampliando sua visibilidade e reconhecimento dentro e fora da universidade. Sua distribuição poderá ser articulada com ações da Diretoria de Divulgação Científica, com atividades formativas da Pró-Reitoria de Extensão e com eventos voltados ao ensino de ciências e à educação básica. Também poderá funcionar como material de apoio para escolas participantes da feira, promovendo a reflexão crítica sobre os projetos desenvolvidos e estimulando novas gerações a participarem do evento.

Além disso, o material poderá ser replicado ou adaptado para outros contextos — como outras feiras científicas promovidas pela UFMG (FEBRAT, Feira do Norte de Minas) ou por instituições parceiras. A estrutura modular do almanaque e suas diretrizes visuais permitem que ele seja expandido, reeditado ou transformado em versões digitais, com diferentes níveis de interatividade. Embora concebido prioritariamente como material impresso, o almanaque poderá ter versões digitais em PDF, com recursos como hiperlinks e campos editáveis, o que facilitaria sua circulação em escolas da educação básica e ampliaria as formas de apropriação. A fim de ampliar o alcance, futuras edições poderiam ser desenvolvidas em parceria com o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI/UFMG), incorporando recursos que assegurem o uso pleno por públicos diversos.

Do ponto de vista acadêmico, a dissertação abre espaço para novas investigações sobre o uso do design gráfico como linguagem de mediação educativa, especialmente em contextos de divulgação científica. A perspectiva adotada aqui — que combina análise documental, reflexão institucional e produção gráfica — pode

ser replicada em outras pesquisas no campo do design, da educação e da comunicação pública da ciência.

Também se apresentam como caminhos futuros o aprofundamento da análise da recepção do almanaque junto a estudantes e professores, bem como a proposição de oficinas, materiais complementares e espaços de escuta que ampliem sua dimensão participativa. A incorporação de depoimentos, histórias orais e relatos de experiências vividas na feira poderá enriquecer futuras edições do produto e alimentar novas frentes de pesquisa, inclusive em parcerias com projetos de extensão e grupos de pesquisa já atuantes na área.

Por fim, o percurso trilhado reafirma o papel do design gráfico como uma prática crítica e situada, capaz de contribuir para a democratização do conhecimento e para a valorização da memória das ações científicas e educativas desenvolvidas nas universidades públicas brasileiras. Ao propor um produto gráfico-educativo que emerge da análise documental e se volta à formação crítica de seus leitores, esta pesquisa afirma um compromisso com a ciência como bem comum e com a universidade como espaço de diálogo, criação e transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina; IPHAN, 2009.

ALVARENGA, Beatriz. Criadora da UFMG Jovem reforça a importância da aproximação da universidade com a sociedade. *Boletim da UFMG*, n. 1676, abr. 2014. Disponível em: <https://www.ufmg.br/boletim/bol1676/3.shtml>. Acesso em: 28 abr. 2025.

ANDRÉ, Marli; LÜDKE, Menga. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

BARBALHO, Alexandre. Política cultural. In: RUBIM, Linda (org.). *Organização e produção da cultura*. Salvador: EDUFBA, 2005. p. 33–52.

BONSIEPE, Gui. *Design, cultura e sociedade*. São Paulo: Blucher, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 abr. 2016. Disponível em:

<https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em:

<https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2025

BRASIL. Decreto nº 11.754, de 25 de outubro de 2023. Institui o Programa Nacional de Popularização da Ciência – Pop Ciência e o Comitê de Popularização da Ciência e Tecnologia – Comitê Pop. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ed. 206, p. 1, 26 out. 2023. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/d11754.htm.

Acesso em: 19 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

CARDOSO, Rafael. *Design para um mundo complexo*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CDC/UFMG. Anais da 1ª UFMG Jovem. Belo Horizonte: Centro de Difusão da Ciência da UFMG, 1999.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 295-316.

CENTRO PEDAGÓGICO DA UFMG. Edital da 12ª FEBRAT – Feira Brasileira de Colégios de Aplicação e Escolas Técnicas. Belo Horizonte: CP/UFMG, 2024.

Disponível em:

https://www.cp.ufmg.br/wp-content/uploads/2024/03/Edital_12a_Febrat_vFinal_assinado_assinado.pdf. Acesso em: 22 abr. 2025.

CGEE – CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS. *Percepção pública da ciência e da tecnologia no Brasil – 2023: resumo executivo*. Brasília: CGEE, 2024. Disponível em: <https://percepcao.cgee.org.br>. Acesso em: abr. 2025.

CNN BRASIL. Atlas do IBGE com Brasil no centro vira polêmica: como surgiu o marco zero dos mapas? CNN Brasil, 11 set. 2023. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/atlas-do-ibge-com-brasil-no-centro-vira-polemica-como-surgiu-o-marco-zero-dos-mapas/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras; Fapesp, 1997.

DALCOL, Francisco. *Entendimentos e desacordos: das relações entre crítica, exposição e curadoria*. Porto Arte, Porto Alegre, v. 25, n. 43, p. 1–19, 2020.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX). *Plano Nacional de Extensão Universitária*. 1999.

Disponível em:

<https://www.ufmg.br/cevex/linha-do-tempo/plano-nacional-de-extensao-1999.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2025.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em:

<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: abr. 2025.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: *Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, [S.l.], v. 14, n. 50, p. 27-38, mar. 2006. FapUNIFESP (SciELO).

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40362006000100003>. Acesso em: 2 fev. 2025.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Mapa-múndi com o Brasil no centro do mundo poderá ser adquirido na loja virtual do Instituto. Agência de Notícias IBGE, 8 set. 2023. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39793>. Acesso em: 22 abr. 2025.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004.

LIMA, Fernanda; CATELLI JUNIOR, Rogério. Almanques como recursos de mediação gráfica em contextos escolares. *Revista Educação Gráfica*, v. 26, n. 1, p. 123–138, 2022. Disponível em:

<https://revistas.unesp.br/educacaografica/article/view/40361>. Acesso em: 27 abr. 2025.

LUPTON, Ellen. *O design como storytelling*. São Paulo: GG Brasil, 2020.

LUPTON, Ellen. *Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Olhares, 2022.

MAGALHÃES, Lúcia Santaella; PRADO, Maria Elisabete B. *Letramento visual e leitura de imagens na educação básica*. São Paulo: Cortez, 2016.

MARTELETO, Regina Maria; DOURADO, Stella Moreira. Os almanques e a circulação social dos objetos culturais: bibliografias, coleções, rastros de leitura. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 25, p. 354–372, 2019. DOI:

[10.19132/1808-5245250.354-372](https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/92432). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/92432>. Acesso em: 10 abr. 2025.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro. Science communication in Brazil: a historical review and considerations about the current situation. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, [S.l.], v. 88, n. 3, p. 1577-1595, 15 ago. 2016. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0001-3765201620150338>. Acesso em: 1 maio 2025.

MEGGS, Philip B.; PURVIS, Alston W. *História do design gráfico*. 5. ed. São Paulo: Blucher, 2017.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7–28, 1993.

PATER, Ruben. *The politics of design: a (not so) global manual for visual communication*. Amsterdam: BIS Publishers, 2016.

PETTERSSON, Rune. *Information design: an introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2002.

PRADO DE O. MARTINS, Luiza. Privilege and oppression: towards a feminist speculative design. In: DESIGN RESEARCH SOCIETY CONFERENCE, 2014, Umeå, Sweden. *Anais [...]*. [S.l.]: [s.n.], 2014. Disponível em:

<https://dl.designresearchsociety.org/cgi/viewcontent.cgi?article=1996&context=drs-conference-papers>. Acesso em: 6 abril 2025.

PICCOLI, M. S. de Q.; STECANELA, N. Popularização da ciência: uma revisão sistemática de literatura. *Educação e Pesquisa*, v. 49, p. e253818, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349253818>. Acesso em: 2 maio 2025.

REIS, José. Divulgação científica – Depoimento (1977). In: MASSARANI, Luisa; DIAS, Eliane (Orgs.). José Reis: reflexões sobre a divulgação científica. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2018. 236 p. ISBN 978-85-9543-009-9.

RIBEIRO, Emanuela Sousa; SEGANTINI, Verona Campos; GRANATO, Marcus. Museus e patrimônio cultural universitário: discutindo conceitos e promovendo parcerias e articulações. In: ARAÚJO, Benedito M. et al. (org.). *Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios*. Recife: UFPE, 2019. p. 147–162. ISBN 978-65-86031-01-4.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROSA, Aline de Jesus; TAVARES, Suelane de Souza; BRANDÃO, Flávio Ribeiro. Interseções entre memória institucional, representação da informação e patrimônio cultural: reflexões sobre a preservação da memória universitária. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 1-22, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/emquestao/a/SnzV6W8QsFQ7HDRrtBv6htr/>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SANTAELLA, Lúcia. *Percepção: teoria da comunicação*. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. *Percepção: uma teoria semiótica*. São Paulo: Experimento, 1993.

SANTOS, J. C. dos; VALENTIM, M. L. P. Memória institucional e memória organizacional: faces de uma mesma moeda. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 26, n. 3, p. 208–235, set. 2021.

SERAFINI, Frank. *Reading the visual: an introduction to teaching multimodal literacy*. New York: Teachers College Press, 2014.

SIEX – Sistema de Informação da Extensão Universitária. UFMG, 2023. Disponível em: <https://sistemas.ufmg.br/siex/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA (SBPC). Portal institucional. Disponível em: <https://portal.sbpcnet.org.br>. Acesso em: 28 abr. 2025. TUNSTALL, Dori. *Decolonizing design: a cultural justice guidebook*. Cambridge: MIT Press, 2022.

UNESCO; ICSU. World Conference on Science for the Twenty-first Century: a new commitment. Budapest, 1999. Disponível em:

<https://www.ictal.org/public/downloads-old/2013-2017/worldconferencesci-unesco2000.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Anais da 1ª e 2ª UFMG Jovem*. Belo Horizonte: Centro de Difusão da Ciência da UFMG, 1999–2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Semana do Conhecimento da UFMG – Histórico*. Belo Horizonte: Pró-Reitoria de Extensão, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Resolução Complementar nº 03, de 4 de julho de 2024. Estabelece normas para a política de extensão universitária da UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 2024. Disponível em: https://www.ufmg.br/proex/wp-content/uploads/2024/07/Resolucao-03_2024-CEPE-Normas-Gerais-da-Extensao.pdf. Acesso em: abr. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Relatório de Gestão 2024*. Belo Horizonte: UFMG, 2025. Disponível em: https://www.ufmg.br/proplan/wp-content/uploads/2025/04/exerc_2024_relatorio_gestao2025.pdf. Acesso em: abr. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Feira de Ciências do Norte de Minas recebe inscrições de escolas. Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/eventos/feira-de-ciencias-do-norte-de-minas-recebe-inscricoes-de-escolas>. Acesso em: 22 abr. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Extensão. *Memória da Extensão*. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2024. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/memoria-da-extensao/>. Acesso em: 27 abr. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Materiais internos sobre a UFMG Jovem (1998–2006)*. Acervo documental da pesquisa, 2025.

WITCOMB, Andrea. *Re-imagining the museum: beyond the mausoleum*. 2. ed. Londres: Routledge, 2020.

APÊNDICE

Almanaque UFMG Jovem (produto educacional)

Este apêndice apresenta o produto gráfico-educativo desenvolvido no âmbito desta pesquisa: o *Almanaque UFMG Jovem (1999–2024)*.

Concebido como material comemorativo e pedagógico, o almanaque busca articular memória institucional, popularização da ciência e estratégias de design gráfico voltadas a estudantes da Educação Básica e a seus professores.

Na versão impressa, o almanaque se organiza em módulos narrativos e interativos, explorando recursos de linguagem visual, linha do tempo, atividades e glossário. Para fins de registro acadêmico, o documento integral é aqui incorporado, preservando seu formato original.

almanaque comemorativo

UFMG



Almanaque

UFMG

JOVEM

25 anos

1999 a 2024

PROMESTRE
MESTRADO PROFISSIONAL
EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

FaE
Faculdade de Educação

UFMG



UFMG abre suas portas à população

Primeira reunião da UFMG Jovem é o caminho para socializar o saber

Devoa MACHADO

Um espaço aberto a todos, a comunidade em geral, a todos os interessados em saber, a todos os que querem aprender e ensinar.

UfmG Jovem



Semana do Conhecimento e UFMG Jovem



ANUAL - UFMG JOVEM
"Crescimento para todos"



espaço para a

ciência



Este almanaque foi criado para comemorar os **25 anos da UFMG Jovem.**

Mas não é só um registro: é uma **proposta de leitura, de brincadeira e de descoberta.**

Aqui, você vai encontrar fragmentos da história da feira: projetos reais, temas que se repetem, perguntas feitas por estudantes, imagens gráficas, ausências e recomeços.

Algumas páginas são narrativas.

Outras são desafios.

Há uma linha do tempo lá embaixo — e muitas linhas de leitura possíveis.

Este almanaque é seu. Pode ser lido na ordem, fora dela, com anotações nas páginas.

Pode ser explorado como uma pesquisa.

Relembrar a história da feira também é trabalhar para que ela continue divulgando ciência por muitos mais anos!

M149a Machado, Giovana Marques Carraro, 1989- Almanaque UFMG Jovem [recurso eletrônico] : 25 anos / Giovana Marques Carraro Machado. -- Belo Horizonte: UFMG / FaE, 2024. 79 p. : il., color.

[Obra produzida em conjunto com a dissertação de mestrado da autora com o título: Design gráfico, memória institucional e divulgação científica [manuscrito] : um almanaque para os 25 anos da UFMG Jovem / Giovana Marques Carraro Machado. -- Belo Horizonte, 2025. -- 107 p. : enc., il., color. -- Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. -- Orientador: Glaucinei Rodrigues Corrêa.]. Apêndices: f. Índice p. 73-74.

1. Universidade Federal de Minas Gerais -- Memória. 2. UFMG Jovem, (25 : 2024; Belo Horizonte, MG). 3. Educação. 4. Extensão universitária. 5. Artes gráficas. 6. Divulgação científica.

I. Título. II. Corrêa, Glaucinei Rodrigues, 1972-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 378.1554

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)
Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB:MG-002576/O



COMO DESCOBRIR O QUE VOCÊ NÃO SABE (ainda)

Este almanaque usa muitas palavras que talvez você não conheça. **E tudo bem.**

A UFMG também é feita de códigos, siglas, jargões, como qualquer outro mundo. Mas você pode (e deve!) ir atrás do que ainda não entende.

Vá até o sumário, na página aqui ao lado.

Procure onde está o glossário.

Abra na página indicada.

Leia, complete, crie seus próprios verbetes.

Você não precisa saber tudo.

Mas você sabe aprender!

Comece por onde te deixar com mais curiosidade.



Sumário

APRESENTAÇÃO	6
O CAMPUS	10
MAPA DO CAMPUS PAMPULHA	12
LINHA DO TEMPO	16
O COMEÇO	18
BEATRIZ ALVARENGA	20
GREVE	22
PESSOAS	24
CAMINHOS	26
PROJETOS	28
TEMAS DE PESQUISA	30
DESAFIO	32
E AGORA?	70
GLOSSÁRIO	72

APRESENTAÇÃO

A UFMG JOVEM

O QUE É



UMA FEIRA DE CIÊNCIAS DA UFMG PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

A UFMG Jovem é um espaço onde estudantes da Educação Básica apresentam suas próprias investigações.

É uma feira de ciências, de ideias e de encontros — realizada dentro da universidade pública, mas feita com escolas de todo canto.

Criada em 1999, ela conecta ensino, pesquisa e comunidade. Desde então, cresceu, se transformou e passou a envolver estudantes e professores da Educação Infantil, do Ensino Fundamental, do Ensino Médio, da EJA e da Educação Técnica — de escolas públicas e privadas de todo o estado de Minas Gerais.

A cada edição, a feira transforma o campus da UFMG em um espaço de escuta, de circulação de saberes, de descobertas compartilhadas.



Encontrou uma palavra que não conhece? Procure no glossário ao final!



Hoje, a UFMG Jovem é um programa institucional composto por várias ações:

Feira da Educação Básica – com trabalhos investigativos e inventivos, em qualquer área do conhecimento.

Conversa com Cientistas – encontros entre pesquisadores da UFMG e estudantes da escola básica.

#ExploraUFMG – visitas a museus, laboratórios e espaços culturais da universidade.

Desafio – uma proposta criativa para explorar o tema da feira por meio de texto, imagem, vídeo ou áudio.



Mais do que um evento, a UFMG Jovem é uma ponte: entre universidade e escola, entre ciência e cotidiano, entre infância, juventude e futuro.

Participar da feira é ocupar a universidade – com perguntas, com imaginação, com ciência viva.

Você sabia?

A UFMG Jovem nem sempre teve a cara que tem hoje. Quando foi criada, a feira era organizada pela universidade, mas não incluía ainda os projetos das escolas. A participação ativa das escolas da Educação Básica só cresceu com o tempo – e foi justamente isso que fez a feira se transformar no que ela é hoje: um espaço de troca, de presença e de voz.



Pode entrar?

A UFMG Jovem ocorre no campus Pampulha, em Belo Horizonte - Minas Gerais.

E cada ano pode ser diferente.

Às vezes as apresentações de trabalho estão na praça de serviços, às vezes em algum CAD. Às vezes, há abertura no auditório da Reitoria, outras vezes em tendas externas. E tem quem chegue ao #ExploraUFMG e saia sabendo onde fica o Museu de Ciências Morfológicas!

A verdade é que o campus é grande, diverso, vivo. E muita gente, ao chegar, não sabe se pode circular por ele.



**“Pode entrar ali?”, “Tem que pedir licença?”,
“É só pra quem estuda aqui?”**

A resposta é simples: **Pode entrar, sim.**
A Universidade é pública.

É da escola.

É da cidade.

É da sociedade.



Pode entrar!

MAPA DO CAMPUS PAMPULHA



A UFMG É TERRITÓRIO PÚBLICO

Este mapa mostra uma parte da Universidade: o **campus Pampulha**, em Belo Horizonte.

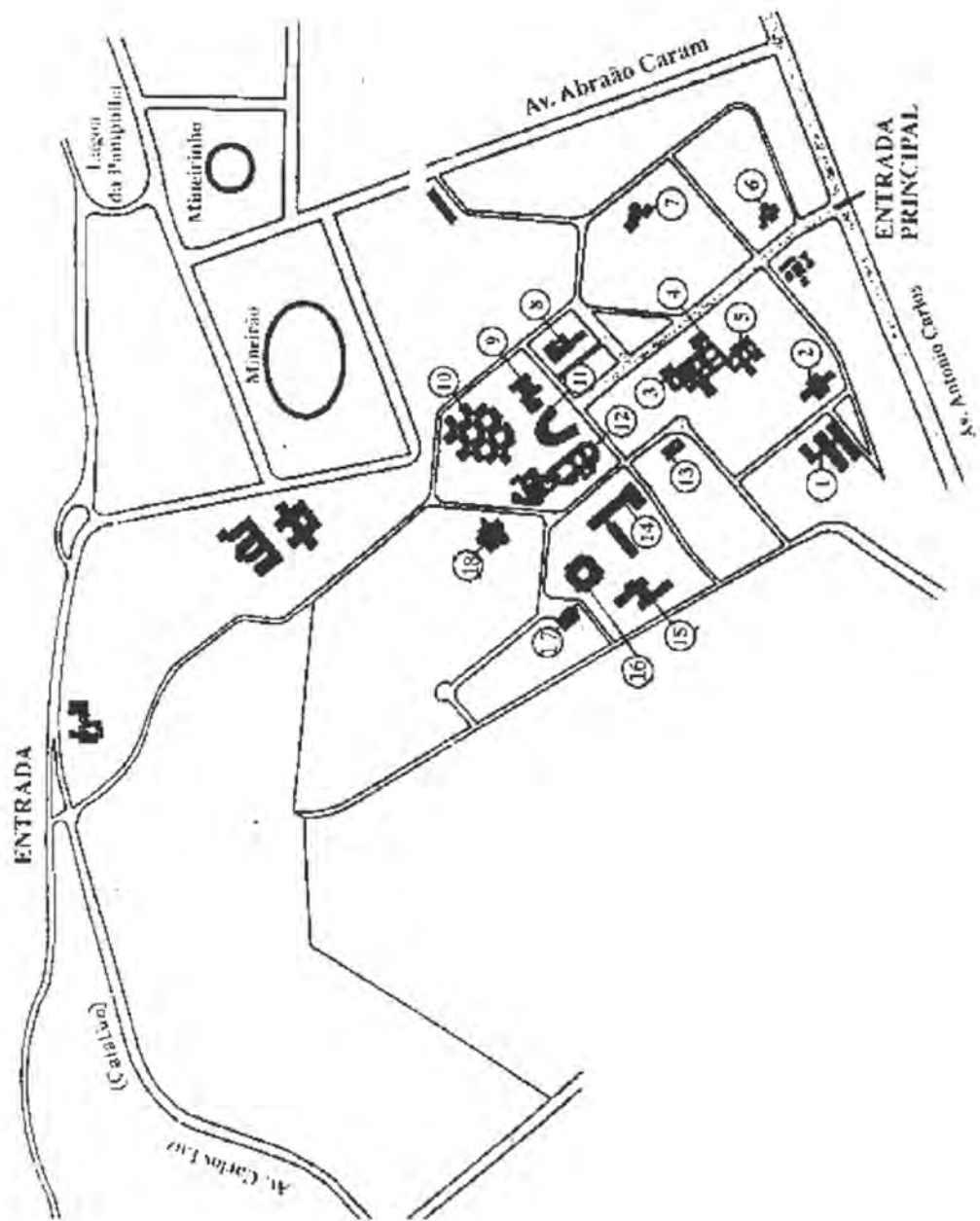
Mas a UFMG é maior do que isso.

Em **Belo Horizonte**, ela também está presente no **campus Saúde** (na região hospitalar) e no **Centro**, com a **Faculdade de Direito** e a **Escola de Arquitetura**, e os dispositivos culturais: o **Conservatório**, o **Centro Cultural** e o **Espaço do Conhecimento UFMG**. O **Museu de História Natural** também fica por perto, no bairro Santa Inês.

No Norte de Minas, em **Montes Claros**, está o **ICA – Instituto de Ciências Agrárias**. E em muitas outras cidades mineiras, a universidade também chega — por meio de projetos, eventos e ações de extensão.



Quais espaços da UFMG você já visitou?



Este é o mapa da UFMG em 1999, ano da primeira edição da UFMG Jovem.

O que você observa de diferença entre os dois mapas?

LINHA DO TEMPO



Aqui, o tempo se abre

A partir da próxima página, este almanaque passa a contar o tempo da UFMG Jovem, ano a ano, de 1999 até 2024.

Em cada página, lá embaixo, você vai encontrar o ano, o nome da edição, o tema...E, também, o que estava acontecendo no Brasil, no mundo ou na universidade naquele momento.

Quer saber o que acontecia na feira no ano em que você nasceu? Pode seguir por ali até encontrar.

Ou abrir em qualquer ano e começar por onde quiser.

Você pode (e deve!) avançar e voltar, procurar por coincidências, fazer conexões. Notou algum detalhe que mudou ao longo dos anos? Talvez um tema lá do início converse com uma ideia que apareceu muitos anos depois. Talvez algo de 2005 explique um tema de pesquisa de 2023.

Porque a feira também é isso: um lugar onde ideias de diferentes anos, escolas e pessoas continuam se encontrando.

DESLIZE PARA COMEÇAR



CONHECIMENTO PARA TODOS

Em 1999, a UFMG organizou um grande evento voltado para estudantes da educação básica.

A inspiração veio da participação da universidade na 49ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) dois anos antes — uma experiência marcante, que mostrou como a ciência podia ser compartilhada fora dos laboratórios.

O evento recebeu o nome de **UFMG Jovem: conhecimento para todos** e ocupou a Praça de Serviços, o ICEX, o COLTEC e o Departamento de Química, no campus Pampulha.

Em sua primeira edição foram oferecidas **oficinas, exposições interativas, conferências, mesas redondas, salas de micro, atividades culturais e várias outras atividades para a participação do público.**

Nascia ali um evento que não queria só mostrar projetos.

Queria ouvir, trocar, circular saberes — dentro e fora da universidade. O objetivo da organização era tentar reproduzir espaços e atividades de museus e centros de ciência modernos onde o aprendizado informal da ciência era colocado em prática.



UFMG

Belo Horizonte, 10 de março de 1999

ANO 25 Nº 1222

UFMG Jovem conquista adolescentes mineiros



A primeira edição da *UFMG Jovem* registrou, por dia, a participação de cerca de seis mil visitantes, superando todas as expectativas dos organizadores. Realizada nos dias 26, 27 e 28 de fevereiro, a iniciativa difundiu, entre alunos e professores de primeiro e segundo graus de escolas mineiras, parte significativa do conhecimento produzido nos laboratórios e salas de aula da maior universidade do estado.

Adolescência e Sexualidade (foto) foi a oficina mais procurada pelos estudantes que vieram ao campus Pampulha.



Capa do Boletim da UFMG noticiando a primeira edição da UFMG Jovem. **O que parecia diferente naquela época?**

1999

I Reunião Anual da UFMG Jovem

Data de realização: 26 a 28 de fevereiro de 1999

Coordenadora geral: Prof.ª Beatriz Alvarenga Álvares

Tema: Conhecimento para todos



Conferência Mundial de Ciência da UNESCO em Budapeste reforça laços entre ciência e sociedade.



Plano Nacional de Extensão Universitária define diretrizes para unir ensino, pesquisa e extensão, incentivando ações para ampliar o diálogo com a sociedade.



A professora que acendeu a primeira luz

A ideia da feira nasceu com ela

Beatriz Alvarenga, professora, física e divulgadora da ciência, foi uma das responsáveis por propor a criação da UFMG Jovem como projeto permanente.

Ela acreditava que todo mundo tem direito à ciência. E que a universidade precisava se aproximar da escola, não só com respostas, mas também com escuta.

Beatriz escreveu livros, deu aulas, coordenou projetos. Mas também andava pelos corredores, assistia aos trabalhos, conversava com os estudantes.

E, com seu jeito de perguntar, fazia a ciência virar conversa.

Beatriz nasceu em 1923, em Santa Maria de Itabira (MG). Aos 17 anos, prestou vestibular para engenharia civil — foi a única mulher da turma. Queria estudar matemática, mas ainda não havia curso de Física ou Matemática para licenciatura. Mesmo assim, foi no ensino da Física que ela encontrou seu lugar.

Nos anos 1940, tornou-se a primeira professora de Física do Colégio Estadual Central, em Belo Horizonte. Naquela época, não era comum ver mulheres dando aula de ciências.

Em 1968, ajudou a fundar o Departamento de Física do Instituto de Ciências Exatas da UFMG, onde lecionou até se aposentar, em 1987. Depois disso, seguiu atuando como autora de livros didáticos, tornando-se referência nacional no ensino de Física.



**Você já estudou com algum livro da Beatriz?
Já fez algum experimento que ela ensinou?**

Você sabia?

- Beatriz escreveu, ao lado de Antônio Máximo, uma das coleções de Física mais usadas do Brasil até hoje.
- Desde 2009, seus livros vendem mais de 1 milhão de exemplares por ano.
- Ela viveu até os 100 anos!



2000

II Reunião Anual da UFMG Jovem

Data de realização: 18 a 23 de setembro de 2000

Coordenador geral: Prof. Marcos Roberto Moreira Ribeiro

Tema: Conhecimento para todos



Institucionalização da UFMG Jovem por meio de uma resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), sendo oficialmente reconhecida como programa acadêmico. Isso deu mais estabilidade ao projeto e fortaleceu sua importância na aproximação entre universidade e sociedade, além de valorizar a divulgação científica para estudantes da educação básica.



Em 2001, a UFMG entrou em greve.
Por causa disso, a edição da UFMG Jovem
que estava prevista para 2001 acabou
acontecendo somente no início de 2002.



Não teve feira, mas teve mobilização,
reordenação de planos, resistência.
A pausa entrou para a história da feira.
Não como falha, mas como lembrança de que
a memória também se escreve nos
intervalos.



E SE TIVESSE ACONTECIDO?



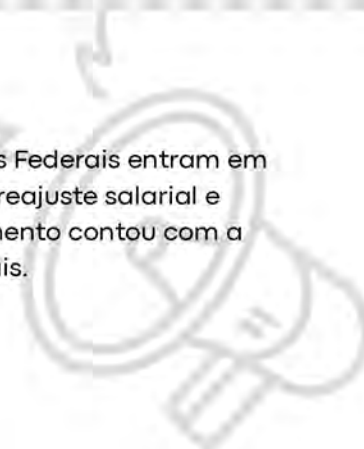
Qual poderia ter sido o tema?
O que estaria em pauta nas escolas?
Que projeto você apresentaria?
O que estava acontecendo no Brasil e no mundo naquele ano?
(Pesquise, compare, invente.)



2001



Professores e servidores das Universidades Federais entram em **greve** por mais de 100 dias, reivindicando reajuste salarial e melhores condições de trabalho. O movimento contou com a adesão da maioria das instituições federais.





Na UFMG, a organização da feira é responsabilidade da **Diretoria de Divulgação Científica (DDC)**, vinculada à **Pró-Reitoria de Extensão (PROEX)**. Cada edição envolve meses de preparação, desde a elaboração dos editais até o planejamento logístico, a montagem dos espaços e o acolhimento das escolas participantes.

Tudo isso faz parte da política de extensão da universidade: conectar o conhecimento que se produz aqui com os saberes e realidades de quem vem de fora da UFMG.

Uma feira não se faz sozinha.

É feita por quem envia, quem planeja, quem carrega, quem monta. Por quem orienta, escreve, organiza, cuida, apresenta. Por professores e estudantes. Por escolas pequenas, grandes, públicas, de perto ou distantes. Por bolsistas da graduação. Por técnicos e coordenadoras. Pela equipe de extensão. Por quem desenha cartazes. Por voluntários e voluntárias.

A feira é feita por muita gente e com muito trabalho!



Você sabia?

A maioria das coordenações da feira ao longo dos anos foi composta por mulheres.

2002

III Reunião Anual da UFMG Jovem

Data de realização: 21 a 23 de fevereiro de 2002

Coordenador geral: Prof. Marcos Roberto Moreira Ribeiro

Tema: Conhecimento para todos



Devido a greve ocorrida no ano anterior, a III Reunião da UFMG Jovem tem sua **programação reduzida** e se limita às **Mostras Interativas**, que destacam os trabalhos desenvolvidos por professores e alunos da universidade. Mesmo com as limitações, o evento manteve seu compromisso de divulgar o conhecimento produzido na instituição e de aproximar a comunidade acadêmica da sociedade.

De onde vêm

Quando os estandes estão montados, parece que tudo nasceu ali. Mas os projetos chegam de todos os lugares: de escolas urbanas, rurais, ribeirinhas, quilombolas, estaduais, municipais e federais. Carregam realidades diferentes, sotaques, problemas e soluções.

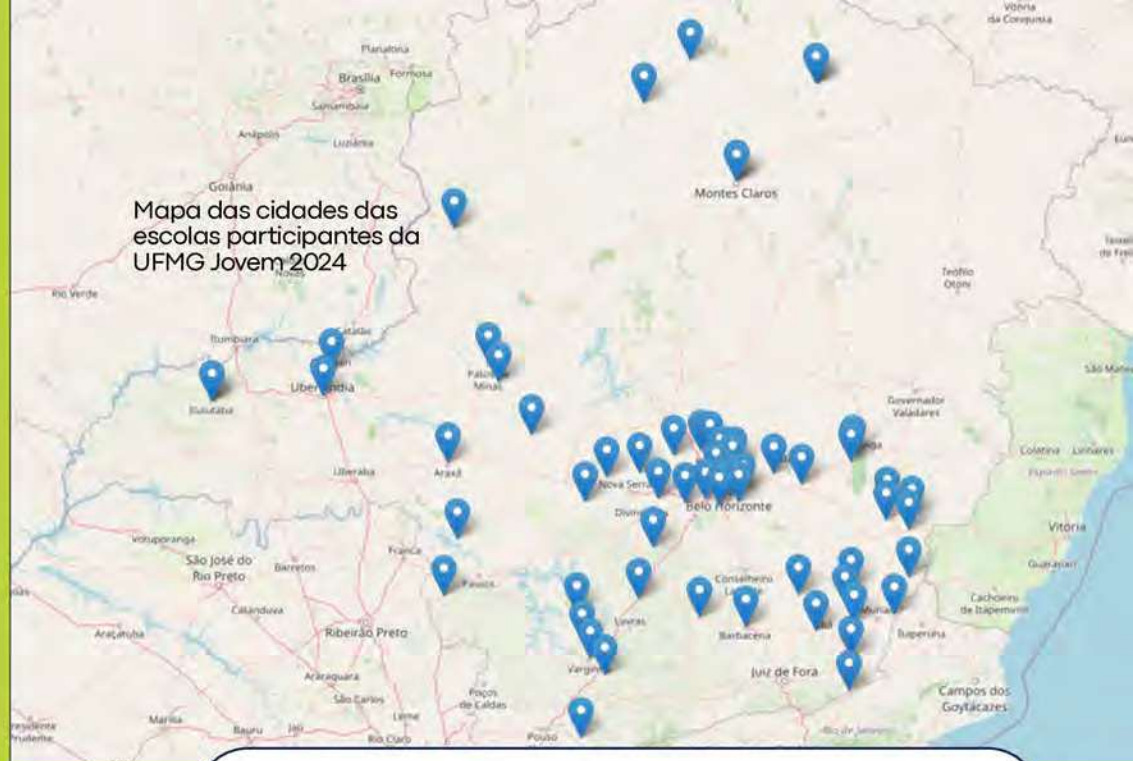
Para chegar até o campus, há quem atravesse o bairro, a cidade ou o estado. Às vezes com ônibus fretado, às vezes em transporte compartilhado, às vezes com a própria escola organizando o caminho.

Em 2010, a UFMG Jovem passou a aceitar banners digitais — uma forma de incluir escolas que não conseguiam vir presencialmente até Belo Horizonte. Isso permitiu que projetos do interior de Minas fossem apresentados à distância, com acompanhamento via web.

E em 2022, quando a feira foi em formato híbrido por causa da pandemia, essa abertura se ampliou: escolas de todo o Brasil puderam participar naquele ano.



Mapa das cidades das escolas participantes da UFMG Jovem 2024



Você sabia?

Em 2011, uma greve na Rede Estadual de ensino dificultou a vinda de muitas escolas. Sem apoio da Secretaria de Educação, só puderam participar presencialmente aquelas que tinham recursos próprios ou que não precisavam se hospedar em Belo Horizonte.

2003

IV Reunião Anual da UFMG Jovem

Data de realização: 29 e 30 de agosto de 2003

Coordenadora geral: Prof.ª Andréa Horta Machado

Tema: Conhecimento para todos



UFMG e Cidade dos Meninos São Vicente de Paulo firmam um acordo para ajudar mais de seis mil jovens carentes de Ribeirão das Neves.

É apresentado o mascote da edição, **Joventino**, como forma de representar os estudantes do ensino médio.



Como nasce um projeto de pesquisa?

Nem todo mundo começa um projeto com um plano.
Às vezes ele nasce de uma dúvida no meio da aula.
De um problema observado na escola.
De uma conversa com alguém da comunidade.
De algo que incomoda ou que precisa de uma explicação.

Um projeto pode nascer de uma pergunta como:
Por que a água da nossa torneira tem gosto estranho?
Por que as árvores da praça estão morrendo?
Como funciona uma impressora 3D?

Depois vem a pesquisa, as entrevistas, os testes, os erros, as anotações. E então o cartaz, o título, o ensaio, o estande.
Quando o projeto chega à feira, muita coisa já aconteceu.
O que se vê no estande é só a última parte de um caminho.

TODA PESQUISA TEM ESTRUTURA



Os projetos apresentados na UFMG Jovem não são apenas ideias soltas. Eles passam por uma organização formal, como em qualquer processo de pesquisa científica:

1. Introdução

Apresenta o tema, o problema de pesquisa e a justificativa: por que esse assunto é importante?

2. Metodologia

Descreve como a investigação foi feita: quais materiais, estratégias, testes ou observações foram utilizados.

3. Resultados e Discussão

Mostra o que foi descoberto, o que os dados indicam, quais hipóteses foram confirmadas (ou não).

4. Considerações finais

Traz o que foi aprendido e quais caminhos poderiam ser seguidos depois.

5. Referências

Lista os livros, sites ou materiais usados como base teórica ou informativa.

2004

V Reunião Anual da UFMG Jovem

Data de realização: 26 a 28 de agosto de 2004

Coordenadora geral: Prof.ª Bernadette de Fátima Trigo Passos

Tema: Conhecimento para todos



Instituída a **Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT)**, que passou a mobilizar milhares de escolas e universidades em atividades de divulgação científica por todo o país.



Joventino, mascote da edição passada, comparece acompanhado de sua irmã caçula - a **Jovelina**. Respectivamente, eles representam os estudantes do ensino médio e fundamental.

O MESMO ASSUNTO,

por caminhos diferentes

Em muitas edições da UFMG Jovem aparecem pesquisas sobre **meio ambiente**. Mas em algumas, esse tema está na **Geografia**. Em outras, nas **Ciências Naturais**. Em outras ainda, na **Arte**, na **História**, na **Literatura**. O mesmo acontece com a alimentação, o corpo, o território, a saúde mental.

Esses são exemplos de **temas transversais** — assuntos que podem atravessar diferentes áreas do conhecimento e aparecer de formas variadas. É por isso que um mesmo tema pode gerar uma pesquisa histórica, uma proposta de intervenção social, um protótipo tecnológico ou uma experiência de laboratório.

Quando isso acontece, estamos lidando com a **interdisciplinaridade**: um modo de aprender e pesquisar que aproxima saberes diferentes, para responder perguntas complexas.

A feira é cheia de exemplos assim. E é isso que torna os projetos ainda mais vivos. Um assunto sozinho já é potente. Mas quando ele cruza com outros campos, ele se expande.



E você?

Se o seu tema fosse “**água**”, o que você pesquisaria?

- A qualidade da água da escola?
- A escassez nos rios da região?
- A simbologia da água nos mitos indígenas?
- O uso da água na agricultura familiar?

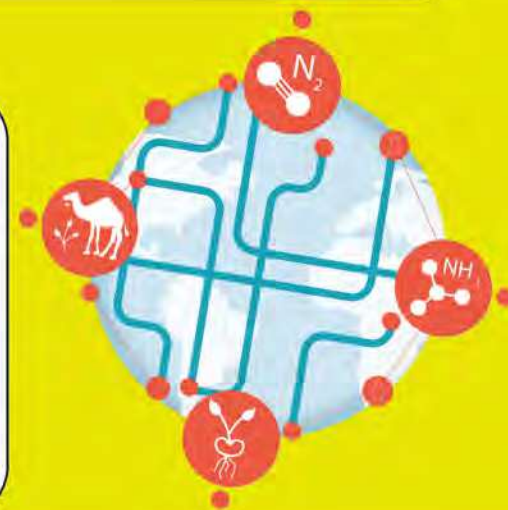
A pergunta muda conforme a área. Mas o tema continua sendo o mesmo!

CURIOSIDADE

Abelhas, morcegos e aranhas apareceram em vários projetos entre 1999 e 2006.

Estavam em exposições, oficinas e mostras sobre mitos, polinização, cavernas e animais peçonhentos.

Um mesmo animal pode gerar pesquisas em diferentes áreas — da biologia à cultura popular.



2005

VI Reunião Anual da UFMG Jovem

Data de realização: 6 e 7 de outubro de 2005

Coordenadora geral: Prof.ª Bernadette de Fátima Trigo Passos

Tema: Conhecimento para todos



I Congresso Ibero-Americano de Extensão Universitária reúne universidades para discutir, apresentar experiências e refletir sobre o papel da extensão universitária. O congresso busca fortalecer a troca de ideias e a integração entre instituições, promovendo o desenvolvimento de projetos e ações que aproximam a universidade da sociedade. UFMG participa como destaque.

Contar a história de uma feira que acontece há 25 anos não é simples.

Muita coisa já foi vivida, criada, compartilhada. Foram centenas de projetos, ideias inventadas, descobertas feitas por estudantes e professores de todo canto.

Mas nem tudo ficou guardado do mesmo jeito.

Alguns registros estão nos anais da feira.

Outros se perderam em planilhas, cartazes, pastas esquecidas ou memórias de quem passou por aqui.

O que reunimos neste trecho do almanaque são **fragmentos reais** — pedaços daquilo que foi apresentado ao longo do tempo: **títulos de projetos, trechos de resumos, perguntas, imagens, frases.**

É impossível colocar tudo em um livro só. Mas é possível olhar com atenção para o que ficou. Cada fragmento carrega pistas. Cada pista pode abrir um caminho.

A proposta aqui é treinar o olhar investigativo:

Qual tema aparece? Em que área ele poderia se encaixar? O que ele revela sobre a escola que o criou? Que pistas dá sobre o tempo em que foi feito?

Você pode usar os ícones, cores e a linha do tempo aqui embaixo como ferramentas para investigar.

Avance e volte quantas vezes quiser. Compare temas, projetos, contextos.

A memória também se constrói assim: aos poucos, por conexões.

Não é preciso acertar nada. Basta se permitir pesquisar, cruzar, imaginar.

Quem sabe isso inspire novas perguntas — e novos projetos para os próximos 25 anos?



2006

UFMG Jovem 2006

Data de realização: 19 e 20 de outubro de 2006

Coordenadora geral: Prof.ª Elvira Maria Alvarez Leite

Tema: Inovação no conhecimento

m

O Centro de Difusão da Ciência (CDC) é criado como parte da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG. Com isso, a organização da feira de ciências e as ações para popularizar a ciência na universidade ganham mais força. O CDC conta com uma equipe fixa para planejar, comunicar e fazer a ponte com as escolas, além de aproximar a feira de outros projetos de extensão da UFMG.

APRENDA INGLÊS NA INTERNET



OFICINA

AUTORES:

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva
Isabel Maria da Silva
Ricardo Augusto de Souza
Erk Fleischer

RESUMO:

Nesta oficina, alunos de ensino fundamental e médio terão oportunidade de navegar em alguns sites que disponibilizam atividades para a aprendizagem de inglês.

LINUX PARA TUDO E PARA TODOS

OFICINA

AUTORES:

Humberto Honda



RESUMO:

O objetivo desta oficina é mostrar e ensinar como um sistema operacional do tipo Linux, livre e gratuito, pode substituir o Windows em quase todas as aplicações desktop. Será ensinado como instalar e configurar o Linux para aplicações desktop (processador de textos, planilha eletrônica, apresentador de slides), acesso à Internet e aplicações 3D.



Para investigar:

- Em que período você acha que essa oficina foi realizada?
- Como a internet mudou a forma como as pessoas aprendem línguas? Você já conversou com alguém de outro país usando a internet?



Para investigar:

- Em que período você acha que essa oficina foi realizada?
- Você sabe como eram os computadores 20 anos atrás? O que você observa nas mudanças dessa tecnologia ao longo dos anos?

Resposta: As oficinas foram realizadas na UFMG Jovem de 2000.

2007

UFMG Jovem 2007 e I FECEB-MG

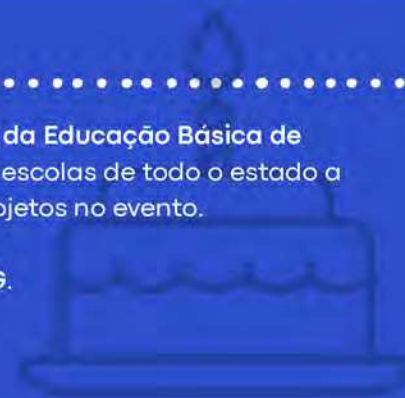
Data de realização: 18 e 19 de outubro de 2007

Coordenadora geral: Prof.^a Elvira Maria Alvarez Leite



Primeira edição da Feira de Ciências da Educação Básica de Minas Gerais (FECEB-MG), que dá às escolas de todo o estado a chance de exporem seus próprios projetos no evento.

Comemoração dos 80 anos da UFMG.



COMBUSTÍVEL DO FUTURO: PRODUÇÃO DE GÁS HIDROGÊNIO POR BIOGÁS E ENERGIA SOLAR

CENTRO DE
EDUCAÇÃO ANGHER

O trabalho propõe alternativas energéticas sustentáveis, destacando o uso do hidrogênio como combustível para automóveis. Recebeu o 1º lugar na categoria ensino médio e foi indicado para apresentação na FEBRACE – Feira Brasileira de Ciências e Engenharia, realizada na Universidade de São Paulo.

PRODUÇÃO DE BISCOITOS COM FARINHA DA SEMENTE DE LEUCAENA LEUCOCEPHALA (LAM.) DE WIT. (FABACEAE)

CEFET-MG

O estudo avaliou a viabilidade da farinha de *Leucaena leucocephala* (FLL) como substituto parcial da farinha de trigo na produção de biscoitos tipo cookie. Ficou em 3º lugar e foi indicado para a MOSTRATEC – Mostra Internacional de Ciência e Tecnologia, no Rio Grande do Sul. Nessa feira, o projeto conquistou o 4º lugar e foi credenciado para participação em uma edição da Expo-Sciences International, da MILSET.



Para investigar:

- O que esses dois projetos têm em comum, apesar de tratarem de temas tão diferentes?
- Em quais áreas do conhecimento você colocaria cada um?
- Que elementos mostram que esses trabalhos foram além da feira da UFMG Jovem?
- Em que período você acha que esses projetos foram apresentados?

Os projetos foram premiados na UFMG Jovem de 2016.

2008

IX UFMG Jovem e II FECEB-MG

Data de realização: 29 a 31 de outubro de 2008

Coordenadora geral: Prof.ª Tânia Margarida Costa Lima



A Lei nº 11.892/2008 cria a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e os **Institutos Federais** em todo o Brasil. Esses institutos reúnem antigas escolas técnicas e agrotécnicas, oferecendo ensino técnico, superior tecnológico, pesquisa e extensão. Com isso, a educação científica chega a mais cidades do interior e fortalece a formação profissional em várias regiões do país.

A PERCEPÇÃO E RELAÇÃO DAS PESSOAS COM JOGOS VIRTUAIS	Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia
LITERATURA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	Centro Pedagógico da UFMG
PROCOPEA: PROJETO DE CONSCIENTIZAÇÃO DE PRESERVAÇÃO DE ESPÉCIES AMEAÇADAS	Colégio Santa Maria Minas (Unidade Betim)
A ANSIEDADE NO ENSINO MÉDIO: OS JOVENS ESTÃO PRONTOS PARA CUIDAR DA VIDA?	Fundação de Ensino de Contagem (Unidade Cruzeiro do Sul) - Contagem
INVESTIGAÇÃO SOBRE A PERCEPÇÃO DAS PESSOAS EM RELAÇÃO ÀS VACINAS DA COVID-19	Colégio Clita Batista - Pedro Leopoldo
A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS QUANTO À EXIGÊNCIA DAS CÂMERAS LIGADAS NAS AULAS ON-LINE	Colégio Clita Batista - Pedro Leopoldo



Para investigar:

- Que temas sociais estão sendo pesquisados aqui?
- Quais dessas perguntas surgem do cotidiano recente — especialmente da pandemia?
- Como esses projetos conectam ciência, cultura e vida escolar?
- Você reconhece algum desses assuntos na sua realidade?
- O que nestes projetos indicaria que foram feitos recentemente?

Resposta: Estes projetos foram apresentados na UFMG Jovem, de 2021.

2009

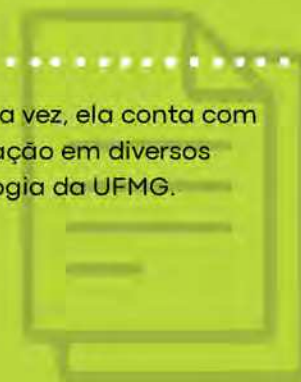
X UFMG Jovem e III FECEB-MG

Data de realização: 18 a 20 de novembro de 2009

Coordenadora geral: Prof.ª Tânia Margarida Costa Lima



UFMG Jovem completa 10 anos. Pela primeira vez, ela conta com trabalhos de alunos e professores de graduação em diversos cursos de licenciatura, e do curso de Pedagogia da UFMG.



A INFLUÊNCIA DAS FAKE NEWS NO COTIDIANO

ESCOLA ESTADUAL
PROFESSOR JOÃO
ARRUDA PINTO

RESUMO:

O termo fake news (notícias falsas) tem sido citado constantemente na mídia sendo compartilhadas por robôs e cidadãos desavisados que não checam a veracidade das informações. O impacto tem sido gigantesco em diversas áreas, tanto que um projeto de lei foi criado no Brasil e prevê punição para divulgação destas notícias. No entanto, as notícias continuam aparecendo no ambiente virtual, influenciando o comportamento da população. Portanto, o presente trabalho visa avaliar o conhecimento de indivíduos com diferentes graus de instrução sobre fake news e analisar os impactos destas notícias na sociedade através das redes sociais. Um questionário foi elaborado com nove questões para avaliar o conhecimento de indivíduos de diferentes graus de instrução sobre fake news e disponibilizado na web através do formulário criado no Google, o qual está sendo divulgado nas redes sociais, na escola e em instituição de curso superior. Além disso, foi instalado o programa do projeto criado pela UFMG denominado "eleições sem fake" para avaliar a ferramenta de combate as fake news. O programa do projeto "Eleições sem fake" instalado para avaliar uma conta do facebook demonstrou que os anúncios da conta utilizada estavam relacionados a informações da biografia do usuário. O site do projeto possibilita comparações de notícias de diversas páginas, informações sobre candidatos, sendo uma excelente ferramenta de combate as fake news.

AUTORES:

Vitor de Moraes Santos

Elizabeth da Costa Borges

Vivian Jordania da Silva

Elisangela da Costa Ferreira

Orientadora: Elisangela da Costa Ferreira

Co-orientadora: Vivian Jordania da Silva



Para investigar:

- Quais pistas ajudam a entender o momento em que essa pesquisa foi feita?
- Você consegue imaginar o que estava acontecendo no Brasil ou no mundo naquele período?
- Quais áreas do conhecimento foram mobilizadas aqui?

Resposta: O trabalho foi apresentado em 2018

2010

XI UFMG Jovem e IV FECEB-MG

Data de realização: 20 a 22 de outubro de 2010

Coordenadora geral: Prof.ª Sylvania Sousa do Nascimento



ONU lança a Década das Nações Unidas para a Biodiversidade 2011–2020, após a 10ª Conferência das Partes da Convenção sobre Diversidade Biológica (COP-10) em Nagoya, Japão



UFMG Jovem passa a ser organizada pela Diretoria de Divulgação Científica (DDC), vinculada à Pró-reitoria de Extensão (Proex).

PROTÓTIPO DE SISTEMA ELETROMECAÂNICO DE REAPROVEITAMENTO DA ÁGUA DA CHUVA

CECIMIG

RESUMO:

Atualmente, um dos grandes problemas do mundo é o desperdício de água, um recurso essencial para a vida, tornando-se importante encontrar um meio alternativo e barato para evitá-lo. O projeto apresentado consiste em um protótipo de um sistema para o reaproveitamento da água da chuva que cai nos telhados residenciais e, para tal, foi construído um modelo de uma casa em madeira onde o sistema foi instalado. Este é composto por tubos e funis que levam a água até um reservatório, situado no interior da casa, onde passa por um processo de decantação. De acordo com o nível da água, uma válvula é aberta ou fechada por um circuito eletrônico, permitindo o controle de sua passagem. A água é, então, bombeada para um segundo reservatório, onde passa por um filtro que pode ser retirado para limpeza devido a um sistema de vedação eficiente. Outra bomba é utilizada para elevar a pressão da água, para que possa ser distribuída pela casa e reutilizada onde não é preciso uma purificação rigorosa. Ao observarmos o sistema em funcionamento, concluímos que ele é totalmente viável e pode ser facilmente instalado e utilizado em residências e indústrias.

AUTORES:

Lorena Cristina Faria Batista
Júlia Guimarães Lopes
Luana Ferreira Chaves
Orientador: Giovane Azevedo
Co-orientador: Alexandre Martins de Melo e Souza



Para investigar:

- Você já pensou de onde vem a água que usamos em casa e para onde ela vai depois? O que aconteceria se um dia ela simplesmente acabasse?
- Em quais lugares da sua casa você usaria a água da chuva reaproveitada? Por quê?

Este projeto foi apresentado na UFMG Jovem de 2008.

2011

XII UFMG Jovem e V FECEB-MG

Data de realização: 19 a 21 de outubro de 2011

Coordenadora geral: Prof.ª Sylvania Sousa do Nascimento

Tema: Ano internacional da Química



Governo Federal cria o Programa Ciências sem Fronteiras para oferecer bolsas de intercâmbio internacional a estudantes de graduação e pós-graduação, estimulando a formação qualificada e trocas culturais.

SALAS DE MICROS

INTERNET: NAVEGAR É PRECISO,
MAS COM BÚSSOLA

AUTORES:

Antônio Mendes Ribeiro (DCC/UFMG);
Helton Fábio de Matos (DCC/UFMG);
Maria Tereza Gonçalves Diniz (DCC/UFMG)

RESUMO:

A Sala de Micros oferece oportunidade para o aluno vivenciar todo o processo de busca de informação no espaço virtual, em função de uma necessidade pré-definida e utilizando as ferramentas necessárias, disponíveis em ambiente windows. As atividades propostas correspondem a uma visita a uma biblioteca, para pesquisa de tema específico. Pretende-se, no ambiente da internet, localizar informações, filtrar os dados encontrados, organizar, fazer síntese dos fatos relevantes e disponibilizar os resultados produzidos.



Para investigar:

- Pelas ferramentas citadas e pelo modo como a atividade é descrita, em que época você acha que ela aconteceu?
- Você consegue imaginar como seria essa mesma oficina nos dias de hoje?

Resposta: A oficina aconteceu em 1999

2012

XIII UFMG Jovem

Data de realização: 17 a 19 de outubro de 2012

Coordenadora geral: Prof.ª Silvania Sousa do Nascimento



Ano Internacional da **Energia Sustentável** para todos.



Governo Federal sanciona a **Lei de Cotas**, que reserva vagas em universidades e institutos federais para estudantes que cursaram integralmente o ensino médio em escolas públicas

FARADAY AO DÍNAMO – DISPOSITIVO DE SEGURANÇA NAS BICICLETAS

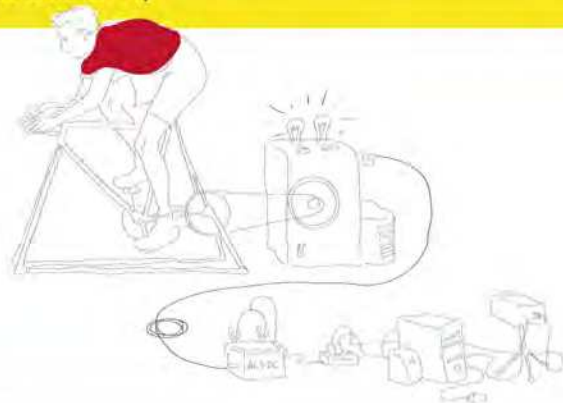
E.E. JOÃO RODRIGUES DA SILVA
PRUDENTE DE MORAIS (MG)

RESUMO:

Um grupo de estudantes criou um sistema de sinalização para bicicletas, inspirado nos estudos de Faraday e nos princípios do dínamo. A proposta era desenvolver um dispositivo simples, eficaz e de baixo custo para melhorar a segurança de ciclistas – especialmente em trajetos noturnos.

Com essa proposta, o trabalho foi selecionado para participar de duas feiras: a Expo Ingeniería, na Costa Rica, com estudantes da América Latina, e a Mostra Inova Minas, promovida pela FAPEMIG, em Belo Horizonte.

Os estudantes também foram contemplados com bolsas de iniciação científica júnior, para seguir investigando o tema com apoio da universidade e do CNPq.



AUTORES:

Gabriela Santana de Abreu, Laressa da Silva Oliveira e
Pedro Henrique Ronaldo Goulart
Orientador: Prof. Giezi Américo Reginaldo



Para investigar:

- Em que momento da história da UFMG Jovem você imagina que esse projeto foi apresentado?
- Você acha que a ciência pode ajudar a deixar o dia a dia mais seguro e divertido? Pode dar exemplos?
- O que muda quando um projeto local é levado para uma feira internacional?

Resposta: Este projeto foi apresentado na UFMG Jovem de 2015

2013

XIV UFMG Jovem

Data de realização: 3 a 5 de julho de 2013

Coordenadora geral: Prof.ª Sylvania Sousa do Nascimento

Tema: Ano Internacional de Cooperação pela Água



UFMG lança a revista **Interfaces** – Revista de Extensão da UFMG, uma publicação acadêmica dedicada à divulgação de estudos, reflexões e experiências extensionistas desenvolvidas nos contextos nacional e internacional.

UFMG inicia a implementação da **Lei de Cotas**, reservando inicialmente 12,5% de suas vagas para tal.



COTAS PARA NEGROS NA UNIVERSIDADE

CONFERÊNCIA

AUTORES:

Jamir Calili Ribeiro (coordenador);
Marlise Matos (palestrante) –
Depto. Ciência Política/ FaFICH –
UFMG

RESUMO:

Marlise Matos, professora do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, irá expor os principais argumentos em favor das políticas afirmativas que beneficiem os vestibulandos negros. A idéia é expor o debate sobre as cotas universitárias e lançar novos argumentos sobre a questão, principalmente a favor das cotas.



Para investigar:

- Esta conferência aconteceu em 2004. Procure, na linha do tempo, em qual ano a Lei de Cotas foi finalmente aprovada.

MINICURSO DE ESPELEOLOGIA

MINICURSO

AUTORES:

Castor CARTELLE (coordenador) –
IGC/UFMG

RESUMO:

A Espeleologia, não apenas menciona o estudo de cavernas, mas tudo aquilo que compreende um ambiente dito 'cavernícola' - sua relação atual e histórica com homem e fauna, formação, biologia, paleontologia, entre outros. Minas Gerais destaca-se por ser o estado de maior concentração de cavernas do país e berço da espeleologia com os trabalhos de Peter Lund. Os objetivos do minicurso são de apresentar ao público desde conceitos históricos e mitológicos, formação de cavernas e espeleotemas, arqueologia, paleontologia e biospeleologia até técnicas de exploração.



Para investigar:

- Que áreas do conhecimento estão envolvidas nesse curso?

Este minicurso aconteceu em 2004.

2014

XV UFMG Jovem

Data de realização: 29 a 31 de outubro de 2014

Coordenadora geral: Prof.ª Sylvania Sousa do Nascimento

Tema: 15 anos da UFMG Jovem e Exposição Beatriz Alvarenga

m

Edição especial de 15 anos da UFMG Jovem voltada à valorização de sua trajetória. A programação incluiu uma homenagem à professora Beatriz Alvarenga, fundadora da feira, reconhecendo seu papel na promoção da cultura científica junto à educação básica.

O CONSUMISMO E A INFLUÊNCIA DAS REDES

COLÉGIO SANTA MARIA BETIM

RESUMO:

Esta pesquisa tem como principal objetivo investigar como o Instagram e o consumismo estão relacionados. Parte da ideia se resume na busca de respostas e de dados sobre o porquê do consumo inconsciente e exagerado vem tomando conta da sociedade, e como as redes sociais atuam nesse processo. Para isso foi usado a pesquisa bibliográfica em sites de artigos científicos, tendo como objeto de estudo o marketing digital propagado na mídia relacionado à compra de produtos. Nesse sentido, a pesquisa será realizada de modo qualitativo e quantitativo, no qual será feito um levantamento de dados a partir de um formulário direcionado aos alunos do ensino médio de uma instituição privada para obter informações sobre o que é mais requisitado, seja em quantidade ou em qualidade. É importante destacar que o projeto está em desenvolvimento e ainda não houve resultados. Em suma, espera-se que o projeto em si faça com que o consumidor, em especial os jovens, tenha uma visão mais ampla sobre o marketing digital na internet e que saiba administrar melhor o seu capital.



AUTORES:

Leonardo França, Vinicius Nogueira, Miguel Scofield, Estevão Fernandes, Gabriel Barros
Orientadores: Rafael Augusto Gonçalves
Graciele Batista Gonzaga



Para investigar:

- Como o Instagram aparece nesta pesquisa: como rede social, ferramenta de publicidade ou ambiente de influência?
- Que áreas do conhecimento estão envolvidas nessa proposta?
- Que elementos do texto ajudam a perceber que esse projeto foi feito recentemente? Você consegue imaginar em que período ele foi apresentado?

Resposta: Este projeto foi apresentado no UFMG Jovem de 2022

2015

XVI UFMG Jovem

Data de realização: 12 a 14 de novembro de 2015

Coordenadora geral: Prof.ª Silvania Sousa do Nascimento

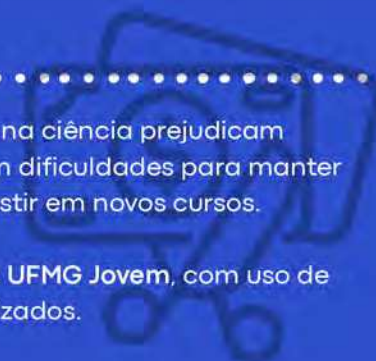
Tema: Luz, ciência e vida



Cortes orçamentários na educação e na ciência prejudicam Universidades Federais, que enfrentam dificuldades para manter serviços básicos, ampliar vagas e investir em novos cursos.



Consolidação da identidade visual da UFMG Jovem, com uso de logotipo e elementos gráficos padronizados.



NOÇÕES DE BRAILLE

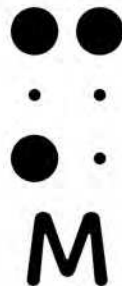
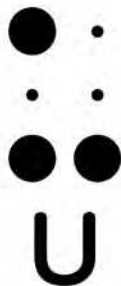
OFICINA

AUTORES:

Silvania Sousa do NASCIMENTO
(coordenadora) –
Depto. de Métodos e
Técnicas de
Ensino/Faculdade de
Educação – UFMG;
Ana Paula Bossler DA
COSTA
(subcoordenadora) –
Faculdade de
Educação/UFMG

RESUMO:

Os participantes serão apresentados ao sistema de escrita em relevo idealizada por Louis Braille, no século XV, e convertida em alfabeto para a escrita e leitura dos portadores de deficiência visual. Durante a oficina, os participantes terão a oportunidade de escrever utilizando a máquina Perkins e a Reglete, equipamento próprio para a escrita Braille, assim como treinar a leitura e reconhecer os números.



Para investigar:

- Por que você acha importante que mais pessoas conheçam o alfabeto Braille, mesmo que não sejam cegas?
- Qual a importância de trazer temas de acessibilidade para dentro de uma feira de ciência?

Esta oficina aconteceu na UFMG Jovem em 2003.

2016

17ª UFMG Jovem

Data de realização: 15 a 17 de setembro de 2016

Coordenadora geral: Prof.ª Silvania Sousa do Nascimento

Tema: Inovação sustentável



I Encontro Mundial de Pesquisa & Extensão Universitária acontece na Colômbia.



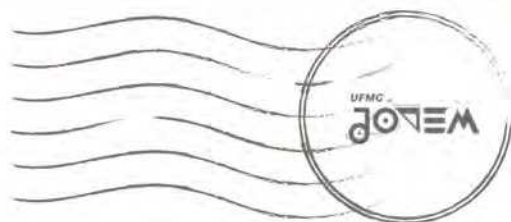
Congresso aprova a Emenda Constitucional nº 95/2016, que institui o Teto de Gastos e limita por 20 anos o crescimento dos gastos públicos federais, incluindo investimentos em educação, ciência e saúde.

CONHECENDO AS CIDADES E FAZENDO AMIGOS ATRAVÉS DE CARTAS

CECIMIG

RESUMO:

Esse trabalho foi desenvolvido na disciplina GTD, com os seguintes objetivos: conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos sociais de algumas cidades brasileiras e suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre elas; utilizar métodos de pesquisa e de produção de textos de conteúdo histórico e geográfico, aprendendo a ler diferentes registros escritos, iconográficos, sonoros entre outros; valorizar o patrimônio sociocultural; respeitar a diversidade e favorecer a troca de experiências e conhecimento sobre as várias cidades brasileiras com sua diversidade histórico-cultural, mediante a troca de correspondências entre os alunos do GTD e os da escola estadual Francisco Dias, da cidade de Virgíniópolis/MG.



AUTORES:

Coordenadora: Araci Rodrigues Coelho - Escola Fundamental do Centro Pedagógico da UFMG

Subcoordenadores: Cristiane Eler - Escola Fundamental do Centro Pedagógico da UFMG, Iêda Celeste dos Santos - Escola Fundamental do Centro Pedagógico da UFMG

Monitores: Júlia Parreiras de Matos, Fernanda Luma Lotti Curvellano, Juliana de Lima Gomes, Ana Célia Silva Rosa, Railon Marcelo de Souza, Victor Santos Boroni, Raul Felipe Alves Fonseca, Diego Lucas Silveira de Oliveira Pinto, Louisy Rafaela Batista de Souza, Luiza Vitória Domingos, Lucas Oliveira Sousa Silva.



Para investigar:

- Com base no formato da proposta e no uso da correspondência, você consegue imaginar em que época ele foi realizado?
- Como você acha que seria trocar cartas ao invés de mensagens de celular ou redes sociais? O que muda na experiência?
- O que gostaria de contar sobre a sua cidade para alguém que nunca esteve nela?

Resposta: Este projeto foi apresentado na UFMG Jovem de 2005.

2017

18ª UFMG Jovem

Data de realização: 18 a 22 de julho de 2017

Coordenadora geral: Prof.ª Sylvania Sousa do Nascimento

Tema: Transformações e Maioridade



Marcha pela Ciência ocorre em mais de 400 cidades ao redor do mundo. Em Belo Horizonte, as atividades foram realizadas na Praça da Liberdade, em defesa do financiamento da pesquisa e do reconhecimento da produção científica, contando com a participação da UFMG.

OS MORCEGOS E AS CAVERNAS

EXPOSIÇÃO INTERATIVA



AUTORES:

Coordenadora:
Armanda Sales -
Cenex do
MHNJB/UMFG
Subcoordenador:
Arlan Murilo Pereira
de Oliveira - Cenex
do MHNJB/UMFG

RESUMO:

No ambiente cavernícola determinadas espécies de morcegos são essenciais por importarem grande parte da matéria orgânica nesses ambientes. Existem espécies cujas atividades alteram significativamente as características do habitat, afetando a sobrevivência de muitas outras espécies. A simples retirada de morcegos vampiros, o mais comum é o "Desmodus rotundus", maior vilão entre os morcegos neotropicais, pode alterar toda a estrutura da comunidade nesses locais.

ARANHAS

EXPOSIÇÃO INTERATIVA

AUTORES:

Ana Cristina Ribeiro
Vaz
Marcos Cabral de
Melo
Monitor: Vinícius
Cristiano de Azevedo

RESUMO:

Nesse trabalho foram estudadas as características físicas, comportamentais e ecológicas da aranhas. Foi feita uma visita ao Laboratório de Aracnologia do ICB, onde foi possível conhecer um pouco mais sobre técnicas de captura e estudo desses aracnídeos.



Para investigar:

- Que tipos de conhecimento foram mobilizados nessas exposições?
- Você consegue identificar as pistas no texto que indiquem em que época esses projetos foram realizados?

Resposta: As exposições ocorreram em 2005.

2018

19ª UFMG Jovem: conhecimento para todas e para todos

Data de realização: 25 a 27 de outubro de 2018

Coordenadora geral: Prof.ª Débora d'Ávila Reis

Tema: Ciência, Tecnologia e Matemática para o bem comum



Primeira edição do #ExploraUFMGJovem, mostra de caráter não competitivo, que teve por objetivo apresentar ao público da UFMG Jovem (estudantes, professores(as) e pessoas interessadas) a produção de conhecimento em diversas áreas de dentro da Universidade.



Para investigar:

Esses dois personagens fizeram parte da identidade visual da UFMG Jovem por um breve período.

- Que tipo de público esses personagens parecem representar ou atrair?
- O que suas roupas e o modo como foram desenhados podem dizer sobre a época em que foram criados?
- Em que momento da história da feira você acha que eles apareceram?

Resposta: O Joventino foi criado em 2003 e a Jovelina apareceu em 2004.

2019

20ª UFMG Jovem: conhecimento para todas e para todos

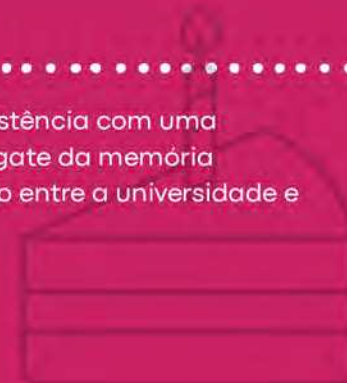
Data de realização: 19 e 20 de setembro de 2019

Coordenadora geral: Prof.ª Débora d'Ávila Reis

Tema: Biodiversidade, Tecnologia e Arte



UFMG Jovem celebra seus 20 anos de existência com uma edição comemorativa que enfatiza o resgate da memória institucional e o fortalecimento do vínculo entre a universidade e a educação básica.





🔍 Para investigar:

As imagens mostram momentos reais de uma edição passada da UFMG Jovem. Estudantes apresentando projetos, visitantes circulando, oficinas com crianças, cartazes, barracas, movimentos no campus.

- Alguns projetos falam sobre meio ambiente, cultura nordestina, energias renováveis, nutrição, software educativo. Outros discutem literatura, saúde ou a revitalização de espaços urbanos. O que mais se pode observar?



🔍 Para investigar:

- O que essas imagens mostram sobre o tipo de público da feira? Quem está apresentando? Quem está ouvindo?
- Como os estudantes se posicionam como autores dos projetos?
- Sem olhar a data no cartaz: que elementos te ajudariam a imaginar o ano desta edição?

Resposta: Estes projetos foram apresentados na UFMG Jovem de 2010.

2020

21ª UFMG Jovem: conhecimento para todas e para todos

Data de realização: 10 e 11 de dezembro de 2020

Coordenadora geral: Prof.ª Ana Cristina Ribeiro Vaz

Tema: Tecnologias, Ciência e Criatividade: de casa para o mundo



Pandemia de Covid-19 toma o mundo e condiciona as pessoas a ficarem em casa para prevenir a contaminação com o vírus SARS-CoV.



UFMG Jovem acontece de forma totalmente **virtual**. Foi criado um site próprio para a divulgação do evento, que atualmente encontra-se fora do ar.



Para investigar:

Estas duas imagens fizeram parte da identidade visual da UFMG Jovem em anos diferentes. Cada uma foi criada a partir de um tema específico, com uma proposta gráfica, paleta de cores e estilo visual próprio.

- Mas o que será que essas imagens dizem sobre a feira em cada época? O que muda? O que permanece?

Respostas: Esta identidade visual é do ano de 2015.



Para investigar:

- Você consegue imaginar em que período cada uma dessas imagens foi usada?
- Qual delas parece mais recente? Por quê?

Respostas: Esta identidade visual é do ano de 2021.

2021

22ª UFMG Jovem

Data de realização: 9 e 10 de setembro de 2021

Coordenadora geral: Prof.ª Ana Cristina Ribeiro Vaz

Tema: Conhecimentos em diálogo pela vida no planeta



Primeira **vacina** contra o Covid-19 no Brasil é aplicada na enfermeira Mônica Calazans.



UFMG Jovem continua sendo realizado de forma totalmente virtual. Primeira edição do **Conversa com Cientistas**, evento que propõe rodas de conversa entre pesquisadores(as) proponentes e estudantes do Ensino Fundamental ou Médio.

AQUECEDOR SOLAR DE BAIXO CUSTO PRODUZIDO COM PLACA DE ALUMÍNIO

COLTEC

RESUMO:

O trabalho apresenta o desenvolvimento de um aquecedor solar de baixo custo para uso residencial, feito com placas de alumínio e um sistema fechado de transmissão de calor. O protótipo é testado e comparado a modelos feitos de PVC e latão, mostrando que o alumínio oferece melhor relação entre eficiência e custo, além de ser fácil de encontrar e manipular. O sistema é simples de montar, acessível para famílias de classe média e baixa, e pode ajudar a reduzir o consumo de energia elétrica para aquecimento de água. Os autores destacam a importância de divulgar o funcionamento do sistema e sugerem que melhorias futuras podem aumentar ainda mais sua eficiência e viabilidade econômica.



AUTORES:

Emanuel Reis de Melo
Luiz Henrique Diniz Ferreira
Orientadores:
Giovanna Azevedo
Alberto de Figueiredo Gontijo



Para investigar:

- Você consegue imaginar em que período esse projeto foi realizado, com base no tema e na linguagem?
- Esse tipo de solução pode ser mais útil em que regiões ou contextos?

Resposta: Este projeto foi apresentado na UFMG Jovem de 2012.

2022

23ª UFMG Jovem

Data de realização: 21 a 23 de setembro de 2022

Coordenadoras: Prof.ª Ana Cristina Ribeiro Vaz e

Prof.ª Débora d'Ávila Reis

Tema: Ciência, Tecnologia, Arte e Cultura no exercício da Cidadania



Aumento da cobertura vacinal contra o Covid-19 possibilita que a UFMG Jovem ocorra de forma **híbrida**, retornando com algumas atividades presenciais - #ExploraUFMG e Conversa com Cientistas - e outras virtuais - Feira da Educação Básica, Mostra Nacional de Educação em Ciências da Vida e da Natureza, Desafio: Ciência, Tecnologia, Arte e Cultura no exercício da Cidadania?

A INFLUÊNCIA DOS QUILOMBOLAS NA CULTURA NORTE-MINEIRA

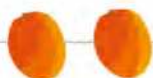
ESCOLA ESTADUAL
IRMÃ BEATA

RESUMO:

O trabalho analisa a influência dos quilombolas na cultura do norte de Minas Gerais, destacando como essas comunidades surgiram da resistência à escravidão e contribuíram para a formação de uma sociedade mais diversa e igualitária na região. O estudo apresenta aspectos históricos, sociais e culturais dos quilombos, descreve suas tradições, atividades típicas e vocabulário, além de abordar a luta atual dos quilombolas pela terra e pela preservação de sua identidade. A pesquisa ressalta a importância dessas comunidades na construção da história e cultura norte-mineira.

AUTORES:

Thalita Farias Ruas
Nataly Pereira Ribeiro
João Paulo Rodrigues Silva
Orientador: Regina Coeli Rodrigues



PROJETO PEDAGÓGICO TEATRO E CIÊNCIA

COLÉGIO SANTO
AGOSTINHO

AUTORES:

Thiago Grasião
Mendes de Sá

RESUMO:

Este trabalho descreve um projeto pedagógico realizado com alunos da 1ª série do Ensino Médio, no qual grupos criam e apresentam peças de teatro científico que incluem experimentos e discussões sobre temas ligados à ciência. O objetivo é tornar o aprendizado mais interdisciplinar, lúdico e acessível, promovendo a alfabetização científica e o engajamento dos estudantes por meio da integração entre ciência e arte.



Para investigar:

- Quais formas de conhecimento aparecem nesses trabalhos?

Os projetos foram apresentados na UFMG Jovem de 2008.

2023

24ª UFMG Jovem

Data de realização: 14 e 15 de setembro de 2023

Coordenadora geral: Prof.ª Ana Cristina Ribeiro Vaz

Tema: Ciência, Cultura e Diversidade dos Povos: saberes em prol da vida



Avanços tecnológicos marcam o ano, em especial a difusão global de sistemas de **Inteligência Artificial** generativa (como o ChatGPT).



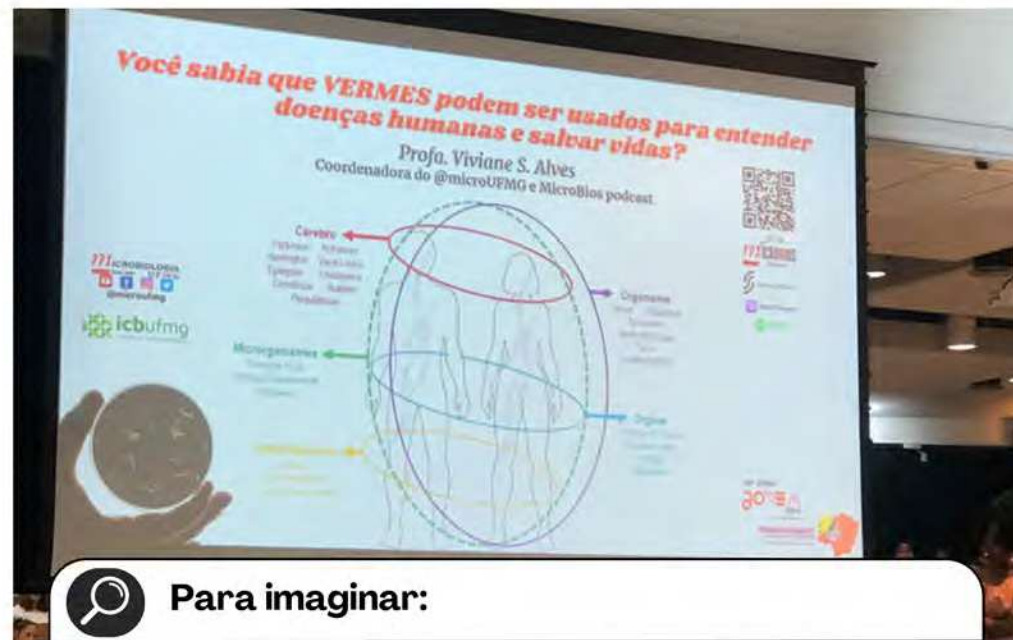
Governo brasileiro cria o **Programa Nacional de Popularização da Ciência (Pop Ciência)** pelo Decreto nº 11.754. O programa define diretrizes para alfabetizar cientificamente a população e incluir grupos sub-representados na ciência e tecnologia.



Para investigar:

- Quais perguntas você faria aos cientistas hoje?

Conversa com cientistas na UFMG Jovem 2024.



Para imaginar:

- Quais perguntas os cientistas estarão fazendo daqui 25 anos?

Conversa com cientistas na UFMG Jovem 2024.

2024

25ª UFMG Jovem

Data de realização: 7 e 8 de outubro de 2024

Coordenadora geral: Prof.ª Renata Amaral de Matos Rocha

Tema: Minas é um mundo: diversidade, saberes e tecnologias sociais



UFMG Jovem comemora **25 anos** promovendo encontros e trocas com professores e alunos do ensino básico de Minas Gerais. Neste ano, junto com o 3º Congresso Nacional de Inovação e Popularização da Ciência, o evento inclui a tradicional feira, desafios para estudantes, conversas com cientistas e a atividade #ExploraUFMG.

E agora, o que você faria?

Você chegou até aqui como quem monta um quebra-cabeça: olhando pistas, cruzando dados, investigando temas, descobrindo fragmentos.

Cada projeto que passou por estas páginas representa alguém que fez uma pergunta e encontrou um jeito de buscar respostas.

E agora? Que perguntas você carregaria para uma feira como essa?

Qual tema te atravessa?

O que te dá vontade de entender melhor, mudar, construir?

A história da UFMG Jovem é feita de muitos pedaços e também de muitos recomeços.

Depois de tudo isso, **o que você deixaria aqui para quem virá depois?**



Suas ideias de pesquisa

Pense em um tema. Um título. Um jeito de apresentar. Um problema a resolver. Quais pistas sobre o tempo atual um pesquisador encontraria no seu projeto daqui a 25 anos?



Você sabe o que isso quer dizer?

A UFMG tem um idioma próprio. Ele é feito de siglas, expressões, jeitos de falar e de escrever que às vezes não parecem feitos pra quem vem de fora. Mas você tem todo o **direito de entender** — e de **perguntar**. Aqui, a gente começa a traduzir. Mas o glossário não está completo. **Ele vai sendo feito com você**. Pegue qualquer palavra que você não conheça no almanaque ou na feira. **Pesquise. Pergunte. Pergunte de novo.** E depois... **escreva aqui.**

TEMA TRANSVERSAL

Um assunto que atravessa vários projetos diferentes. Pode ser algo como “meio ambiente”, “tecnologia” ou “saúde”.

CAMPUS

Espaço onde ficam os prédios e laboratórios da universidade. A UFMG tem vários!

PROJETO

É o nome que damos às ideias que viram experiências, experimentos, invenções ou descobertas — e que são apresentadas na feira.

PÔSTER

Forma comum de apresentar projetos de pesquisa na feira. Tem medida certa, mas espaço pra tudo. O importante é que alguém fique ali do lado, pronto pra contar uma história.

ANAIS

Coletânea de resumos dos trabalhos apresentados na feira. Um documento que fica com a história registrada.

INTERDISCIPLINARIDADE

Palavra comprida pra dizer que as coisas se misturam. Quando física encontra arte, quando história conversa com química, quando saberes se cruzam sem pedir licença. Quando diferentes matérias e áreas do saber se misturam num mesmo projeto.

PROJETO DE EXTENSÃO

É quando a universidade se estica pra fora dela mesma. Quando o saber sai dos muros e se conecta com escolas, bairros, comunidades em atividades, cursos, projetos. A feira é uma extensão da Universidade, que chegou até você.

PROEX

Pró-Reitoria de Extensão. É a parte da UFMG que cuida das ações que aproximam a universidade da sociedade, como a UFMG Jovem. Nem sempre aparece, mas quase tudo passa por ela.

DADOS

Informações que a gente coleta, organiza e interpreta pra tentar entender alguma coisa. Mas números sozinhos não explicam tudo — é preciso saber perguntar, e também escutar o que os dados não mostram.

CERTIFICADO

Comprovação de que você participou da UFMG Jovem.

EDITAL

Documento que explica as regras pra participar. Tem prazo, tem critério, tem burocracia. Mas também tem a primeira pergunta: "E se a gente tentasse?"

HIPÓTESE

Ideia inicial que orienta uma pesquisa. É o "e se...?" que pode virar certeza, surpresa ou recomeço.

CAD

Centro de Atividades Didáticas. Nome técnico dos prédios da UFMG onde muita coisa acontece. Inclusive algumas edições da UFMG Jovem.

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Primeiro passo de alguém no mundo da pesquisa. Pode começar com uma dúvida no recreio, um experimento na sala ou um "por quê?" que ninguém soube responder.

METODOLOGIA

É o caminho que se escolhe para uma pesquisa seguir. Mostra como se pergunta, onde se busca e com quem se caminha. Diz tanto sobre o que se quer saber quanto sobre como se quer pesquisar.

PESQUISADORA

Pessoa que estuda, observa, registra, experimenta e pesquisa. Pode usar jaleco ou chinelo, computador ou caderno. A pesquisa começa quando a curiosidade encontra método.

Pegue qualquer palavra que você não conheça no almanaque ou na feira. **Pesquise. Pergunte. Pergunte de novo.** E depois... **escreva aqui.**

E hoje, o que está acontecendo com a feira?

A história da UFMG Jovem não termina neste almanaque. Ela continua sendo feita — neste ano, agora mesmo. A cada nova edição, novos projetos chegam, novas perguntas são feitas, outras escolas participam.

Algumas coisas mudam. Outras retornam.

Algumas se repetem com outras palavras.

Se você quer descobrir como está a feira neste momento, aponte a câmera de um celular para o QR code abaixo e acesse a página oficial do evento.

Lá, você encontra o tema do ano, as atividades previstas, os editais, as datas, e quem sabe, da próxima vez... o seu nome na lista de participantes.



Quer saber o que está rolando na feira agora?
Acesse e descubra a edição atual.

Almanaque UFMG Jovem – 25 anos

Produzido como parte do projeto de pesquisa e dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. Glaucinei Rodrigues Corrêa

Giovana Machado

Projeto gráfico:

Giovana Machado

Ícones e ilustrações fornecidos por Canva.com

Fontes de dados:

Anais da UFMG Jovem (1999–2024)

Relatórios institucionais

Arquivos digitais da DDC - PROEX UFMG

Imagens e cartazes:

Acervo UFMG Jovem, Arquivo Cedecom - UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte - 2025



ANEXOS

ANEXO A - UNIVERSIDADE TERÁ PROJETO VOLTADO PARA PÚBLICO JOVEM

Universidade terá projeto voltado para público jovem

UFMG Jovem é inspirado em atividade da Reunião Anual da SBPC

Cibelle Bouças *

Oficinas, conferências, mesas-redondas, exposições interativas, sessões de contos e histórias, sala de leitura e de micros e apresentação de vídeos. Essas são algumas das atividades do Projeto UFMG Jovem, que será realizado entre 26 e 28 de fevereiro do ano que vem. A iniciativa é inspirada na SBPC Jovem, evento que integrou a programação da 49ª Reunião Anual para o Progresso da Ciência, realizada no campus da Pampulha, em 1997.

A coordenadora geral do projeto, professora Beatriz Alvarenga, do departamento de Física do Icx, explica que o objetivo é difundir conhecimentos de pesquisas desenvolvidas na Universidade entre crianças e adolescentes dos ensinos fundamental e médio. Beatriz lembra que a reunião da SBPC Jovem realizada na UFMG trouxe inovações que ampliaram o interesse do público. "Apresentamos atividades de todos os áreas, e não apenas em exatas e biológicas", explica.

A programação da UFMG Jovem será dividida em grupos. O primeiro reunirá crianças entre sete e nove anos. O segundo destina-se a adolescentes

entre dez e 14 anos. Jovens acima de 15 anos participam do terceiro grupo. Já professores dos níveis fundamental e médio e alunos de licenciatura estarão no último segmento.

As sessões de contos e histórias são atividades que se destinam principalmente às crianças. Uma sala de leitura será preparada para que o público infantil tenha acesso a livros e revistas especializadas e periódicos de divulgação científica. Professoras, monitores e alunos dos cursos de licenciatura da Universidade estarão disponíveis para orientar os interessados.

Estão previstas cerca de cem oficinas e duas mil vagas. O evento é gratuito e todas as atividades ocorrerão no Instituto de Ciências Exatas (ICEx), no campus Pampulha.

Banco de dados

Além da reunião em fevereiro, o projeto prevê atividades para todo o ano. Serão oferecidos palestras, cursos rápidos, exposições itinerantes em cidades do interior de Minas e atendimento a professores. Como preparação para essas atividades, as coordenadoras do Projeto estão organizando um banco de dados

com trabalhos e produtos da Universidade de interesse da comunidade em geral. Os interessados em indicar trabalhos que possam ser apresentados em forma de palestras ou exposições itinerantes devem procurar a secretaria do Projeto, na sala 2035 do Icx, até o dia 14 deste mês.

O atendimento a professores e estudantes dos ensinos fundamental e médio será feito por alunos de licenciatura da UFMG. "Nosso objetivo é fazer com que esses estudantes tenham uma formação adequada às exigências do mercado de trabalho", diz a secretária executiva do Projeto, Maria Helena Michel.

* Estagiária de Jornalismo no Icx

Confira as datas

Os interessados em participar do UFMG Jovem devem apanhar a programação e a inscrição a partir de 15 de novembro. A programação será obtida diretamente na Secretaria Executiva do Projeto, sala 2035 do ICEx, telefax 499-5818, e-mail: ufmg.jovem@reitoria.ufmg.br, homepage <http://www.ufmgjovem.ufmg.br/jovem>

As inscrições serão feitas a partir de 5 de janeiro de 99.

Reitor lança folder institucional

O reitor Sá Barreto lançou, no dia 31 de agosto, em café da manhã com dirigentes da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), o novo folder institucional da UFMG.

A publicação de oito páginas e tiragem inicial de 15 mil exemplares apresenta informações gerais sobre a Universidade, tais como vestibular, estrutura física, cursos de graduação e pós-graduação e eventos. De acordo com a responsável pelo projeto gráfico, Najla Muchrek, a concepção do folder é inovadora, apresentando

duas cores básicas e alternando textos, fotos e ilustrações. "A ideia é mostrar a UFMG como referência nacional de forma abrangente, leve e ágil e com uma linguagem mais enxuta", explica.

Outro destaque gráfico do folder, segundo Najla, são os tons azuis utilizados nas fotografias. O folder, que será distribuído para a comunidade acadêmica, também ajudará a divulgar a UFMG



internacionalmente.

Os interessados em obter o folder devem entrar em contato com Viviane, na Coordenadoria de Comunicação Social (CCS), pelo telefone 499-4185.

ANEXO C - RESOLUÇÃO Nº 03/2000 DE, 25 DE MAIO DE 2000**RESOLUÇÃO Nº 03/2000, DE 25 DE MAIO DE 2000**

Institucionaliza o "Programa UFMG Jovem - conhecimento para todos".

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, considerando a proposta de criação do "Programa UFMG Jovem - conhecimento para todos", elaborada por Comissão Especial nomeada pelo Reitor, através da Portaria nº 185/99, bem como a necessidade de:

- articular e ampliar a difusão local e regional do conhecimento produzido pela Instituição, sobretudo para a comunidade do ensino fundamental e médio/técnico;
- estimular a comunidade acadêmica a elaborar projetos de ensino e de pesquisa que se caracterizem por inovações didático-pedagógicas, em linguagem lúdica e de ampla acessibilidade ao cidadão;
- proporcionar condições para a iniciação profissional do corpo discente, sobretudo para os alunos dos Cursos de Licenciatura;
- aumentar o leque de participação e conhecimento da Universidade com relação à sociedade,

Resolve:

Art. 1º Institucionalizar o "Programa UFMG Jovem - conhecimento para todos", como projeto acadêmico da Universidade.

Art. 2º O "Programa UFMG Jovem - conhecimento para todos" será implementado com o apoio de uma Comissão Assessora e de uma Coordenação Geral, a qual contará com uma Secretaria Executiva.

§ 1º O Coordenador Geral do Programa será de livre escolha do Reitor.

§ 2º A Secretaria Executiva será chefiada por servidor indicado pelo Coordenador do Programa e nomeado pelo Reitor.

§ 3º A Comissão Assessora terá como função assessorar a Reitoria em assuntos de sua competência.

Art. 3º A Comissão Assessora será constituída:

I - pelo Coordenador Geral do Programa, na qualidade de Presidente;

II - pelo Secretário Executivo do Programa;

III - por 1 (uma) representação (titular e suplente) de cada uma das seguintes áreas do conhecimento:

- a) Saúde;
- b) Ciências Biológicas e Agrárias;
- c) Ciências Exatas e da Terra;
- d) Engenharias;
- e) Ciências Humanas;
- f) Ciências Sociais Aplicadas;
- g) Letras e Artes.

IV - por 1 (uma) representação (titular e suplente) do Centro Pedagógico (Colégio Técnico e Escola Fundamental);

V - por 3 (três) representantes do ensino fundamental e médio / técnico, um de cada rede de ensino (estadual, municipal e privado), respectivamente indicados pelo Secretário de Estado da Educação de Minas Gerais, pelo Secretário Municipal de Educação e pelo Sindicato Patronal dos Estabelecimentos de Ensino Privado.

VI - por 1 (um) representante dos Museus da UFMG.

Parágrafo único - Os nomes dos representantes referidos no inciso III deste artigo serão indicados ao Reitor pelos respectivos Diretores de Unidades Acadêmicas e, caso alguma área do conhecimento não tenha representação designada, caberá à Comissão Assessora propor sua substituição por outra, prevalecendo aquela que tiver maior identidade com o Programa.

Art. 4º Caberá à Comissão Assessora do "Programa *UFMG Jovem*" elaborar seu próprio Regimento Interno, no qual se estabelecerão os objetivos gerais e específicos, as atribuições e competências particulares.

Art 5º Esta resolução entra em vigor nesta data.

Prof. Francisco César de Sá Barreto

Presidente do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão